

A missão de interceder

Oração na obra missionária



Durvalina B. Bezerra

A missão de interceder



Tudo na obra de Deus deve ser feito sobre a base sólida da oração. E muito especialmente a missão transcultural. Na verdade, se houver um grande despertamento para oração pelos campos missionários, o nosso avanço será mais amplo e mais rápido. Este livro pode nos ajudar a alcançar esse alvo.

A missão de interceder me alegra e me anima, porque não é puramente uma exposição teórica da oração. Apresenta a prática da oração. Sua leitura é estimulante e nos leva a desejar orar mais e aprender a ciência da oração. Essa tarefa é tão simples que até uma criança sabe fazê-lo, e ao mesmo tempo tão profunda e complexa que até o intercessor mais experiente percebe que ainda sabe muito pouco dessa arte divina.

Na prática da intercessão pela missão temos de aprender a fazer guerra espiritual. A prof. Durvalina traz uma importante fundamentação bíblica para essa área da intercessão. Também motiva tanto os missionários nos campos como a força-tarefa da retaguarda a mover guerra espiritual para que as conquistas do evangelho se realizem.

Comecei aos dezessete anos a ler os livros disponíveis naquela época sobre avivamento, incluindo biografias de homens de oração, e sempre volto a ler sobre a vida de oração de homens e mulheres de Deus que fizeram diferença nesse mundo exatamente por causa do tempo que gastaram em oração e pela qualidade da sua vida de oração. A vida deles me inspira a orar mais.

Que este livro nos leve a organizar *passos práticos* para orar mais e melhor. Que o nosso Rei e Senhor use este livro para nos ajudar no avanço missionário através da oração.

Pr. Jonathan Ferreira dos Santos

EDITORA
Descoberta

ISBN 85-87143-44-1



9 788587 143440

Durvalina Barreto Bezerra

A MISSÃO DE INTERCEDER

Oração na obra
missionária

Editora Descoberta Ltda
Londrina

Ficha catalográfica elaborada pela
Faculdade Teológica Sul Americana – Londrina/PR:

Bezerra, Durvalina Barreto

Intercessão por missão/ Durvalina Barreto Bezerra.

Londrina: Descoberta, 2001.

272p.

ISBN: 85-87143-44-1

1. Literatura devocional 2. Missão – Intercessão 3.
Evangelização – Intercessão 4. Missão – Oração 5. Evangelização
– Oração I. Título.

Índice para catálogo sistemático: CDD 242.72

Copyright © 2001 por Durvalina B. Bezerra

1ª edição: 2001

Reimpressão: 2003

Coordenação de produção: Hans Udo Fuchs

Revisão: Cláudia Mércia Eller Miranda

Capa: Luciana Marinho

Diagramação: Marianne Bettina Richter

Impressão: Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados para:

Descoberta Editora Ltda.

Rua Pequim, 148

Londrina/PR 86050-310

Endereço eletrônico: editora@descoberta.com.br

Página na internet: descoberta.com.br

Editora filiada à ABEC

ÍNDICE

Introdução	11
Prefácio	13
I - O intercessor e o seu Deus	19
Conhecimento revelacional	21
Conhecimento relacional	30
Conhecimento contextual	51
II – Princípios da intercessão	67
Oração no Espírito	68
Coração ardente	72
Identificação	76
Fé operosa	79
Persistência	83
Prontidão	85
III – Tarefas do intercessor	91
Ministrar perante o Trono a favor da Igreja	92
Levar as nações à memória de Deus	117
Interceder pelas escolas de formação de obreiros	124
Oferecer os filhos no altar do Senhor	144
Formar uma retaguarda para o missionário	150
IV - O combate espiritual em missões	167
Batalha espiritual e Reino de Deus	169
Ciladas do diabo na vida pessoal e ministerial	176
Estratégias de Satanás para impedir a obra de Deus ...	184
O enfrentamento com o adversário.....	191
Anjos, um recurso divino na batalha espiritual.....	220
V - A história de missões e a ação intercessória	229
VI - Passos práticos para ativar o ministério de oração.....	245
Posfácio	259
Bibliografia	263
Endereços	267

GRATIDÃO

Ao Rei eterno, soberano Senhor, minha reverência e louvor; querido Pai e fiel Companheiro, meu amor e amizade; Deus de toda sabedoria e conhecimento, minha profunda gratidão.

Ao meu querido pai, presbítero Nicodemos Bezerra Neves (*in memoriam*) por validar em seu testemunho de vida a eficácia da oração, e pelos benefícios que as suas orações trouxeram à minha vida.

Minha gratidão ao Betel Brasileiro, que me ensinou estudar a Bíblia fazendo a interação com o Espírito que a inspirou.

Agradeço à jornalista Cláudia Mércia Eller Miranda pela disposição para a revisão do texto, ao Pr. Cléber Jorge Gonçalves Alho pela avaliação do conteúdo, a Severina Helena Linhares Dutra e Andréa Fagundes pela ajuda na digitação dos originais, e a todos aqueles que me incentivaram para produzir este trabalho.

PREFÁCIO

Ao começar a ler este trabalho sobre a oração e a obra missionária, sinto-me privilegiado em escrever este prefácio, tanto por causa do assunto em si — a oração, essa bênção, essa arma poderosa, esse instrumento precioso dado pelo Deus eterno e Todo-poderoso ao ser humano, como também por causa da pessoa que o produziu.

Tenho profunda admiração pela prof. Durvalina, pelos seus conhecimentos práticos da Bíblia e da oração, pela pureza do seu caráter cristão, pelo seu jeito de liderar e de fazer a obra do Senhor. É uma bênção poder desfrutar da camaradagem de uma pessoa tão bem dotada e tão simples e humilde, como é minha irmã e amiga.

Sendo um livro que trata de intercessão no contexto missionário, o seu valor prático aumenta muito. Tudo na obra de Deus deve ser feito sobre a base sólida da oração. E muito especialmente a missão transcultural. Na verdade, se houver um grande despertar para oração nos campos missionários, o nosso avanço será mais amplo e mais rápido. Este livro pode nos ajudar a alcançar esse alvo.

Intercessão e missões me alegra e me anima, porque não é puramente uma exposição teórica da oração. Apresenta a prática da oração. Sua leitura é estimulante e nos leva a desejar orar mais e aprender a ciência da oração. Essa tarefa é tão simples que até uma criança sabe fazê-lo, e ao mesmo tempo tão profunda e complexa que até o intercessor mais experiente percebe que ainda sabe muito pouco dessa arte divina.

Ao tratar do *intercessor* e o seu Deus, a autora nos faz ver como é essencial que o intercessor conheça bem o nosso

amado Pai celestial. Esse conhecimento nos vem pela iluminação do Espírito Santo. Isto é, o Espírito opera para que a letra se torne vida, e o intercessor, lendo a sua Bíblia, vai recebendo a revelação de quem é o seu Deus.

Desejo que as agências missionárias, os conselhos missionários das igrejas, as juntas e outros órgãos denominacionais, estudem com entusiasmo o capítulo que trata da *tarefa do intercessor*. A exposição do assunto é muito esclarecedora. As práticas e os exercícios sugeridos nesse capítulo podem nos ajudar a melhorar muito os nossos programas de intercessão pelos missionários e pela obra missionária em geral.

Na prática da intercessão pela missão temos de aprender a fazer guerra espiritual. A prof. Durvalina traz uma importante fundamentação bíblica para essa área da intercessão. Também motiva tanto os missionários nos campos como a força-tarefa da retaguarda a mover guerra espiritual para que as conquistas do evangelho se realizem.

Comecei aos dezessete anos a ler os livros disponíveis naquela época sobre avivamento, incluindo biografias de homens de oração, e sempre volto a ler sobre a vida de oração de homens e mulheres de Deus que fizeram diferença nesse mundo exatamente por causa do tempo que gastaram em oração e pela qualidade da sua vida de oração. A vida deles me inspira a orar mais.

No capítulo *A história de missões e a oração*, a prof. Durvalina faz um resumo inspirador desses séculos de oração. É impossível ler esse capítulo sem se sentir atraído, outra vez, para gastar tempo com Deus em oração.

Que este livro nos leve a organizar *passos práticos* para orar mais e melhor. Que o nosso Rei e Senhor use este livro para nos ajudar no avanço missionário através da oração.

Pr. Jonatham Ferreira dos Santos

INTRODUÇÃO

Em minhas reflexões diante do meu Deus, há vários anos, especialmente nas meditações matinais, venho dedicando concentrada atenção à intercessão, quer na sua prática quer no estudo da sua essência. O Senhor me deu oportunidades para ministrar esse tema em igrejas, congressos e centros de treinamento missionário e, a partir daí, fui aprimorando o trabalho e enriquecendo-o com outros autores. Consciente da relevância do assunto, não somente para os vocacionados ao ministério transcultural, mas para todos os cristãos, e incentivada pelos próprios alunos que solicitavam o material apostilado, decidi publicá-lo.

A igreja evangélica ao redor do mundo está experimentando um despertar para a oração. Isso é motivo de louvor a Deus. Há milhões de intercessores — os guerreiros que lutam diante do trono celestial — clamando pela evangelização mundial, pelo despertar das lideranças cristãs e fazendo a retaguarda dos missionários para que cumpram a sua missão.

O ministério de intercessão é essencialmente um combate espiritual. Há urgente necessidade de nos consagrarmos à oração, porque entendemos que a igreja está vivendo uma época extremamente perigosa, quando não apenas o secularismo e o racionalismo confrontam o cristianismo, mas também o esoterismo, o satanismo e a busca de uma espiritualidade de formas e fórmulas centrada no ser humano e na energia cósmica. Se fora da igreja há esse desafio, dentro dela é preocupante a demasiada ênfase dada às obras de Satanás, ao se desconsiderar a fundamentação bíblica do assunto e seguir a tendência generalizada de ir aos extremos sem coadu-

nar o ensino das Escrituras Sagradas com as experiências; por outro lado, há aqueles cristãos indiferentes ao assunto. Entendemos que a vida de oração centrada em Deus e a prática segura do ministério da intercessão são primordiais para a igreja enfrentar o combate do reino de Cristo.

Refletimos sobre a pessoa do intercessor, com o objetivo de despertar e incentivar naquele que se dedica à oração o desejo de conhecer mais profundamente o Deus a quem ora, e enfocamos os princípios da intercessão e a tarefa do intercessor, incluindo o combate espiritual como parte integrante da tarefa. Procuramos relatar exemplos da história que comprovam o efeito da oração e oferecer algumas orientações para aqueles que desejarem dinamizar o ministério de oração da igreja local.

Defendo uma abordagem inteiramente fundamentada na Escritura Sagrada, procurando pessoalmente, antes de tudo, conhecer o que de Deus é revelado, com humildade e dependência nele, para então focar a verdade divina em toda a minha argumentação. De forma alguma me sinto modelo para tudo o que proponho nesse texto, nem desejo ser julgada como alguém que cumpre amplamente tudo que aqui foi exposto. Apenas quero compartilhar minhas preocupações com a igreja e com a obra missionária, e certificar que o ministério da oração é muito mais abrangente do que se define comumente, é desafiador e tem profundas implicações para aqueles que são chamados e inspirados por Deus para orar.

Que o Espírito Santo nos conduza a um aprendizado constante e uma prática efetiva das verdades reveladas e se aproprie desse conteúdo para nos preparar melhor para o combate do reino eterno. Ao único que é digno de toda a glória, honra e louvor, ao que está assentado no trono e ao Cordeiro, ofereçamos nossas vidas em adoração e oração, para todo o sempre.

A oração é uma arte que só o Espírito Santo pode nos ensinar.

Charles Spurgeon

Ame o mundo através da oração.

A oração é a oportunidade de transformar minutos e horas em recompensa eterna.

Wesley L. Duewel

A oração é a principal obra do ministério.

A oração testa a nossa espiritualidade.

Martyn Lloyd-Jones

O braço da oração é o serviço.

William A. Ward

A oração é a melhor prevenção contra a tentação do inconsciente.

Caio Fábio d'Araújo Filho

A oração é o suor da alma.

Martinho Lutero

A oração é a alma das nossas almas. O que a alma é para o corpo é a oração para a alma.

Vicente de Paulo

O céu acha-se sempre demais ocupado para atender oração de coração dividido.

Não há maneira de orar a Deus a não ser vivendo para ele.

O segredo do êxito no reino de Cristo é a capacidade de orar.

A lição mais importante que se pode aprender é a da oração.

A oração honra a Deus e desonra o ego.

E. M. Bounds

Oração é um maravilhoso poder colocado pelo supremo Deus na mão dos santos, o qual deve ser usado para cumprir seus propósitos.

Oração é um divino programa no governo moral de Deus designado para beneficiar o ser humano.

Oração prova a si mesma. Se alguém quer conhecer as virtudes da oração, ore.

Oração abre as portas para a entrada do evangelho. O ser humano tem limitado o poder de Deus trabalhar através da oração.

A oração é a linguagem da fé.

Oração é um grande privilégio e uma grande prerrogativa de longo e profundo alcance em seus efeitos.

Oração não é só a linguagem do espírito, mas a formadora da verdadeira essência do caráter cristão.

Oração é trabalho, é vida disciplinada.

A oração nos induz a uma vida de fé.

Quanto mais profundo é o desejo, mais ardente é a oração.

Não há incêndio sem fogo, também não há oração sem chama.

Oração é terapia para o dia da angústia.

A oração é a forma certa de cuidar da tensão e da fadiga.

Oração consiste de atenção; a qualidade da atenção conta na qualidade da oração.

Oração é sintonizar nossos sentidos com a direção de Deus.

O pulso da oração é o louvor.

O coração da oração é a gratidão.

A voz da oração é a obediência.

A oração não é algo que eu faço, mas algo que eu sou.

Oração fundada na Escritura. A verdade divina comanda a forma de orar, pois ela é o nosso espelho e padrão. A vida de Jesus e seus ensinamentos confrontam a verdade que defendemos com a verdade da sua Palavra e confronta a realidade da nossa forma de orar com os padrões que a Escritura Sagrada nos traduz.

Evidências do caráter cristão. É impossível interceder consistentemente sem a consciência de que toda a nossa vida tem implicações para a eficácia das nossas orações. "Oração não é um momento na vida, mas a vida em oração. A vida dá forma e corpo à oração."¹ Propomo-nos a refletir sobre a vida de oração antes de buscar regras de oração, porque o cristianismo genuíno não releva a prática sem examinar a fonte, não se compraz em piedade sem a evidência de um caráter digno, e não encontra valor no *fazer* sem a marca do *ser*.

Consciência da intervenção divina. Para interceder pelo mundo perdido é necessário discernir a ação divina no universo. Conhecer os princípios que regem a relação de Deus com o homem e sua manifestação na história, para saber como Deus intervém nos acontecimentos e ter as diretrizes para poder clamar pela salvação dos povos e por transformações no mundo, de acordo com os propósitos divinos e não com a visão limitada da nossa humanidade.

Por essas razões, entendemos a necessidade de refletir, antes de tudo, sobre o conhecimento de Deus, desejando que essa leitura nos dê, também, a oportunidade de avaliar nosso nível de conhecimento do Deus a quem oramos, pois conhecê-lo progressivamente nos capacita para o exercício da oração.

1. E. M. BOUNDS, *Tesouros da oração*. São Paulo, Vida, p. 32.

CONHECIMENTO REVELACIONAL

O conhecimento de Deus, muitas vezes, se resume ao conhecimento legado pela herança cultural. Sendo o Brasil um país colonizado por cristãos (na verdade, pela cristandade), mantemos uma cosmovisão de Deus dentro de uma perspectiva aliada ao contexto cultural e assumimos uma postura religiosa comum a todos os cidadãos. Somada a este legado, nossa experiência cristã também é influenciada pela tradição religiosa. Evidentemente, a tradição religiosa está ligada à questão cultural, porém distingo aqui a experiência, a prática e a obediência aos princípios eclesiais mais do que a tradição.

Por exemplo, sendo filha de ex-frade franciscano, e minha mãe fervorosamente católica, fui criada assumindo todo um perfil religioso, que me acompanhou até mesmo após a minha conversão. O Deus legado pela tradição familiar estava formado na minha percepção espiritual. Esse conhecimento de Deus advém da doutrina estudada e decorada nos rituais e encontros sistemáticos da igreja. Referi-me à minha tradição religiosa; contudo, a formação cristã até mesmo daqueles que são criados numa família evangélica não lhes garante o conhecimento real de Deus. Por isso, é necessária a todos a conversão, pela qual podemos obter pessoalmente uma percepção correta de Deus.

Conhecer a Deus é receber revelação dele, é poder expressar: "Eu o vi, ele me falou, ele me ouviu." Cristianismo é a religião da revelação. Jesus perguntou aos discípulos: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem? [...]" Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado

és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16.13-17). Só reconhece a Jesus, o Filho de Deus, encarnação perfeita da divindade, aquele a quem o Pai quiser revelar (Mt 11.25).

Evidentemente esta revelação se dá no novo nascimento. A luz do evangelho raiou em nossos corações. Porém, não podemos ficar só com a revelação inicial de Deus que nos trouxe a imagem do Filho. Ele deve ser conhecido numa revelação ascendente “para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). A revelação recebida nessa primeira experiência precisa ser desenvolvida, porque “somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem” (2Co 3.18). É crescer com Deus a cada dia. Não é isto que Paulo chama de novidade de vida? O Deus de ontem é mais perceptível hoje e será ainda mais amanhã. Assim, nos expressamos diante dele:

O DEUS DE SEMPRE

Maravilho-me com o meu Deus,
Cada dia que passa vejo-o mais belo,
Mais bondoso, mais fiel.
Cada dia que o procuro o encontro me amando mais.
Cada dia o encontro mais completo, mais perfeito.

Oh! Amado de minha alma,
Como é bom ter-te conhecido!
Ainda melhor é que continuo a conhecer-te,
E sei que este conhecimento se perpetuará.

Alegro-me porque o conhecimento é progressivo;
Isto me faz querer-te e desejar-te mais,
Impulsionando a minha alma a buscar-te,
E incessantemente dirigir-me a ti.

Quando olho o ontem,
Deslumbro-me com o que fizeste:
Colocaste-me num plano alto demais
Para a pequenez da tua serva.

Hoje, conclamo os céus e a terra:
Venham, e eu contarei
o que ele tem feito por minha alma.
Hoje, o conheço mais!
Ele descortinou os seus tesouros,
Ele é mais meu, e eu sou mais dele.

Hoje, a satisfação é maior, pois assegura-me o amanhã.
Nada há que me inquiete,
ele prepara-me morada eterna.
O amanhã será mais doce, ele não muda.
Será mais esplendoroso, altruísta —
Ele assegura-me um amanhã feliz!

Quando paro para contemplá-lo,
No ontem, no hoje, no amanhã, ele me diz:
Maiores coisas verás! São inimagináveis, indescritíveis,
Pela fé espero, pela fé antevejo, pela fé antegozo.

Sim, é o esplendor de Deus,
a perfeição absoluta da vida.
Por isso, o amo e amarei mais,
e o adorarei para sempre!

Não estamos descrevendo uma revelação dada por anjos, ou por profetas, nem advinda de sonhos ou êxtases espirituais, nem mesmo por dedução da inquirição que é produto da mente humana. A genuína revelação é o ato de Deus fazer-se conhecido ao coração humano. Diz Paulo aos gálatas (Gl 1.15-16): “Aprouve [a Deus] revelar seu Filho em mim.”

CONHECER A DEUS PELA ORAÇÃO CONTEMPLATIVA

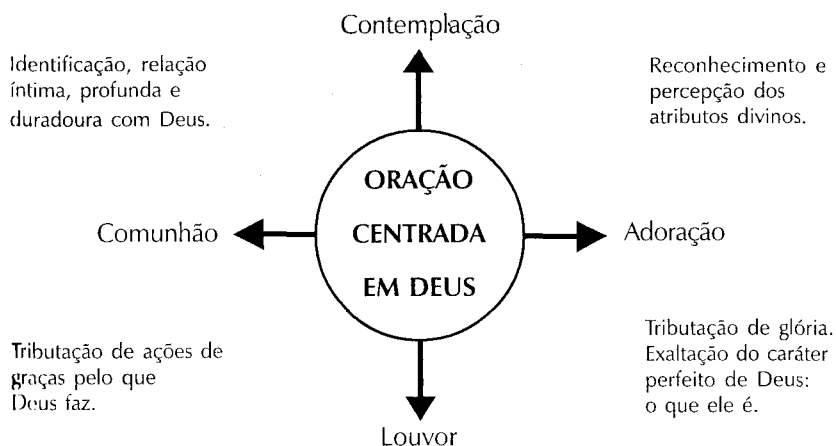
Fomos ensinados a orar pedindo o que necessitamos e agradecendo o que recebemos. Neste tipo de contato com o Pai, não há possibilidade de conhecê-lo, porque a nossa mente visualiza ou a necessidade que expomos diante dele ou o motivo da nossa gratidão.

Chegar-se a Deus para adorar é fixar a nossa mente na sua pessoa maravilhosa, para vê-lo como ele é em sua essência e não apenas pelos seus feitos. É centralizar as emoções em Deus. Adorar é expressar os atributos divinos incomparáveis. Assim, estão os salmos repletos de adoração:

“Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade” (Sl 96.9); “O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte” (Sl 18.2); “Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente” (Sl 16.2). A nossa alma se eleva aos céus e o impulso é declarar o nosso amor por Ele: “Eu te amo, ó Senhor, força minha” (Sl 18.1); “Quão amáveis são os teus tabernáculos [...]. A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor [...]. Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus” (Sl 84.1,2,10). É um momento de aconchego com o Deus que é Pai, quando nos

sentimos no seu colo e experimentamos a sua ternura: “Como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo” (Sl 131.2).

Uma marca da sociedade pós-moderna é o individualismo. A psicanálise explica que muitos distúrbios sofridos pelo ser humano são decorrentes da necessidade de sentir-se seguro em pertencer a alguém.² Nossa constatação tem demonstrado que na experiência de enlevo espiritual se dá a cura das emoções, porque, ao declararmos o nosso amor e nos sentirmos amados, o Criador preenche as lacunas da alma e nos dá o senso de pertencer. Daí podermos asseverar a necessidade da oração terapêutica, a qual gera um processo de cura das feridas da alma, um tempo de tratamento dos traumas ou complexos que afligem a personalidade humana. Estudos e pesquisas científicas comprovaram que a oração é um remédio adequado para as tensões, o estresse, a depressão e as doenças do coração.³



2. Revista VEJA ano 31, n.º 17.

3. Revista VEJA ano 31, n.º 17.

A oração centrada em Deus inclui: adoração, reconhecimento da sua soberania, percepção de seus atributos; tributação de glória e exaltação pelo que ele é, seu caráter perfeito; ações de graças pelo que ele faz, louvores pelas suas obras e a comunhão íntima. Esse é o resultado de nossa união com ele, que nos dá a essência da sua espiritualidade.

A exemplificação é muito clara no episódio de Moisés, quando, ao descer do monte da oração, o seu rosto brilhava, porque a glória de Deus resplandecia na sua face. Essa experiência pode ocorrer conosco, em nosso momento de oração a sós com Deus: “Entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto” (Mt 6.6). Esse tipo de oração é imprescindível para desenvolver a comunhão e a intimidade com Deus. Aqui se dá a apreensão da imagem divina, percebida no nível do espírito pela oração, a absorção da divindade na manifestação dos seus atributos incomparáveis e a revelação deles na experiência pessoal. É uma experiência mística, mas real; além da razão, mas compreendida por ela. É mistério, mas é dizível.

CONHECER A DEUS ATRAVÉS DA SUA PALAVRA

A revelação tem uma fonte de conceitos e preceitos, mesmo que a experiência não se limite à conceituação, forma ou fórmulas da interpretação conceitual. Afirmamos que a revelação é constatada e confirmada pela fonte: a Escritura Sagrada! “Deus fala, ora de um modo, ora de outro, mesmo que o homem não o perceba” (Jó 33.14, NVI). “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de

muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho..." (Hb 1.1). A revelação divina pode ser compreendida de variadas formas, mas a veracidade da Palavra é inquestionável.

Para fazer prevalecer as experiências, muitos se fundamentam na funcionalidade de soluções encontradas para seu bem-estar pessoal, porém as ações do nosso Deus não se restringem a sinais e prodígios. Seus atos são revelação de sua própria personalidade e não somente expressões exteriorizadas de poder. Muitos serão reprovados no dia final, mesmo apresentando um elenco de sinais e maravilhas que fizeram. Os aprovados serão aqueles que cumprirem os propósitos soberanos do Deus que se revelou na integralidade do seu caráter perfeito, através da diversidade das obras ministeriais de cada um, no limite da nossa finitude.

Conhecer a Deus é receber a luz da verdade. Oração que *prevalece* é a oração que se *fundamenta* na Palavra sagrada. Não me refiro aos textos citados arbitrariamente, sem consciência do significado real que eles encerram em si mesmos, nem à manipulação destes pelo desejo e egoísmo humano.

Conhecer a Deus pela Palavra nos faz orar com compreensão dos princípios que regem as ações divinas e do modo dele proceder na história da humanidade, no relacionamento com o seu povo, no cumprimento dos seus propósitos eternos.

É necessário o estudo da hermenêutica e da exegese para a interpretação correta do texto sagrado. Contudo, a compreensão dos preceitos não se dá apenas pelo uso das teorias e técnicas que regem a interpretação canônica. Pode-

se usar essas ferramentas, mas nunca se limitar a elas, porque a compreensão do sentido da Palavra está além da sua terminologia. Não podemos nos restringir só àqueles que têm a oportunidade desse preparo, a capacidade de enxergar os conceitos divinos. Qualquer um dos pequeninos, tendo os olhos do entendimento iluminados, segura e inconfundivelmente, pode deslumbrar os preceitos bíblicos, mesmo que não seja na mesma dimensão da verdade, mas na sua essência. A revelação da Escritura abre os olhos do entendimento e faz ver além da letra: “A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples” (Sl 119.130).

Essa é a função do Espírito Santo. “O Espírito da verdade vos guiará a toda a verdade”; “Ele vos ensinará todas as coisas” (Jo 16.13; 14.26). Acreditamos que a oração que mais precisamos fazer e de mais urgência para o povo de Deus é a que Paulo fez pelos efésios: “O Pai da glória vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele” (Ef 1.17).

O momento de oração não pode ser dissociado da meditação na Palavra. Aí se estabelece um diálogo com Deus, pois ouvimos a voz divina pela Palavra e fazemos nossa voz ouvida pela oração. Assim, a oração cria consistência, não por expressar uma dosagem de fé que leve alguém a decretar algo a ser feito, nem por se tornar fruto de um positivismo exacerbado. A oração é consistente quando toma forma nas promessas divinas e torna-se a expressão do que Deus já propôs fazer. Isto revela plena concordância do intercessor com a vontade revelada, certeza de ser ouvido e confiança absoluta no Ser conhecido.

Precisamos conhecer a Palavra para conhecer as promessas divinas, porque “a oração sem promessa é apenas som, é impessoal.”⁴ É a oração que faz a promessa se tornar realidade.

Como a igreja treina seus membros para orar? Repetindo as orações dos seus líderes, principalmente aquelas que funcionam? “A pregação da Palavra treina as pessoas para orar porque a Palavra dá vocabulário para a oração [...]. Oração poderosa é sempre resultado de profunda compreensão.”⁵ Traz sentido às expressões, codifica os signos lingüísticos e decodifica a transmissão da mensagem, a fim de habilitar o ouvinte a fazer uma apreensão da mente divina. A pregação permite a argumentação reverente e a formulação de idéias baseadas nos pensamentos e conceitos escriturísticos que trazem luz às incógnitas da vida, e faz relação entre o escrito e o ouvido, contextualizando a verdade bíblica milenar à situação presente.

Procurar conhecer a Deus pela Escritura é o desafio a que cada intercessor deve ser submetido. Vejamos algumas atitudes que devemos ter na busca da Palavra, crendo que nela Deus se fará conhecido:

a) Desejar conhecer a Palavra. “Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras” (Sl 119.148).

b) Ter a Palavra como valor supremo. “Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos” (Sl 119.162).

4. E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer*. Grand Rapids, Baker, p. 16.

5. M. LLOYD-JONES, *Os puritanos: suas origens e seus sucessores*. São Paulo, PES, 1993, p. 386.

c) Amar a Palavra. “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!” (Sl 119.97).

d) Ter a Palavra como fonte de sabedoria. “Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque, aqueles, eu os tenho sempre comigo” (Sl 119.98).

e) Buscar na Palavra o verdadeiro conhecimento. “Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos” (Sl 119.99).

f) Reconhecer na Palavra a arte da prudência. “Sou mais prudente que os idosos, porque guardo os teus preceitos” (Sl 119.100).

g) Ter a Palavra como a chave para o bom êxito. “Medita [neste Livro da Lei] dia e noite [...] e serás bem-sucedido” (Js 1.8).

O tanto que conhecemos da Palavra é o quanto conhecemos de Deus! “No Senhor, cuja palavra eu louvo, neste Deus ponho a minha confiança” (Sl 56.10-11).

CONHECIMENTO RELACIONAL

A oração cristã é oração relacional,

Dependente da concepção que temos de Deus.

É um encontro interpessoal,

É comunicação entre Deus e o homem.

É comunhão e inter-relação.

Ser cristão não significa freqüentar uma igreja, ter hábitos religiosos, exercer os dons espirituais etc. Ser cristão significa conhecer a Deus. “A vida eterna é esta: que te

conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). Conhecer é exercer uma relação pessoal. Deus é pessoa — não uma força cósmica, não um ser disforme, uma energia positiva, nem uma entidade que se materializa para satisfazer a necessidade humana. Deus é personalidade perfeita!

O propósito divino, desde a eternidade, foi criar um ser à sua imagem e semelhança para manter permanentemente relacionamento com ele. O pecado quebrou essa relação, mas Deus encontrou a forma de reatá-la. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). A encarnação da personalidade divina em Jesus Cristo possibilita a restauração da imagem de Deus em nós.

VISÃO DA IMAGEM PERFEITA DE DEUS

Que imagem temos de Deus? Imagem limitada a uma faceta do seu caráter, imagem deturpada pela visão que nos foi legada? Para alguns, ele é o Pai, o bondoso que não permite nenhum mal aos seus filhos. Se alguma coisa errada acontece, logo nos decepçionamos com a perfeição da sua bondade? É o mau exemplo da mulher de Jó, que questionou o marido: “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9). Para outros, ele é o Senhor, o chefe. Assim, têm que viver em constantes atividades para poder em se sentir aceitos. Essa é a relação pelo desempenho, muito bem descrita pelo escritor David Seamands, no livro *O poder curador da graça*.⁶

6. David A. SEAMANDS. *O poder curador da graça*. São Paulo, Vida, 1990.

O Senhor deu-me a oportunidade de estudar, durante um ano, no Missionary Training College, na Austrália (da WEC/AMEM). Certo dia, o diretor expôs a escala de trabalho prático; quando percebi que meu nome não estava incluído, comecei a chorar sem me conter, pois me senti inútil. Já tinha treze anos de ministério contínuo, sempre acostumada a trabalhar. Enquanto sofria minha dor, Deus falou-me: “Não é pelo que você faz que eu a aceito. Eu a amo e a aceito porque você é minha filha.”

Alguns dizem que a nossa relação com Deus depende da relação que temos com os nossos pais. À luz da psicologia, isso pode ter um fundo de verdade, porém não podemos tomar por absoluto esse argumento, porque a imagem da pessoa divina é produzida em nossos corações pelo Espírito Santo. Ele delineia a forma perfeita do Pai celeste, independente de nossa percepção negativa do pai terrestre. Neste processo, ele cura as feridas e dá novo sentido à paternidade, nos fazendo ver os infortúnios da vida com razões que a lógica pode não reconhecer, mas o espírito percebe a sua indicação.

O Espírito Santo concilia em nós a visão da bondade do Pai perfeito com a visão do soberano Senhor exigente, fazendo-nos ter o equilíbrio de considerar a bondade e a severidade de Deus (Rm 11.22). Ele é o mesmo Deus que dá e o Deus que retém, o Deus que perdoa e o Deus que disciplina, o Deus que supre e o Deus que permite a falta, o Deus que protege e o Deus que permite o martírio, o Deus que responde a oração curando o enfermo e o Deus que permite a morte. Mesmo quando a resposta divina é negativa, a perfeição desse Ser continua sendo tremenda-

mente maravilhosa! Ele acalenta a alma com a doçura do seu amor e dá segurança com a firmeza de sua justiça. A sua imagem não perde o brilho!

Um dia, orando por minha mãe, que estava enferma há anos, eu dizia: Deus, há tanto tempo estamos suplicando, tantos irmãos estão intercedendo, o Senhor não vai atender? Ele falou-me no íntimo, trazendo-me a mesma resposta que deu a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33.19). Eu o louvei pela capacidade que me deu para entender e aceitar que seu propósito para ela não era demonstrar a compaixão pela cura, mas a graça de recebê-la no lar celeste.

Para compreender a perfeição divina só existe um meio: manter com ele um *relacionamento* de amizade e amor. Amar a Deus, o primeiro e maior dos mandamentos, não pode reduzir-se à emoção. Emoção é uma reação àquilo que Deus faz por nós. Amor é fruto do conhecimento do ser divino, do que ele é em essência. Se ele atender o que desejamos ou se não nos atender, nossa decisão de amá-lo permanece inalterável. Ele sabe fazer tudo muito bem!

Através da oração desenvolvemos um relacionamento sadio com a pessoa divina. E isso muda nossa perspectiva à medida que o distinguimos de um Deus distante, chamado apenas para o momento das necessidades. Ele não é somente o Deus dos cristãos, o Deus da história. É o meu Deus, percebido em sua imagem real advinda da minha comunhão com ele. Como expressou Paulo: “Um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo” (At 27.23).

Quando discorremos sobre relacionamento, deixamos claro que essa convivência com a pessoa divina não se restringe a um momento de preces, enquanto estamos de joelhos. Antes, somos aconselhados a orar sem cessar (1Ts 5.17), indicando que isto é possível se fizermos da prática da oração um modo de vida. Mesmo quando não formulamos frases e não nos encontramos na postura de um suplicante, nossa alma está em constante direção a ele. Nossos sentimentos, vontade e pensamentos encontram expressão no amor que a ele dedicamos.

Através da nossa relação com Deus desenvolvemos uma *confiança segura*. Será que podemos afirmar com o salmista: “Justo és, Senhor, e retos os teus juízos” (Sl 119.137)? Aceitar as determinações divinas como o melhor plano para a nossa vida só faz sentido se a nossa convivência com ele focaliza a sua perfeita imagem numa renovação de amor. “O Senhor, teu Deus, está no meio de ti [...]; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo” (Sf 3.17).

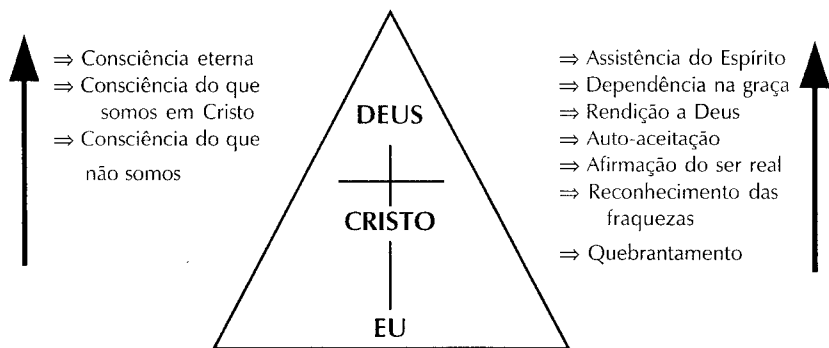
É necessário desenvolver a confiança em Deus, a fim de acolhermos as respostas das nossas súplicas na forma que ele as dá, e não na forma que as desejamos receber.

O CONHECIMENTO RELACIONAL SE ESTABELECE NA IMAGEM QUE DEUS TEM DE NÓS

Orar é identificar os sinais de Deus
filtrados na vida e traduzidos na história.

Conhecer a imagem que ele tem de nós não é tarefa fácil, porque temos muita dificuldade de conhecer a

nós mesmos. A educação familiar e social nem sempre forja a personalidade ideal. A melhor forma de conhecer-nos é perceber como Deus nos vê. Isso é possível na prática da oração, especialmente da oração de quebrantamento.



Oração de quebrantamento é o derramar da alma diante de Deus expressando dores, inquietações da vida, decepções conosco mesmos ou com outros. É quando choramos, desabafamos, reclamamos, reconhecemos as fraquezas, confessamos o pecado e recebemos o conforto do Pai que perdoa. Porém, só há consciência de perdão com a humilhação da alma que se desnuda diante do Ser perfeito e confessa sua inadequação para manter-se santo.

A teologia da prosperidade tem usado a posição de filhos do Rei diante do trono, o que é glorioso, mas sem dar ao cristão a oportunidade de ver a si mesmo diante da cruz. A cruz retrata a nossa miserabilidade; o trono retrata a glória da exaltação. Mas a visão do trono não pode preceder à visão da cruz nem substituí-la. Este é um processo do tratamento de Deus, tocando a consciência para nos fazer ver quem somos na realidade e para nos aperfeiçoar nele.

Como isso acontece? Pelo exame *introspectivo*, quando abrimos a alma e expomos nossa identidade, o que somos na realidade, sem os signos que usamos na comunicação social. Sem as máscaras que o ser humano usa, ao exercer os diversos papéis sociais, como pai, mãe, marido, mulher, filho, profissional etc. Com o rosto desvendado, tendo o véu da religiosidade removido, veremos a nós mesmos à luz de Deus — “Na tua luz, vemos a luz” (Sl 36.9). “A oração é o mais forte instrumento de afirmação do ser. E a melhor maneira de sermos gente é mediante a contemplação de Deus.”⁷

O exame introspectivo é também o olhar reflexivo sobre as nossas ações e reações, não à luz da consciência deformada pelo engano do pecado, ou pela mentalidade do homem moderno, mas à luz da presença divina que focaliza rachaduras na construção da personalidade. É ver quem somos, não na redoma da espiritualidade construída por nossos jejuns e horas gastas em oração, não por um currículo de preparação ministerial ou uma plataforma de trabalho produtivo, mas por um coração sincero que se destitui de tudo isso, buscando simplesmente ser achado em Deus (Fp 3.9).

Tratando com a tendência de Paulo para a vaidade, o Senhor não lhe atendeu a oração, mas lhe disse: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.” Paulo entendeu que o tratamento de Deus (o espinho na carne que o perturbava) tinha a intenção de preservá-lo do orgulho. “Para que não me ensoberbecesse com as grandezas das revelações, foi-me posto um espinho na carne, men-

7. Caio Fábio d'ARAÚJO Filho. *Oração para Viver e Morrer*. Rio de Janeiro, VINDE, 1993, p. 23.

sageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte” (2Co 12.9 e 7). “A razão por que não experimentamos o unguento da cura e da graça de Cristo está em não querermos nos submeter ao tratamento cirúrgico de sua verdade em relação a nossas vidas.”⁸

O Altíssimo nos faz reconhecer a nossa insuficiência e fraqueza para nos tornar mais *dependentes da graça divina*. Só temos condições de suportar esse tratamento porque ele não nos rejeita por nossas falhas, mas nos faz crer que as incoerências da natureza caída podem ser tratadas pela suficiência da graça que não encontra limite de operação. Ela tem a medida certa! Se é por graça, a confiança é estabelecida.

Para receber a resposta de Deus, Paulo precisou parar a fim de ouvi-lo. Oração é diálogo; se falamos, precisamos ouvir. Deus deseja comunicar-se conosco. Quantas vezes ficamos dependendo de outros para ouvir Deus falar. Devemos treinar a nossa audição espiritual, assim saberemos distinguir a voz do divino Pastor. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz” (Jo 10.27). O coração da oração é ouvir com o coração. Coração pronto a atender, disposto a obedecer. “O que Deus deseja dizer-nos é mais significativo para nós do que qualquer coisa que nós tenhamos para dizer a ele.”⁹

O Senhor Jesus nos prova na nossa percepção pessoal quanto ao que pensamos a nosso próprio respeito e nos aceita como somos para nos tornar como ele é. Está

8. Sammy TIPPIT, *Preparado para a batalha*. Rio de Janeiro, JUERP, 1995, p. 26.

9. Marcello de Carvalho AZEVEDO, *Oração na vida: desafio e dom*. São Paulo, Loyola, 2ª ed., 1988, p. 43.

sempre disposto a nos restaurar, como restaurou Pedro: o discípulo encontrava-se abatido por sua fraqueza, mas Jesus olhou-o como um líder espiritual e deu-lhe a missão: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.16).

No ministério de aconselhamento, tratando de problemas emocionais, David Seamands afirma usar a oração como recurso indispensável à cura: “Através da oração tem início o milagre da cura; sem ela, todo o processo pode tornar-se simplesmente uma forma de auto-sugestão ou terapia dos sentimentos. Este tempo especial de oração não deve ser ignorado, caso os resultados devam ser duradouros.”¹⁰

A oração deve nos conduzir continuamente à restauração. “Toda sorte de oração rotineira, estéril, conformista, que não nos questiona a fundo e não nos leva à restauração ou reordenação de nossos limites, é negação da oração cristã.”¹¹



10. David A. SEAMANDS, *A cura das memórias*. São Paulo, Mundo Cristão, 7ª ed., 1999, p. 18.

11. M. AZEVEDO, *ibid.*, p. 25.

Ao fazermos sincera avaliação de nossas ações e reações, o Espírito Santo nos conduz à *oração de confissão*, na qual destacamos quatro etapas:

a) Sensibilidade ao caráter santo de Deus: aproximação com temor, conforme a experiência de Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Is 6.5).

b) Arrependimento: reconhecimento das fraquezas morais, sem distorção de valores, com admissão das culpas e disposição para mudança de vida. “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei.” “Pequei contra ti [...] e fiz o que é mal perante os teus olhos” (Sl 32.5; 51.4). Reconhecer as áreas vulneráveis da personalidade caída sem acusar pessoas ou apontar ocasiões como causadoras das falhas. É assumir o pecado!

c) Recebimento do perdão: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel é justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9) O perdão nos traz a consciência de sermos aceitos diante do Senhor. “Não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas [...] Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça” (Hb 4.15-16).

d) Aperfeiçoamento moral: desafio para entrar no processo de santificação. Após verdadeira confissão, nosso desejo de mudança e de aperfeiçoamento deve ser confirmado pelo fato de não mais carecer desse mesmo tipo de confissão. “Somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18).

O conhecimento relacional se dá pela visão do que Deus quer fazer através de nós

No nosso andar com Deus, somos trabalhados para ver o que ele quer fazer em nós e através de nós. Ele nos habilita para o cumprimento de seus propósitos. E nos faz surpresas, como fez com Davi, que expressou: “Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?” (1Cr 17.16). Assim foi com Moisés, que sentiu a vocação extrapolar sua condição normal de ser e, perplexo, exclamou: “Quem sou eu?” (Êx 3.11). Esta foi a reação de Jeremias, diante do chamado divino: “Não passo de uma criança” (Jr 1.9). A expectativa que Deus tem de nós é segundo os padrões da sua abundante graça — os seus pensamentos são mais altos que os nossos pensamentos (Is 55.8-9).

Gladys Aylward, missionária inglesa, dedicou-se por mais de três décadas à Missão para o Interior da China. Ao ser entrevistada, no final de sua vida, afirmou: “Eu não fui a primeira opção de Deus para o que fiz pela China. Havia outra pessoa — não sei quem era — como a primeira opção de Deus. Deve ter sido um homem — alguém maravilhoso [...]. E Deus olhou para baixo... e viu Gladys Aylward.”¹²

Deus nos escolhe apesar da nossa debilidade e nos dá a visão do que planeja operar através de nós. George Barna observou: “A maneira para sermos bem-sucedidos no ministério é fixar a atenção em Deus e nos dedicarmos plenamente à visão de Deus, quanto a nosso ministério e quanto ao que ele quiser fazer no futuro, por nosso inter-

12. Ruth A. TUCKER, *Até aos Confins da Terra*. São Paulo, Vida Nova, 1986, p. 271.

médio [...]. Ao invés de dependermos das habilidades humanas para traçarmos uma visão, e então planejarmos a respeito do futuro, Deus confere a sua visão (desse futuro) a nós.”¹³ Certamente, nenhum de seus planos pode ser frustrado (Jó 42.2). No corpo de Cristo, a igreja, não há nenhum membro sem função. Somos tendentes a querer fazer o que gostamos ou o que achamos ser mais importante ou atrativo, esquecendo-nos de que é o Espírito Santo quem distribui os dons e que “a manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1Co 12.7).

Na vocação divina é importante perceber o ponto de partida: a manifestação de Deus hoje, e o ponto de chegada: a certeza do cumprimento da vontade soberana. O transcurso, ou seja, o que fica entre um ponto e outro não temos condições de visualizar. No dia-a-dia, porém, o Senhor nos conduzirá no caminho aberto pelos seus passos. É preciso estar atento à condução que Deus está dando ao nosso ministério, pois diferentes etapas o acompanham. Há, por exemplo, aqueles que nunca pensaram ir ao campo missionário, e acabaram indo, em resposta às suas próprias orações; há aqueles que foram chamados para o pastorado e, após vários anos de ministério, deixaram a igreja local e seguiram para o campo transcultural. Portanto, na caminhada da oração vêm outros desafios.

Os patriarcas conviviam com a expectativa de fé quanto ao cumprimento dos desígnios divinos, mesmo quando o cumprimento da promessa se distanciou da voz profética. “Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas” (Hb 11.13). Na relação com Deus é necessário

13. George BARNÁ, *O poder da visão*, 3ª ed. São Paulo, Abba Press, 1999, p. 34.

observar a sua direção passo a passo, porque Deus nos põe limites. Ele não depende de um “salvador da pátria” nem conta apenas com a disposição das pessoas para cumprir os seus propósitos, nem depende de nossos recursos. Ele é o Senhor, e para que as pessoas entendam que ele tem domínio sobre as suas obras, ele nos põe limites. Moisés foi escolhido para libertar o povo hebreu da escravidão do Egito, mas não foi quem introduziu o povo na terra prometida, pois o Senhor lhe disse: “Não irás para lá” (Dt 34.4). Davi se via o construtor de uma casa para Deus e fez grandes preparativos; entretanto, ouviu a ordem do Senhor: “Não edificarás casa ao meu nome” (1Cr 22.8). O importante, então, é descobrir os propósitos estabelecidos por Deus para atuarmos na liberdade do Espírito Santo, entendendo o que ele quer fazer através de nós. Quantos ministérios são prejudicados porque o líder não passa o cajado, não se apercebe que o seu tempo está cumprido ou não entende que a teocracia estabelece o tempo e o modo para cada um cumprir a sua parte no reino eterno.

O Senhor Jesus é chamado de “o homem do monte”, pois sempre se encontrava na atmosfera da oração, buscando o oxigênio da vida espiritual e as determinações que deveria cumprir, no seu devido tempo. No final do seu ministério terreno, chega ao Pai para dar-lhe o relatório da sua missão e faz isto em forma de oração, revelando que todo o seu ministério é fruto da sua íntima relação com o Pai. Observemos, a seguir, os detalhes da comunicação de Jesus com o Pai, na chamada “Oração sacerdotal” (Jo 17):

Ele pediu que o Pai o glorificasse porque ele o glorificou (v. 1).

Ele concedeu a vida eterna aos que o Pai lhe deu (v. 2).

Ele consumou a obra que o Pai lhe confiou (v. 4).

Ele manifestou aos homens o nome do Pai (v. 6).

Ele recebeu os discípulos que o Pai lhe deu (v. 6).

Ele revelou o Pai de forma que seus discípulos reconheceram que tudo que ele tinha fora dado pelo Pai (v. 7).

Ele transmitiu as palavras que o Pai lhe deu e seus discípulos creram que o Pai o enviara (v. 8).

Ele estava consciente de que os discípulos foram dados pelo Pai e pertenciam ao Pai (v. 9).

Ele consentia que nada possuía, mas tudo possuía do Pai (v. 10).

Ele refletiu a unidade da Trindade e orou para que os discípulos também fossem um (v. 11).

Ele declarou que protegeu os discípulos no nome do Pai (v. 12).

Ele sabia que a sua missão no mundo fora planejada pelo Pai (v. 18).

Ele enviou seus discípulos ao mundo na forma que o Pai o enviara (v. 18).

Ele expôs o modelo da unidade: “Como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (v. 21).

Ele transmitiu a glória do Pai (v. 22).

Ele proveu a forma para o mundo identificar **que** era o enviado do Pai: “Eu neles, e tu em mim” (v. 23).

Ele teve a medida do amor do Pai para nós: “Amaste-os, como também amaste a mim” (v. 23).

Ele queria compartilhar com os discípulos a glória conferida a ele pelo Pai (v. 24).

Ele tornou conhecido o nome do Pai justo (v. 25).

Ele fez conhecer o nome do Pai, a fim de que o amor do Pai pelo Filho esteja em seus discípulos e o Amado do Pai esteja em nós (v. 26).

Os resultados conseguidos pelo Filho provinham da sua relação e expressão do Pai; portanto, os discípulos *receberam, conheceram e creram nele*.

A identificação de Jesus com os discípulos era sinal da sua humanidade, e a sua divindade era a expressão da unidade com o Pai. Nossa missão deve seguir o mesmo modelo. Na nossa humanidade nos identificamos com os pecadores e na espiritualidade produzida em nós pelo Espírito Santo, em unidade com o Pai e com o Filho, revelamos Deus ao mundo. Expressamos a unidade da Trindade em nós e por nós: “Aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1Co 6.17).

Só mantendo a relação íntima com o Pai, nossa percepção espiritual é desenvolvida. Porque “o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). Na nova aliança, cada crente recebe o Espírito Santo para guiar, ensinar e revelar o que está no coração de Deus. “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8.14).

CONHECENDO A DEUS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A Escritura nos ensina o aspecto subjetivo do conhecimento, o qual tratamos anteriormente; aqui, trataremos do aspecto objetivo, quando a prática cristã nos incentiva a cristalizar e a acomodar as verdades subjetivas em formas concretas.

A revelação divina foi crescente. Deus disse a Moisés: “Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui conhecido” (Êx 6.3). Daquele momento em diante, o conhecimento de Deus se ampliou e foi assim em toda a revelação até a vinda de Cristo. Os heróis da fé “não obtiveram a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados” (Hb 11.39-40). O Dr. Russell Champlin comenta esses versículos nestes termos: “Nossa fé, seguindo a mesma linha que a dos heróis da fé do passado, aperfeiçoaria aquela fé que neles se manifestou.”¹⁴

Sabemos que a revelação divina está completa e teve o seu clímax na vinda de Cristo; porém, ainda é apropriado dizer como o profeta Oséias: “Conheçamos e prosigamos em conhecer ao Senhor” (Os 6.3). Conhecer em dimensões maiores e com mais profundidade, estar continuamente no processo de aprendizagem do que de Deus nos é dado a conhecer, tomando consciência da revelação divina no ajustamento da nossa individualidade com a individualidade do outro.

14. Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, v. 5. Guaratinguetá, Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 638.

A compreensão de Deus e do mundo espiritual nunca pode estar dissociada da compreensão do próximo. As variadas formas da graça divina necessitam de variados tipos de personalidades para expressar-se. O que desejamos ressaltar aqui é que a revelação divina também se dá na *comunidade*. Não existe uma espiritualidade genuína que se mantenha enclausurada, isolada, sem contato com a criação natural, sem ser provada pelo contexto cultural e sem a interação social. O Deus criador também se revela pela natureza: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19.1), e principalmente pela coroa da criação — o ser humano —, feito à sua imagem e semelhança; e, mais apropriadamente, pelos cristãos: “Somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras”; “A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo” (Ef 2.10; 3.18-19). A compreensão do amor divino se dá com todos os santos.

- Quando provamos que conhecemos a Deus? — “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4.20).

- Como revelamos a sabedoria de Deus? — “Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras” (Tg 3.13).

- Como revelamos a multiforme graça de Deus? — “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10).

- Como provamos que temos fé em Deus? — “Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tg 2.18).

- Quando somos capazes de medir o quanto conhecemos do poder perdoador de Deus? — Quando somos capazes de orar: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12).

- Como será demonstrada a eficácia da oração do justo? — Quando tivermos coragem de confessar que pecamos contra o nosso irmão, que falamos mal dele, que não fomos dignos de sua confiança. “Confessai os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16).

- Quando revelamos a nossa submissão a Deus? — “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus [...]; aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus” (Rm 13.1-2).

A *comunicação* com a divindade afeta o comportamento e *muda* o sistema de valores. O testemunho cristão, a atitude diante das tribulações da vida, as virtudes formadas no nosso caráter, enfim, todo o nosso ser deve expor publicamente a forma de Deus tratar com o ser humano. Ou seja, nosso viver comprova concretamente o modo operante da graça. Este é o princípio divino bem claro na humanização de Cristo. “Quem vê a mim vê o Pai”; “Sempre o que deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer” (Jo 14.9; Mt. 25.45). A oração

de Cristo anseia “que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.21).

Para conhecer a Deus na relação com o próximo é necessária a aceitação do outro na sua forma peculiar de ser, e entender a complementaridade na diversidade dos potenciais e das limitações da natureza humana. Eu, Deus e o próximo. A autocompreensão, o estudo da personalidade humana nos ajuda a entender as nossas diferentes formas de ação e de reação.

O primeiro passo para um bom relacionamento é a auto-aceitação; para isso, é necessário conhecer a si mesmo, porque o subestimar e o superestimar ambos afetam as nossas relações. A auto-estima é importante para o relacionamento pessoal e interpessoal, mas nem sempre ela está equilibrada. Mui acertadamente, Paulo recomenda: “Digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém” (Rm 12.3).

Precisamos ser autênticos para afirmar o que temos e ser humildes, na mesma proporção, para ver no outro o que não temos. Essa constatação deve ir mais além, ou seja: o que não temos não é porque faltou vontade divina de nos dotar, mas porque é da vontade divina que recebamos dele através do outro a quem ele dotou. Assim, vamos perceber melhor as muitas facetas do caráter divino, expressas no *modus vivendi* do nosso irmão. “Somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12.5). Deus está comigo na medida em que eu o compartilho com aqueles que também trazem em si a sua imagem e semelhança.

As diferenças pessoais e até mesmo os conflitos da relação humana não podem comprometer a unidade do corpo. A igreja é, antes de tudo, um organismo. Isso expressa claramente o ideal de relação sadia, uniforme, e a interdependência que deve existir entre seus membros. O partilhar da graça e da fé, a doutrina confessada e praticada, a oração comunitária, tudo isso são indicadores de uma comunidade cristã que vive a fé sadia.

O Senhor Jesus, no Getsêmani, experimentando as vulnerabilidades da natureza humana e lutando pelo cumprimento dos planos eternos, necessitou da solidariedade dos discípulos para acompanhá-lo na intercessão; por três vezes, buscou a companhia deles (Mt 26.36-46). A união na oração deve conduzir-nos à solidariedade, à participação comum na comunidade. Precisamos de parceiros de oração, de pessoas que se unam a nós no combate espiritual, que estejam dispostas a lutar conosco em oração para nos mantermos firmes até o fim.

A prática da *oração comunitária* nos oferece oportunidade para tratar nossas falhas, crescer com os irmãos e ser solidários no combate cristão. “Confessai, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16) — “Esse texto deixa subtendido que há problemas físicos, emocionais e espirituais que somente podem ser curados quando partilhados com outros cristãos, e por estes levados em oração.”¹⁵

15. David A. SEAMANDS, *O poder curador da graça*. São Paulo, Vida, 1990, p.159.

O exercício desta oração comunitária nos traz os seguintes benefícios:

a) Confirma a presença de Jesus: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20).

b) Revela diferentes graus e facetas do caráter de Deus (Ef 3.18,19; At 4.24-31).

c) Ajuda a identificar as fraquezas humanas (Mt 26.40-41; At 5.1-3).

d) Encoraja nos embates da vida (1Sm 23.16; Mt 26.37-38; Cl 4.12).

e) Fortalece a comunhão (At 2.44-47; 4.32-37).

f) Promove a unidade do corpo de Cristo (Jo 17.21; At 2.42; 4.24).

g) Garante a atuação do Espírito Santo (At 4.31; 12.12-17; 13.1-3).



CONHECIMENTO DE DEUS PELA PERCEPÇÃO CONTEXTUAL

O intercessor precisa estar atento à intervenção de Deus na história das nações e conhecer seus feitos entre os povos.

Está Deus agindo hoje? Ele é o controlador do universo, o Senhor da história, o rei das nações? Era calamitosa a situação política e religiosa de Israel, na época da morte do rei Uzias, provavelmente no ano 740 a.C. Isaías, entretanto, entra no templo e vê o Senhor assentado no alto e sublime trono (Is 6). Isso demonstra que não há circunstância, por mais desalentadora que seja, que possa ofuscar a glória da majestade divina. Ele está no trono!

Ao fazer uma exortação à vigilância, Jesus propôs aos discípulos uma parábola, dizendo: "Vede a figueira e todas as árvores" (Lc 21.29). As "árvores" aqui representam as nações. O intercessor não é aquele santo que se enclausura para orar, alheio à sua realidade. Antes, ele é aquele que se coloca na sua torre de vigia (Hc 2.3). Ele está no seu lugar secreto de oração, mas atento ao progresso tecnológico, aos acordos de paz entre as nações, à atuação dos governantes para reduzir a fome e a miséria, aos programas de desarmamento, à luta contra a corrupção etc. Está atento porque conhece o seu Deus e pode identificar as marcas da atuação divina, trazendo ruína como expressão de sua justiça para as nações opressoras, como foi no caso do Egito, quando os próprios magos confessaram: "Isto é o dedo de Deus" (Êx 8.19). E, outras vezes, prosperando e abençoando as nações, como foi com o reino da Babilônia, quando reconheceu que o céu reina

(Dn 4.26, 32)! O nosso Deus julga e redime as nações. Assim, o intercessor deve ser um bom observador, pois “oração consiste de atenção; a qualidade da atenção conta na qualidade da oração.”¹⁶

Deus intervém nos acontecimentos mundiais e espera que seus servos interajam nesse contexto e, com sua vida e atitudes, influenciem a sua época, isto é, que o povo de Deus faça história. Os reinos do Egito, da Babilônia e da Pérsia sofreram sensíveis transformações pela presença do povo judeu no meio deles. Se cremos que o nosso Deus é o Senhor da História e que nós somos o seu instrumento de operação neste mundo, faremos diferença na comunidade onde estamos inseridos.

O rei Davi, preocupado em saber os sinais dos tempos e o que Israel devia fazer, designou a tribo de Issacar para estudar as épocas (1Cr 2.32). É necessário conhecer as épocas para distinguirmos o *kairós* de Deus (em grego, época ou ocasião não mensurável). Só assim seremos capazes de seguir os seus sinais e atuar na nossa realidade, cooperando com Deus nos seus planos eternos.

Se não procurarmos perceber Deus na nossa realidade contextual, não seremos capazes para agir em nosso tempo e acabaremos nos secularizando, como aconteceu com alguns países da Europa que foram o berço da Reforma protestante.

Precisamos estar atentos à ação de Deus na história. Atentos para o *sinal do avanço tecnológico e científico*, que tem sido surpreendente, nestes últimos anos. Conquistas

16. Cathy SCHALLER, *Learning to stand in the council of the Lord*. Dawn Ministries, 1992.

como os bebês de laboratório, o mapeamento genético, a clonagem de animais e a possibilidade da clonagem humana têm levado alguns cientistas à pretenciosa indagação: “Será que estamos nos tornando deuses?” O descrédito em um Deus soberano tem sido sinal dessa era pós-moderna. Atentos, também, para o *sinal da descrença*. As guerras do século XX, as barbaridades cometidas pelos poderosos que dizimaram nações, as catástrofes, a corrupção humana e tantos males que assolam a terra têm levado muitos a negar a existência do Deus justo.

Precisamos observar os acontecimentos, as tendências e os pressupostos do mundo pós-moderno para perceber o desencadear da ação de Deus no mundo, apesar da rejeição e do descrédito à sua pessoa — “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18.8).

Segundo Bill Taylor, o mundo a ser alcançado é “um mundo em crise” — basta acompanhar os noticiários! Podemos ver essa crise por dois ângulos: um positivo e um negativo. Os diversos indicadores de crise, como a violência, a expansão do tráfico de drogas, os seqüestros, os assaltos etc. levam as pessoas a precisar desesperadamente de segurança e qualidade de vida para vencer o medo e o estresse. A crise sócio-econômica torna o ser humano mais receptivo à mensagem de esperança, principalmente quando esta vem seguida de ação social — as pessoas do mundo emergente (os países em desenvolvimento) estão mais abertas para uma nova mensagem e buscam uma nova dimensão de vida. Daí o avanço das igrejas carismática, que trabalham mais com aqueles conteúdos que alcançam as necessidades emocionais e materiais. Assim os sociólo-

gos interpretam o avanço do evangelho nas sociedades mais carentes. Isso é comprovado se considerarmos a estatística de que 75% dos evangélicos latino-americanos são carismáticos.

Por outro lado, as crises tornam os povos resistentes a Deus. Nos países ricos e desenvolvidos, a mensagem do evangelho se tornou obsoleta. As pessoas, sem nenhum escrúpulo, declaram não precisar de Deus, enquanto as igrejas lutam contra o nominalismo e a apatia espiritual.

O cristianismo se moveu do hemisfério Norte para o sul. Em 1900, a porcentagem de cristãos no norte (países do Ocidente) era de 91% em relação a 9% do sul. Em 1993, inverteu-se: o norte decresceu para 38% e o sul subiu para 62%.¹⁷

A ação de Deus não se limita às nações ricas ou pobres, aos povos receptivos ou resistentes ao evangelho. “Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?” (Jr 10.7). O nosso Deus é livre para agir em todo o mundo. Como afirmou Jesus: “O campo é o mundo.” Procuremos ver as nações como campos prontos para a colheita e também como desafios para a tarefa missionária da igreja:

VISÃO DOS CAMPOS PRONTOS PARA A CEIFA

Presenciamos um tempo de grandes transformações e de grandes colheitas. Precisamos atentar para a ordem de Cristo: “Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa” (Jo 4.35).

17. Palestras do 1º Congresso Brasileiro de Missões em Caxambu — 1993. *Aos que ainda não ouviram*. São Paulo, Sepal, p. 126.

De forma dramática vimos a queda do comunismo no leste europeu. A ex-União Soviética, a Albânia, a Romênia e outras nações dominadas pelo ateísmo se tornaram campo missionário, com grande recepção à Palavra de Deus. Aqueles que antecipam a visão do reino poderão confirmar que foi Deus quem agiu. Não foi Mikhail Gorbatchev o responsável pela abertura dos portões de ferro do comunismo, na ex-União Soviética, em 1989. Ele foi um instrumento de Deus. A história se repete, tal como aconteceu com Ciro, o persa, um instrumento na mão de Deus para permitir aos judeus regressar do exílio da Babilônia e reedificar a cidade de Jerusalém, entre 538 e 457 a.C. (Ed 1.1-2).

A igreja orou! Irmão André, fundador e presidente emérito da Missão Portas Abertas, lançou a campanha “sete anos de oração pela União Soviética” em 1984, um programa de oração a que a igreja aderiu em várias partes do mundo. Lembro-me dos programas semanais de missões do Betel Brasileiro, do quanto os alunos clamavam pelos povos sob o regime opressor. No fim do primeiro ano da campanha, muitos irmãos presos por sua fé foram soltos. Em 1989, aconteceu o que ninguém esperava: o muro de Berlim caiu! Um grande sinal do desmoronamento da Cortina de Ferro. Não poderíamos imaginar que os nossos olhos contemplariam esta façanha da mão do grande Rei.

Deus colocou no coração de Nájua Diba um amor especial pelo povo albanês. Mas a Albânia era um país comunista fechado, considerado o mais ateu do mundo. Em 1987 ela foi morar em Kosovo, onde aprendeu a língua albanesa. “Durante aqueles anos Nájua andava ao longo

da fronteira da Albânia orando pela libertação daquele povo e clamava: Senhor, não deixa o povo albanês morrer sem te conhecer.”¹⁸ Em 1991, o governo desmoronou e as portas foram abertas, e Nájua, depois de anos de oração, entrou naquele país, onde continua trabalhando com plantação de igrejas, evangelização, socorrendo os necessitados e testemunhando do amor de Cristo.

A China, país mais populoso do mundo, continua comunista. Por que a “Cortina de Bambu” ainda não se abriu? Não devemos ver a mão do Altíssimo apenas quando ele sinaliza com feitos políticos. Não há sinal mais glorioso do que o avanço da igreja chinesa; é maior que em muitos países livres. Mesmo que custe caro o testemunho dos fiéis. Em 1949, quando Mao-She-Thung tornou o país comunista, havia 1 milhão e 800 mil cristãos. Em 1992, o Bureau de Estatística do Estado da China estimou, confidencialmente, 63 milhões de cristãos.¹⁹ Nosso rei tem o domínio dos tempos e dos modos; para ele não há portas fechadas!

Há uma igreja que cresce, explosivamente, no maior país de população muçulmana do mundo: a igreja da Indonésia. Os muçulmanos neofundamentalistas, para deter o número crescente de conversões, iniciaram uma acirrada perseguição da igreja, que piorou nitidamente desde 1996. Mais de 500 igrejas foram destruídas, lojas saqueadas, mulheres estupradas, as casas dos cristãos incendiadas, a mortandade deixou milhares de órfãos. O crescimento da igreja, mesmo com as recentes violências, a fome e a miséria pelo colapso econômico, é milagre de Deus! “Segun-

18. *Raio de Luz*, ano 27 nº 106, julho de 1997, p.44.

19. Patrick JOHNSTONE. *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p.204.

do relatórios, os evangelistas não estão conseguindo atender aos pedidos para batismo. Na história, podemos ver um quadro de aumento de perseguição seguindo cada aumento de conversões.”²⁰

A maior igreja local do mundo de hoje não está na Europa, berço do protestantismo, nem na América do Norte, país que mais enviou missionários aos demais continentes. Está na Coreia do Sul, que passou a ser um modelo de crescimento da igreja, modelo de uma igreja que ora e que implanta um significativo programa de envio de missionários para vários países. A cidade de Seul há 110 anos não tinha uma única igreja. Hoje, das dez maiores igrejas do mundo, sete delas estão em Seul.²¹

O continente africano, que há 200 anos era considerado o cemitério de missionários, é previsto como o primeiro continente a contabilizar maioria cristã em sua população. Em 1900, os cristãos africanos eram 8 milhões; em 1990 esse número subiu para 275 milhões. A África Oriental tem experimentado um grande reavivamento. As igrejas Anglicana e Luterana na Zâmbia e na Etiópia expressam um grande fervor espiritual. As denominações pentecostais nativas têm crescido extraordinariamente. A Igreja Vida Profunda, na Nigéria, possui 350.000 membros e tem trabalho missionário em 42 países. A Assembléia de Deus Africana no Zimbábue tem 600.000 membros.²²

A América Latina foi marcada por um notável crescimento da igreja no século XX. Em 1980, o número de

20. *Raio de Luz*, ano 29 nº 112, março de 1999, p.35.

21. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p. 115.

22. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p. 44.

evangélicos era de 21 milhões, passando para 46 milhões em 1990. Em uma década aumentou mais do dobro! O Brasil, em 1960, tinha 4 milhões de evangélicos; em 1990; somou 26 milhões. É a terceira maior comunidade evangélica do mundo, que mais envia missionários e possui maior número de centros de treinamento e agências missionárias em toda a América Latina.²³ O rápido crescimento da visão missionária é notável. No COMIBAM (Congresso Missionário Ibero-Americano), em 1987, Luiz Bush declarou: "O Brasil deixa de ser apenas um campo missionário para se tornar uma força missionária."

É maravilhoso saber que, antes dos missionários, as orações estão chegando a algumas aldeias no norte e no centro da África. Ouvimos Dore Schupacks, missionário da missão AMEM (A Missão de Evangelização Mundial), dizer que presenciou muçulmanos se convertendo ao Senhor por meio de sonhos e visões. E acrescentou: "Eles estão de coração preparado para receber o evangelho, porque já experimentaram o poder de Jesus em sinais e milagres." Muitos cristãos já foram mobilizados para interceder pelo mundo islâmico. Várias missões têm-se dedicado a treinar missionários para esse campo. "Os últimos quinze anos foram um tempo em que mais muçulmanos se achegaram a Cristo do que nunca antes na história."²⁴ O número de missionários enviados para os países muçulmanos continua crescendo.

Com o avanço da tecnologia, o possível uso de diversos meios de comunicação tem contribuído para a expansão do evangelho nos recantos mais remotos do mun-

23. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p. 54 e 171.

24. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p. 30.

25. Filme *Jesus* — AD2000 Rede Saturação do Evangelismo + Liderança leiga, Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo.

do. O filme *Jesus* já foi traduzido para 300 línguas e visto por mais de 2 bilhões de pessoas.²⁵

O pesquisador Ralph Winter, fundador do Center for World Mission em Pasadena, na Califórnia, declarou: "Nunca houve na história da igreja tanta conversão como vemos hoje." O avanço do evangelho está cumprindo a profecia de Habacuque (2.14): "A terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar." Alegremo-nos com o que Deus está fazendo, mas não nos esqueçamos de que há muitos clamando: "Passa à Macedônia e ajuda-nos."

OS DESAFIOS DAS NAÇÕES

Após Israel vencer dezenas e dezenas de reinos e nações, conquistar vasta região e se estabelecer na terra prometida, o Senhor fala a Josué: "Ainda muitíssima terra ficou para se possuir" (Js 13.1). Há muito a fazer!

Existem milhares de povos não-alcanceados, sem uma testemunha de Jesus, vivendo na Janela 10/40, área geográfica compreendendo norte e noroeste africano, o sul da Ásia e o Oriente Médio, onde se concentram os três blocos das maiores religiões do mundo: budismo, islamismo e hinduísmo, cujas barreiras culturais e políticas representam os maiores desafios contemporâneos para a proclamação do evangelho. Pesquisa apresentada pelo missiólogo Ronaldo Lidório²⁶ relata que, na Europa e no Norte da Ásia, há cerca de 220 milhões de ateus e pessoas "sem religião" (que não professam nenhum credo), vivendo em

26. RONALDO LIDÓRIO, *Entre todos os povos*. São Paulo, Fronteiras Editora, 1996, p. 68-70.

boa parte nos antigos países de índole comunista. A Europa não é mais um continente cristão. Na Inglaterra, templos evangélicos estão-se tornando mesquitas e casas noturnas. A Espanha, país católico, com menos de 0,5% de evangélicos, tem centenas de municípios sem uma igreja estabelecida sequer.

Para evangelizar e discipular as nações é imprescindível o uso das Escrituras sagradas. E como fazer isto, se não tornarmos a Palavra acessível a cada povo? Essa é uma área que também deve fazer parte do nosso compromisso de clamar: a tradução das Escrituras. Precisamos de missionários lingüistas, que se dediquem a essa tarefa, pois ainda há milhares de línguas que necessitam de tradução. William Cameron Townsend, missionário na América Central, trabalhou entre os índios com língua ágrafa, para os quais a Bíblia em espanhol não era válida. Certo dia, ouviu de um índio: “Se o seu Deus é tão sábio, por que ele não fala a minha língua?” Essa pergunta tornou-se um desafio que o incomodou até que, em 1934, fundou a Wyclliffe Bible Translators, uma missão criada para cooperar com outras na tradução da Bíblia.

Podemos louvar a Deus pelo ministério de tradução das Escrituras, o número de traduções tem tido um crescimento surpreendente. Mais recentemente, Deus levantou a Wyclliffe com uma específica visão de providenciar o Novo Testamento para cada língua ainda sem as Escrituras.²⁷ É necessário orar por esse árduo trabalho, pois mesmo com a ajuda da tecnologia, leva-se de dez a vinte anos para completar uma tradução de toda a Bíblia.

27. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p. 231.

Um dos maiores desafios da Igreja contemporânea é o mundo muçulmano. O Oriente Médio é praticamente formado pelo mundo árabe, onde a penetração evangélica é difícil; eles formam 25% dos povos não-alcançados do mundo. Menos de 3% do total de obreiros evangélicos mundiais tentam alguma ação para alcançá-los. A região sul-asiática abriga hoje uma população de mais de 1 bilhão de pessoas, onde menos de 0,7% são evangélicos e grande parte dos idiomas falados não possui nenhum testemunho de Cristo.

A África tem sofrido constantes conflitos e guerrilhas e mais de 100 golpes políticos desde 1970, gerando 6 milhões de refugiados. Podemos dividir o continente em África islâmica, África animista e África cristã. Há 713 povos africanos animistas, totalmente intocados pelo evangelho.

Na América Latina, os grupos indígenas constituem o maior desafio. Na floresta amazônica brasileira existem 114 grupos indígenas sem o testemunho do evangelho e com pouco ou nenhum contato com a civilização. O trabalho torna-se difícil, pelas grandes barreiras culturais e lingüísticas, além das dificuldades com a política da FUNAI. As tribos indígenas são um tremendo desafio para a igreja brasileira. Um prioritário desafio!²⁸ Oremos confiantes, porque “a oração é o combustível de Deus para fazer o caldeirão das nações chegar a uma pressão em que as coisas têm de acontecer”.²⁹

Outra questão que deve nos incomodar é a perseguição aos cristãos. Há 93 países onde ocorre perseguição;

²⁸ B. Ronaldo LIDÓRIO, *Entre todos os povos*. São Paulo, Fronteiras Editora, 1996, p. 68-70.

²⁹ Rudi JIRON, COMIBAM, 1997.

uma em cada 10 pessoas no mundo é um cristão perseguido. A Missão Portas Abertas opera diretamente em 50 desses países.³⁰ O sofrimento e o martírio são tão cruéis hoje, mesmo com a criação da Defesa dos Direitos Humanos, como foram no primeiro século da era cristã.

O Pacto de Lausanne, firmado no Congresso Internacional de Evangelização Mundial em 1974, marcou a história da igreja e promoveu uma maior consciência da sua responsabilidade social, defendendo o evangelho integral: “Afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambas parcelas do nosso dever cristão. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, opressão e discriminação [...]. A salvação que afirmamos usufruir deve produzir em nós uma transformação total, em termos de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.”³¹

Mesmo com a ênfase no evangelho integral, a igreja tem sido omissa e o evangelho não tem significado boas-novas para 22 milhões de prostitutas, para 25 milhões de crianças que vivem nas ruas, para 800 milhões de adultos analfabetos, para a metade da população mundial que é pobre e para os quase 30% que são mal nutridos — 1,5 bilhão de pessoas no mundo não têm acesso a nenhuma forma de ajuda médica.³²

Intercedamos urgente e insistentemente para que Deus desperte a igreja. Roguemos ao Senhor da seara que

30. Ricardo MUNIZ, “Modelos missionários brasileiros para o século XXI” — *A igreja sofredora*, 1998, p. 136.

31. *A missão da igreja no mundo de hoje*. Congresso Internacional de Evangelização Mundial, Lausane (Suíça), ABU Editora e Visão Mundial, 1982, p. 242.

32. Myers BRYANT, *O desafio urgente de missões mundiais*. Belo Horizonte, Missão Editora, 1995, p. 39.

mande trabalhadores! Em muitos países fechados, como o mundo árabe, é proibida a entrada de missionários, e em países que sofrem as seqüelas das guerras, fome e miséria, se faz necessário orar para que o Senhor desperte profissionais liberais, para servir como “fazedores de tendas”, dispondo-se a cumprir a missão como bi-vocacionais. As agências estão pedindo médicos, enfermeiros, técnicos agrícolas, engenheiros, nutricionistas, professores, pessoas com qualificação profissional e vocação missionária a fim de levar o evangelho integral que alcança, ao mesmo tempo, o espírito, a alma e o físico daqueles que são à imagem de Deus.

O Senhor Jesus também disse: “Vede a figueira” (Lc 21.29). Israel, exemplificado na figueira, é um sinal de Deus na história. Após 1.800 anos sem terra e sem bandeira, a nação foi restaurada, em 1948. O rabino Henry Sobel, ao comemorar os 50 anos de Israel como estado novo, fez a seguinte afirmação: “Deus agiu mais uma vez a favor da nação, como no tempo dos relatos bíblicos. Ele fez assim para que continuássemos a crer em milagres.”³³ Com todos os conflitos existentes, a nação tem provado um avanço tecnológico invejável, uma produção agrícola fantástica, e ergue-se sinalizando, em nossa geração, o cumprimento das profecias milenares. “Assim diz o Senhor Deus: Eis que levantarei a mão para as nações e ante os povos arvorarei a minha bandeira; eles trarão os teus filhos nos braços, e as tuas filhas serão levadas sobre os ombros” (Is 49.22). A figueira floresceu, porque o Deus de Israel levantou o seu braço e cumpriu o predito: “Direi ao Norte: entrega! E ao Sul: não retenhas! Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra” (Is 43.6).

33. *Folha de São Paulo*, 1998.

Além desses feitos gloriosos, existe hoje um movimento de evangelização entre os judeus e muitos estão reconhecendo em Jesus o seu Messias. A Igreja Batista na Liberdade, em São Paulo, mantém uma comunidade de judeus convertidos dentro da própria igreja.

O apóstolo Paulo tinha os olhos abertos para ver os desafios das nações, mas sua maior atenção estava naqueles que nunca ouviram. Ele tinha visão e prontidão para ir aonde Cristo ainda não fora anunciado. Oremos por cada pastor, cada líder na igreja brasileira e cada missionário, para que sigam o exemplo desse grande missionário do primeiro século e possam dizer como ele: “Esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio” (Rm 15.20). Intercedamos para fazer cumprida a palavra profética: “Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito” (Rm 15.21). A responsabilidade é nossa! A evangelização do mundo precisa ser feita para que se cumpra a profecia dada pelo Senhor Jesus: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24.14). Queremos dizer: “Maranata”! Evangelizemos o mundo em nossa geração.

Ora eficazmente quem pode ver Deus na história e, assim, acompanha e participa do programa divino para o estabelecimento completo do seu reino. “A conexão entre a intercessão e os eventos mundiais não é fácil de ser estabelecida aqui na terra, mas, um dia, nós veremos como o poder da oração causou impacto no mundo.”³⁴

34. Patrick JOHNSTONE, *The church is bigger than you think*. Christian Focus Publications/ WEC, 1998, p. 129.

Saber falar a Deus é mais importante do que saber falar aos homens.

Andrew Murray

Orar não é tanto submeter nossas necessidades a Deus, mas submeter a nós mesmos a ele.

J. Blanchard

Orar da maneira correta é um dom raro.

João Calvino

A oração não somente muda as coisas, mas também nos transforma.

Maldwyn Edwards

Orar não é lutar contra a resistência de Deus em nos abençoar; é lançar mão da sua disposição em fazê-lo.

J. Blanchard

Deus não pode renunciar a seu atributo de ouvir a oração, tanto quanto ao atributo de sua existência.

João Calvino

A grande tragédia da vida não são as orações não respondidas, mas as que não foram feitas.

F. B. Meyer

PRINCÍPIOS DA INTERCESSÃO

A oração não é uma elaboração limitada à mente humana; também não é mera verbalização das necessidades humanas nem repetição de palavras, por isso não é reza. É conversa com o Ser supremo, comunicação entre o céu e a terra. Um encontro do finito com o Infinito, um pacto de confiança entre o necessitado e o Suficiente. É estar na presença do Altíssimo com a certeza de ser ouvido, é falar além dos códigos da linguagem humana. É sentir o coração daquele que deseja abençoar; é perceber a sua grandeza de poder fazer todas as coisas.

A oração tem princípios que devem ser considerados. Destacamos, a seguir, apenas seis deles, crendo na importância que têm para tornar a oração uma prática verdadeiramente bíblica e eficaz em seus resultados.

ORAÇÃO NO ESPÍRITO

O Senhor Jesus, como Mestre, ofereceu um modelo de oração, o “Pai Nosso”. Mas ordenou que seus seguidores fiquem em Jerusalém para receberem o Espírito Santo, o qual transformaria a oração em um estilo mais inspirativo, pessoal, criativo, com alvos específicos, contrariando o método decorativo ou repetitivo, próprio da formalidade da religião. Reunidos no lugar da primeira ceia, os primeiros cristãos receberam o derramamento do Espírito, o qual assiste os cristãos nas suas orações.

Orar no Espírito é *depend*er da ajuda do Espírito Santo para pedir conforme a vontade de Deus (1Jo 5.14). O Espírito Santo ajuda aqueles que reconhecem que não sabem orar como convém (Rm 8.26). Na limitação humana, percebemos mui superficialmente os planos eternos, tanto os pessoais como os universais, e os objetivos de Deus na história. Dificilmente sabemos com exatidão pelo que devemos orar; o Espírito Santo supre essa deficiência porque ele é quem adequa as nossas petições ao propósito de Deus. Para isso não existem regras. A pessoa divina do Espírito Santo é que conduz as expressões, motiva e dirige os pensamentos do intercessor. Ele é o nosso ajudador, o Paráclito divino — aquele que está assistindo a este momento para interceder por nós, e em nós, para nos fazer entender a mente do Pai, trazendo à nossa consciência os propósitos divinos. “As coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus [...]. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus [...]. Nós temos a mente de Cristo” (1Co 2.11, 10, 16).

É ele quem nos induz a orar e nos transmite o que está no coração do Pai. “O Pai sabe qual é a intenção do Espírito em sua obra intercessória, e ele intercede em nós com gemidos inexprimíveis. Enquanto lutamos por expressar, em linguagem articulada, os desejos dos nossos corações, descobrindo assim que nossas mais profundas emoções são as mais difíceis de expressar, ‘gememos’ debaixo do peso dessa incapacidade sentida [...]. Porquanto ‘o próprio Espírito’ está nos crentes, dando às emoções que ele mesmo acendeu a única linguagem de que são capazes [...]; ao mesmo tempo, são a intercessão do próprio Espírito Santo em nosso favor.”¹

Orar no Espírito é orar a vontade de Deus, é orar segundo Deus. O Espírito Santo assegura que o pedido está de acordo com a vontade do Pai e garante a resposta porque Ele também é o executor desta vontade. “Segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos” (Rm 8.27). O Espírito Santo intercede por nós e em nós; ele dá a forma certa às nossas orações. Quando oramos, devemos expressar o que Deus quer fazer.

Daí podermos aceitar a frase tão enfática de João Wesley: “Deus nada faz se não em resposta à oração.” Quando entendemos que a oração começa em Deus e que orar é trazer a vontade e o propósito divino à terra, podemos confirmar esta verdade e invocar: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10).

Orar no Espírito é ser guiado para *pedir corretamente*, isto é, pedir para atingir o cerne da questão. Veja o que

1. Russell Norman CHAMPLIN. *O Novo Testamento interpretado*. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 722 (Brown, *in loc.*).

diz Tiago: “Nada tendes, porque não pedis, pedis e não recebeis, porque pedis mal” (Tg 4.2-3).

Eu estava numa reunião de oração, numa grande igreja, e fiquei por alguns instantes ouvindo o murmúrio de centenas de irmãos, na maioria mulheres, diante de Deus em orações; algumas chorando, outras balbuciando... De repente, faz-se silêncio, é uma voz profética que se levanta. Dentre outras mensagens, a única que gravei, o Senhor dizia: “Quanto sofrimento por falta de sabedoria.” Esse profeta era digno de confiança, porque não falou o que sempre o povo quer ouvir: Vou resolver seus problemas etc. Deus estava dizendo que o pedido precisa ser feito corretamente. Ao invés de pedir pelo problema, deviam clamar por sabedoria e o sofrimento ia ter seu fim.

Preparava-me para ir ao Peru, na década de 1980, numa viagem missionária. Todos os dias orava com alguns alunos, clamando principalmente pela igreja no Peru, que vinha sendo duramente perseguida pelo grupo terrorista Sendero Luminoso. Naquele tempo, sentimos o Senhor nos dirigir a orar pedindo por uma estratégia para o presidente daquele país impedir a ação do grupo. Imaginamo-nos entrando no gabinete presidencial e ministrando ali. Mais adiante, presenciamos a prisão do líder do grupo, e a força dos guerrilheiros foi minada.

Escrevendo sobre o avivamento no País de Gales, um ministro observou: “Nada me surpreendeu tanto como ouvir esses homens dedicados à oração. Eles oram tão bíblicamente e com tanta sinceridade que me sinto forçado a crer que são ensinados pelo Espírito de Deus.”²

2. Wesley L. DUEWEL, *O fogo do reavivamento*. São Paulo, Candeia, 1995, p. 152.

Orar no Espírito também é *orar em línguas*. Quando o apóstolo Paulo discorre acerca do uso dos dons, deixa claro que orar em outra língua é uma manifestação do Espírito Santo no espírito do ser humano para que este possa orar com o espírito. “Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente” (1Co 14.15). Não podemos restringir a oração em espírito à oração em línguas, porque esse é um dos dons que o Espírito Santo confere. “Os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” (1Co 12.4). Se assim fosse, aquele que não possui este dom não oraria no Espírito? — Não encontramos respaldo bíblico para isso. A Palavra diz que o Espírito Santo “distribui [os dons] como lhe apraz, a cada um individualmente” (1Co 12.11). E deixa claro: “A um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria [...]; a outro, no mesmo Espírito, a fé [...]; a um, variedade de línguas; a outro, profecia” (1Co 12.8-10). Podemos começar a orar expressando em espírito o que não entendemos, mas crendo que no reino espiritual há comunicação. “Se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera” (1Co 14.14).

Não é orar em línguas que espiritualiza a oração ou confere-lhe autoridade. O teste da nossa espiritualidade é a obediência absoluta às determinações divinas para agradar-lhe em tudo. O Senhor Jesus chegou diante do túmulo de Lázaro, sem nenhum estardalhaço, e com muita segurança orou: “Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves” (Jo 11.41-42). A garantia de ser ouvido estava na consciência de que andava na luz da presença do Pai e que fazia tudo para agradá-lo. “Aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque

eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.29). Fazer sempre o que agrada a Deus é a garantia de ser sempre ouvido.

CORAÇÃO ARDENTE

O intercessor deve ter coração sensível à necessidade das pessoas. Quando o Senhor Jesus viu a multidão aflita e exausta, “como ovelhas que não têm pastor”, compadeceu-se dela e fez um apelo aos discípulos: “Rogai ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara” (Mt 9.36, 38). A necessidade de rogar é fruto de um coração que sente a compaixão divina e se compadece da miséria humana, comovido pela angústia que domina a vida daqueles que ainda não acertaram com o caminho da cruz de Cristo.

Ouvimos constantemente a frase: “Missões está no coração de Deus.” Mas se não trouxermos missões para o nosso coração, não mudaremos o quadro que indica os bilhões que estão perdidos. O apóstolo Paulo experimentou missões no coração: “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos” (Rm 10.1). Na antiga aliança, o altar do incenso estava dentro do santuário e o sacerdote mantinha o fogo aceso queimando o incenso diante de Deus. Isto ilustra o constante ardor, a paixão com que devemos orar, para que haja o cheiro do incenso que agrade as narinas de Deus. George W. Peters pronunciou: “Deus, a igreja e o mundo estão procurando homens com o coração em chamas — coração cheio do amor de Deus, cheio de compaixão pelos males da igreja e do mundo [...], cheio de paixão pela salvação dos perdidos.”³

3. Wesley L. DUEWEL, *Em chamas para Deus*. São Paulo, Candeia, 1994, p. 23.

A súplica parte do coração. Se não sentimos o coração ardendo, precisamos clamar ao Espírito Santo para que produza o genuíno amor, de modo que a nossa intercessão gere vida e ministremos com fervor a bênção divina àqueles que levamos no coração até o trono da graça.

O Senhor Jesus intercedia com o coração em chamas. Ele chorou diante da cidade de Jerusalém, lamentando a rejeição do povo judeu (Lc 19.41-44) e ofereceu-se ao Pai com forte clamor, lágrimas, oração e súplicas (Hb 5.7). “Nada agrada mais a Cristo do que compartilharmos com ele seu fardo pelo mundo e seus habitantes. Nada nos une tanto ao coração de Cristo como as lágrimas que derramamos ao interceder por outros. Tornamo-nos assim verdadeiramente pessoas segundo o coração de Deus e começamos a entender o que significa ser parceiros de oração de Cristo.”⁴

O Senhor Jesus procurou suscitar uma compaixão semelhante à sua nos seus discípulos, sempre chamando a atenção deles para as multidões aflitas e para os necessitados. “Tal compaixão e oração será a melhor preparação para que nós mesmos nos disponhamos a ir como trabalhadores.”⁵

Oswald Smith escreveu em seu diário: “Preciso experimentar o poder de Deus, qualquer que seja o custo. Oh, que ele me quebrantasse e me fizesse chorar pela salvação das almas.”⁶ É o Espírito que põe o peso no coração para a intercessão.

1. Wesley L. DUEWEL, *Em chamas para Deus*. São Paulo, Candeia, 1994, p. 225-226.

5. John. A. BROADUS, *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1966, p. 290.

6. Wesley L. DUEWEL, *Em chamas para Deus*. São Paulo, Candeia, 1994, p. 229.

Coração apaixonado pelo mundo perdido é um coração esvaziado *de si mesmo*. Somos influenciados por uma sociedade capitalista, materialista, humanista, que nos envolve numa roda viva de atividades para satisfação pessoal. Somos tendentes a pedir aquilo que desejamos, sempre preocupados com os nossos próprios negócios. O verdadeiro cristianismo é caracterizado pela cruz, a qual representa a morte vicária do salvador do mundo. Como lutar pela vida eterna dos que estão perdidos, se não nos identificarmos com a vida que nasce da morte? A cruz é a mensagem do esvaziamento de si mesmo, do próprio ser, do desejo de atenção, do desejo de ser amado, do desejo de possuir. Esvaziar-se para habilitar-se a dar, a entregar sem condições propostas, buscando a única recompensa: a glória da cruz!

A oração intercessória é a expressão do amor e da compaixão de Deus a favor do outro, é tomar a carga do irmão e compartilhar suas necessidades, é o exercício da solidariedade. Faz bem à natureza humana ser útil ou solícito a alguém. A recomendação cristã é: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2).

Devemos ser sensíveis aos irmãos que sofrem perseguição por estarem debaixo de regimes opressores e serem maltratados por causa de sua fé. “Lembraí-vos dos encarcerados, como se presos com eles” (Hb 13.3). Somos o corpo de Cristo; devemos compartilhar a dor da igreja sofredora que experimenta o martírio em várias partes do mundo. Também devemos estender a compaixão de Deus aos que estão debaixo do jugo de Satanás, dominados pelo vício e acorrentados pelo pecado. Aos que estão acometi-

dos de enfermidades e até agonizam em estados terminais. Àqueles que estão desnutridos e famintos.

Temos ouvido alguns dizer: “Orar não é o bastante, temos de agir.” Concordo firmemente. Porém, creio que é a partir do exercício da oração que a sensibilidade é aflorada e pelos gemidos do Espírito Santo os projetos surgirão, as iniciativas governamentais se processarão e as transformações acontecerão! John Stott fala da oração como ato criador: “A oração vale-se do poder criador de Deus, pelo que se diz: ‘A oração modifica as coisas.’ Na oração, pois, entregamos nas mãos de Deus a ordem presente de coisas, para que elas sejam modificadas.”⁷

A oração é o segredo para a paixão pelas almas. O cristianismo genuíno não é motivado apenas pelas iniciativas dos defensores dos direitos humanos, pelos povos que sofrem as catástrofes e as opressões dos sistemas mundiais. Ele considera tudo isso, a causa social, que é justa, mas não tão séria como a urgência da salvação para aqueles que “estão sendo levados para a morte, os que cambaleiam indo para serem mortos” (Pv 24.11).

Cremos no evangelho integral que busca o bem-estar social, e somos conscientes da nossa reprovável omissão nas causas humanitárias, mas também cremos que nenhum projeto genuinamente cristão deve prescindir da orientação divina para obtenção dos recursos e para definição das estratégias de trabalho. Se o coração arde pela situação do mundo perdido, ele se comoverá em oração crendo que o Senhor se compadece e age a favor dos

7. John STOTT, *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*. São Paulo, ABU, 1997, p. 604.

necessitados. “Se o meu povo, que chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2Cr 7.14).

Quando William Booth, fundador do Exército da Salvação, foi inquirido pelo rei da Inglaterra sobre qual a força que dirigia a sua vida, ele respondeu: “Majestade, alguns homens têm paixão pelo ouro, outros pela fama, mas a minha paixão é pelas almas.”⁸

Cristianismo sem paixão não é capaz de impactar as nações, de fazer diferença entre as demais religiões. A obra missionária precisa de homens e mulheres possuídos de paixão pelas vidas que perecem sem salvação. Paixão para pregar, paixão para interceder com o coração ardente.

IDENTIFICAÇÃO

O nosso sumo sacerdote, Jesus Cristo, é o perfeito exemplo de identificação com aqueles por quem intercedia. “Não necessitava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.25). Na sua encarnação e durante toda a sua peregrinação nesta terra, ele identificou-se com o pecador. Nossa identificação com o pecador só é real porque estamos em Cristo. E o ministério de intercessão só tem validade porque Jesus é o sumo sacerdote. Nossas orações só são aceitas pelo Pai no nome dele e só têm valor por causa do crédito que ele tem diante do Pai — ele tem fundos inesgotáveis nos tesouros de Deus.

8. Wesley L. DUEWEL, *Em chamas para Deus*. São Paulo, Candéia 1966. p.102.

O apóstolo Paulo caracteriza a identificação como *intercessão substitutiva*. Na carta a Filemom, intercedeu por Onésimo, o escravo fugitivo, colocando-se no lugar dele na confiança de que seria aceito: “Recebe-o, como se fosse a mim mesmo” (v. 17). E vai mais além (v. 18): “E se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta”, isto é, dá-lhe o meu mérito.

“Recebe-o, como se fosse a mim mesmo” — essa atitude na oração é para aqueles que são capazes de se identificar com os excluídos, os marginalizados, tais como as crianças de rua jogadas como lixo nas calçadas frias, sem abrigo e sem amor; os aidéticos sem esperança; as prostitutas sem segurança; os escravos do vício, sob o peso da condenação. Estar diante de Deus como se fosse um deles porque não somos melhores do que eles; poderíamos ser como eles, se a graça não nos tivesse alcançado.

Sob o peso dessa realidade, devemos interceder com identificação profunda, atendendo ao clamor do profeta Jeremias: “Não pare de chorar a meninas de teus olhos! Levanta-te, clama de noite no princípio das vigílias; derrama, como água, o teu coração perante o Senhor; levanta a ele as mãos, pela vida de teus filhinhos, que desfalecem de fome à entrada de todas as ruas” (Lm 2.18-19). “A identificação é a lei básica para o intercessor, ele é o autêntico representante.”⁹

Moisés também é um exemplo de identificação. Ao interceder pelo povo de Israel, teve a ousadia de dizer: “Perdoa este povo ou, se não, risca-me do livro que escreveste” (Êx 32.32). Ele se colocou entre Deus e o povo, e o

⁹ Norman P GRUBB, *Rees Howells – intercessor*. Belo Horizonte, Betânia. p. 74.

Senhor aceitou a sua oferta. Paulo intercedeu e ofereceu-se a Deus pela salvação de Israel: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas” (Rm 9.2-3). Expressa a profunda dor que o consumia, a intensa chama de amor que lhe dava disposição de oferecer a própria alma (não apenas a existência terrena) para ver Israel reconhecer em Jesus o seu Messias. Este lamento também foi expresso pelo Redentor de Israel, quando chorou a rejeição do povo diante da cidade de Jerusalém (Mt 13.37).

No livro *Rees Howells, intercessor*, o autor conta experiências impactantes de identificação com aqueles por quem orava, chegando a sentir-se como se estivesse com febre, ao orar por um doente. A identificação pode ser tão intensa que a pessoa sofre os mesmos sintomas, as mesmas dores daqueles que estão sendo levados à presença do Abençoador. O Senhor Jesus começou a entristecer-se e a angustiar-se e chegou a dilatar os poros e sangrar quando orava intensamente diante do cálice da morte para nos dar a vida eterna (Mt 26.36 e Lc 22.44). Isso é agonizar em oração. Esse tipo de intercessão vem do profundo da alma, é algo gerado no íntimo. O profeta Joel conclamou: “Rasgai o vosso coração e não as vossas vestes [...]. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor” (Jl 2.13, 17).

Quando Daniel intercedeu pelo seu povo, confessou o pecado da nação como se ele tivesse praticado as mesmas transgressões, e pediu perdão: “Ó Senhor, a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque temos pecado contra ti

[...]. Ó Senhor, perdoa [...]. Falava eu ainda, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo de Israel, e lançava a minha súplica perante a face do Senhor, meu Deus..." (Dn 9.8, 19, 20).

O Espírito que guia a oração é o mesmo que leva à identificação. Ele excita a alma na expressão do seu amor. Não precisamos forjar experiências, nem imitar ninguém. Os sintomas físicos e emocionais que às vezes se manifestam na intercessão não são mais importantes do que a consciência de estarmos cumprindo a nossa missão, colocando-nos entre Deus e as nações, entre Deus e as pessoas por quem oramos, pela mediação do Senhor Jesus, crendo que o Pai nos ouvirá.

FÉ OPEROSA

Quando nos aproximamos de Deus, devemos crer não apenas que ele está presente, mas que ele está comprometido com a sua Palavra para atender as nossas petições. O intercessor deve ser uma pessoa de fé. A fé torna eficaz a oração e deve precedê-la. A fé reivindica a promessa divina e certifica-se da resposta. É a fé que faz a oração movimentar-se em direção às promessas. "Tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis" (Mt. 21.22). Jesus colocou o *tudo* diante de nós, com apenas uma condição — crer.

Em questões mundiais como a quebra de um portentoso sistema político, a queda de um regime de segregação racial ou uma nação avassalada por epidemias, fome, guerras, oposição a Deus, a intercessão é eficaz se considerar firmemente que as nações estão sob o comando do

rei eterno. Muitos não tiveram a oportunidade de ver, como vimos em nossa geração, o milagre da criação do estado de Israel, as grandes transformações no leste europeu e outros feitos grandiosos.

Nem sempre teremos a alegria de ver nossas orações respondidas. Muitos hão de se identificar com os heróis descritos no livro de Hebreus, os quais “morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe” (Hb 11.13). O segredo é pela fé antever e persistir crendo. Mesmo quando não alcançamos os resultados das nossas orações, nossa fé diz que elas estão diante do trono como incenso e serão lançadas sobre a terra (Ap 8.4-5).

É necessário ter ousada confiança na oração. Classificamos como *fé ousada* a fé desenvolvida a favor do outro. É a disposição de crer, não pelo outro, mas para que o outro creia. Paulo exerceu essa fé ousada quando orou pela sobrevivência de 276 pessoas no navio que os conduzia a Roma, e declarou: “Nenhuma vida se perderá de entre vós [...]. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito” (At. 27:22, 25). O Senhor Jesus exerceu uma fé ousada quando orou por seus discípulos, homens tão frágeis como Tomé e Pedro, crendo, entretanto, que haveriam de se fortalecer e que cumpririam a missão de levar outros a crer (Jo 17.20).

Orar é crer no impossível. Não há impossibilidade dentro dos propósitos divinos. A fé nos faz ver além da necessidade presente. Quando nos pomos de joelhos diante do Pai por uma causa, devemos ter como base as riquezas da sua glória, a certeza do poder que opera infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos (Ef 3.14-21).

Há tantos perdidos sem esperança, com apenas um destino: a morte eterna. Precisamos levá-los no coração diante do trono, crendo que o Senhor se revelará a eles. A maneira como o Senhor vai realizar a obra não precisamos saber, ele tem métodos apropriados para cada ocasião. Ele pode usar a nós mesmos para aqueles que estão perto, pode usar o missionário para quem está longe. O método é do Senhor!

Desejo chamar sua atenção para a analogia feita por Jesus entre o pai humano e o Pai divino: “Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra?” (Lc 11.11). “Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?” (Mt 7.11) A expressão “quanto mais” é um recurso literário para reforçar a nossa fé, porque ele é incomparavelmente bondoso e pronto a atender o filho. Portanto, Jesus dá a ordem: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois, todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-vos-á” (Lc 11.9-10).

A oração é um exercício espiritual, daí ser imprescindível chamar a fé à ação. A promessa é o recurso de Deus para garantir a resposta da oração. A fé é a reação humana diante das promessas. Ele falou, ele cumprirá. Dirigindo uma obra de fé há 33 anos, a missionária Lídia Almeida de Menezes tem exercitado a confiança em Deus para o sustento dos obreiros, as construções e a manutenção do Instituto Bíblico Betel Brasileiro. Numa entrevista ela mostrou como toma as decisões em cada empreendi-

mento: “Nos momentos de decisões importantes para a instituição, Deus me faz agir com prudência. Mesmo depois de ouvir a voz do Senhor, espero até que o Espírito gere uma profunda convicção no meu íntimo e venham as confirmações de que realmente foi Deus quem falou. Depois de possuir toda a certeza, não me preocupo se houver rejeição ou crítica ao que estou afirmando, porque creio que, quando Deus fala, eu posso crer que a sua promessa não falhará.”¹⁰

Aquele que conhece o seu Deus confia nele. “Sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso” (2Tm 1.12). Não é a fé na fé, nem a fé no pensamento positivo, nem em amuletos para materializar a confiança. A fé sadia acomoda-se à visão do eterno e firma-se na promessa divina. O servo do Senhor tem promessas e exerce nelas a fé confiante.

No fim de sua vida, Josué disse a Israel: “Vós bem sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma que nenhuma só promessa caiu de todas as boas palavras que a vosso respeito falou o Senhor, vosso Deus; todas vos sobreviveram, nem uma delas falhou” (Js 23.14). Desenvolver a confiança é manter a certeza de que Deus é fiel! Ele é soberano e nada foge ao seu controle. Ele cumpre o que promete.

Confessamos que não há oração sem respostas. Se mantivermos este nível de confiança, não hesitaremos em pedir: “Se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito” (1Jo 5.15). “Quando Deus promete e o

10. Revista *Raio de Luz*, ano 23, nº 91, outubro de 1993, p.13.

homem ora, estão unidos pela fé; então, nada será impossível.”¹¹

PERSISTÊNCIA

É necessário exercer o clamor persistente. “Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, que todo o dia e toda a noite jamais se calarão; vós os que fareis lembrado o Senhor, não descanseis, nem deis a Ele descanso” (Is 62.6-7). O intercessor é o vigia ou sentinela que se põe diante de Deus e procura ver onde ele está sinalizando a sua operação para intensificar a oração.

A falta de perseverança pode impedir a vitória completa. Quando o rei Jeoás foi visitar o profeta Eliseu, aconteceu o seguinte episódio: “Toma as flechas [e] atira contra a terra; ele a feriu três vezes e cessou. [Eliseu] se indignou muito contra ele e disse: Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então, feririas os siros até os consumir; porém, agora, só três vezes ferirás os siros” (2Rs 13.14-19). Comentando este texto, o Dr. Russell Shedd afirma: “Eliseu profetizava vitórias nos anos seguintes, em proporção à fé demonstrada naquele ato.”¹² “Até consumir” é a meta do guerreiro que não descansa a mão, não deixa de lançar a arma da oração. Para isso, é necessário o espírito persistente clamar “até que Deus restabeleça Jerusalém e a ponha como objeto de louvor na Terra” (Is 62.7). Até que Deus restabeleça o Brasil, a Indonésia, o Peru, a Coreia do Norte, o Afeganistão, o Timor Leste e, enfim, cada nação da terra, até que se estabeleça o reino do Messias divino, o reino eterno!

11. E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer*. Baker Book House, p.27.

12. *Bíblia Shedd*. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 547.

Perseverar é saber aguardar o tempo de Deus. A missionária batista americana Rosalee Appleby trabalhou em Belo Horizonte, onde ajudou a fundar várias igrejas. Mesmo depois que perdeu o seu esposo continuou seu trabalho no Brasil por mais de 36 anos. Ela orou durante todo esse tempo e mesmo quando voltou para os Estados Unidos ainda continuou pedindo um avivamento para a igreja brasileira. Ela nos ensinou que vale a pena ser perseverante! Muitos outros missionários, homens e mulheres de Deus, regaram as terras brasileiras com as lágrimas da oração. Quanto aos efeitos dessas súplicas, só na eternidade a história será amplamente contada.

É necessário persistir diante de Deus até ser ouvido. Elias orou com instância para que não chovesse e não choveu... Por sete vezes, persistiu em pedir para que chovesse e enviou seu moço para ver se havia sinal da resposta, até que ele viu surgir no horizonte uma nuvem do tamanho da palma da mão de um homem (1Rs 18.42-44; Tg 4.17). Moisés persistiu perante o Senhor quarenta dias e quarenta noites, pedindo para que Deus não destruísse o seu povo. “Orei ao Senhor, dizendo: Ó Senhor Deus! Não destruas o teu povo e a tua herança” (Dt 9.26). E o Senhor o atendeu.

Jesus ensinou a persistência na oração, contando duas parábolas. A primeira é a do amigo importuno: Se o amigo não se levantar para atender pela amizade, o fará pela importunação e dará tudo o de que o outro tiver necessidade (Lc 11.5-8). A segunda é a parábola do juiz iníquo, em que uma viúva importunou o juiz até que este julgou a sua causa, pois ponderou: “Julgarei a sua causa,

para não suceder que, por fim, venha a molestar-me.” Então Jesus deixa a indagação: “Não fará Deus justiça a seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em atendê-los?” (Lc 18.1-8). Quando parecer demorado, persista! Quando parecer que o Senhor não quer ouvir, persista! Pois o supremo Juiz é justo e “depressa fará justiça”.

Sabemos de muitos cristãos que sofrem perseguições, injustiças e vão até o martírio pelo único crime de confessar a sua fé em Jesus Cristo. A fé destes, defendida até a morte, deve fortalecer a nossa fé, no exercício de persistir em encher as taças de incenso, aguardando o dia em que serão derramadas sobre a Terra (Ap 8.3-5). O supremo Juiz também fará justiça em resposta ao clamor dos mártires: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6.10).

A visão da eternidade é o incentivo maior para nos fazer perseverar. Os heróis da fé nos dão o exemplo: “Todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa” (Hb 11.39). Morreram persistindo em crer que aquele que fez a promessa é fiel!

PRONTIDÃO

A prontidão é uma atitude de um soldado em serviço, que está pronto para atender com presteza as ordens do comandante. É um princípio da intercessão. Vejamos na experiência de Jônatas e do seu escudeiro, quando pas-

saram à guarnição dos filisteus, a relação do missionário como o guerreiro e do escudeiro com o intercessor. “Disse Jônatas ao seu escudeiro: Vem, passemos à guarnição destes incircuncisos; porventura, o Senhor nos ajudará nisto, porque para o Senhor nenhum impedimento há para livrar com muitos ou com poucos. Então, o seu escudeiro lhe disse: Faze tudo segundo inclinar o teu coração; eis-me aqui contigo, a tua disposição será a minha” (1Sm 14.6-7). O missionário precisa ter seus escudeiros, homens e mulheres que se unam a ele com a mesma disposição de expandir a vitória de Cristo. O guerreiro é aquele que vai à frente, mas tem o seu escudeiro atrás. “Sobe atrás de mim [...]”. E os filisteus caíram diante de Jônatas, e o seu escudeiro os matava atrás dele” (v. 12-13). Vemos neste exemplo uma participação conjunta, uma concordância no propósito, uma disposição igualável, consciência de combate uniforme e uma só confiança: “O Senhor os entregou nas mãos de Israel” (v. 12).

Hamã, inimigo dos judeus, conseguiu do rei Assuero uma autorização para decretar a morte de todos os judeus, os quais encontravam-se escravos sob o jugo do Império Persa. No entanto, a providência divina tinha dentro do palácio real uma judia, bela, nobre e temente ao rei das nações; esta corajosa mulher, ao tomar conhecimento do decreto real, levantou-se para defender o seu povo, expondo a própria vida, colocando-se aos pés do rei para implorar-lhe favor. Seu tio Mordecai entendeu que Deus tinha colocado Ester na posição de rainha daquele reino persa para ser uma autêntica representante do povo judeu, uma diplomata a favor dos judeus num reino pagão.

“Quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (Et 4.14).

Analisemos as atitudes desta ousada mulher como verdadeira intercessora: “Irei ter com o rei” — todos sabiam que, para qualquer homem ou mulher que, sem ser chamado, entrasse para avistar-se com o rei, não havia senão uma sentença: a de morte, salvo se o rei lhe estendesse o cetro de ouro. Ester, sem ser chamada, lançou-se aos pés do rei e, em lágrimas, implorou-lhe que revogasse o decreto. Houve uma decisão de ir. A responsabilidade a moveu para buscar salvamento para a sua nação. Seu desejo de impedir a destruição do povo foi tão profundo que ultrapassou a proibição do decreto.

Quantas mulheres estão arriscando a sua vida no campo missionário por amor a Deus e pela salvação dos povos. Aqueles que se acomodam a tudo nunca poderão provocar mudanças. As leis não serão mudadas pelo simples fato de nós as contrariarmos, mas aquele que se dispõe a colocar-se como um elemento de mudança, oferece a própria vida para o Deus transformador agir.

Esta posição da rainha Ester, sua prontidão para o sacrifício até à morte, chama-nos à atenção: “Se perecer, pereci.” Por uma causa justa e por uma obra santa deve haver sempre disposição até à morte. É aqui que a vida de Ester se apresenta como uma intercessora real. Ela colocase no lugar da nação, representa seu povo diante do rei, o único que podia mudar a sentença. A favor de seus compatriotas, ela entregaria a vida, mas não se escusaria de interceder por eles. Quando o rei lhe perguntou: “Qual a tua petição, rainha Ester? E se te dará. Que desejas? Cum-

prir-se-á”, sua resposta foi: “Se bem parecer ao rei, dê-se-me por minha petição a minha vida, e, pelo meu desejo, a vida do meu povo” (Et 7.2-3). Seu pedido tinha o valor da sua vida e o seu desejo correspondia à salvação do seu povo.

A intercessão que prevalece deve possuir esse peso de valor e de compromisso. Orar não significa apenas trazer à memória de Deus a necessidade das pessoas e das nações, deve significar uma entrega da vida no altar do grande rei.

O rei Assuero investiu Mordecai de autoridade e com o anel-carimbo na mão selou um novo decreto para que o povo judeu se defendesse: “Em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e regozijo, banquetes e festas; e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus” (Et 8.17). A obra redentora tem como alvo alcançar o ser humano que está longe das promessas, fora da aliança. Mesmo neste episódio nacionalista, a intervenção divina foi tão surpreendente que os povos pagãos decidiram a se tornar judeus, fazendo parte do povo escolhido cujo Deus é o senhor dos governantes da terra.

Quantas cidades onde a tristeza domina, vozes de pranto e gemidos podem ser ouvidos, porque a desgraça da condenação é sua única certeza. Cidades que precisam ouvir o novo decreto do rei: salvação, paz, justiça e vida! Quantos povos da terra ainda não se tornaram cristãos! Intercedamos com total disposição e prontidão, até as últimas conseqüências. Deus proverá o livramento!

A lição mais importante que se pode aprender é a da oração.

E. M. Bounds

A espera da resposta a uma oração muitas vezes faz parte da resposta.

J. Blanchard

Se você quer que Deus o ouça quando você ora, precisa ouvi-lo quando ele fala.

Thomas Brooks

Nada está fora do alcance da oração, a não ser aquilo que está fora da vontade de Deus.

J. Blanchard

O céu acha-se sempre ocupado demais para atender oração de coração dividido.

E. M. Bounds

A TAREFA DO INTERCESSOR

São vários os pontos de concentração que compõem a tarefa do intercessor, e nos deteremos em alguns, crendo que o Espírito de Deus que nos assiste em nossas orações estará nos conduzindo nesta gloriosa tarefa.

Todos os indicadores de oração que aqui expomos apontam para um alvo: venha o teu reino entre todos os povos! Cumprir a tarefa de intercessor é pedir como Jesus nos mandou: Venha o teu reino! “Um antigo provérbio judeu diz: Aquele cujas orações não mencionam o reino de Deus não está orando.”¹ Como cristãos, mais do que qualquer judeu que anseia pelo seu Messias, aguardamos com firme convicção e grande expectativa a vinda do reino eterno. Tudo que empreendermos em missões deve apressar a concreta, plena e definitiva vinda do reino. Façamos de todas as nossas orações uma invocação para a vinda do reino do nosso Senhor Jesus Cristo.

1. John R. MOTT, “A responsabilidade dos jovens pela evangelização do mundo”, em *Missões transculturais — uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987, p.326.

MINISTRAR PERANTE O TRONO DE DEUS A FAVOR DA IGREJA

Quem melhor nos ensina a interceder pela igreja senão o apóstolo Paulo? Seu intenso desejo era ver a igreja crescer como um organismo bem ajustado, defendendo uma doutrina pura, em nada deficiente na fé e usufruindo as graças divinas. Ele expressava esse desejo em forma de oração, uma prática que dominava sua vida, a ponto de repetir as expressões: “orando sempre”, “não cesso de orar” e “incessantemente”. Ele se sentia sempre na presença de Deus e trazia a igreja no coração. Então, ao recordá-la, agradecia e expressava sua preocupação por ela, ensinando-a e exortando-a. Assim, suas orações geraram, pelo Espírito Santo, a teologia que devemos saber e viver. O tipo de petição que constituía as orações paulinas deve ser observado por nós. Vale a pena examinar suas cartas a fim de observar essas súplicas, que circundam as necessidades espirituais e se concentram nos valores morais e eternos. Não nos propomos a analisá-las, apenas queremos enfocar esta prática na vida deste missionário e líder do primeiro século, com a intenção de usar o seu modelo para orarmos pela igreja e rogarmos ao Senhor por líderes como ele.

ORAR PELA IGREJA É, ANTES DE TUDO, ORAR POR SUA LIDERANÇA

Certo dia, acordei com uma voz forte que dizia: “Ore pelos líderes!” Creio que esta deve ser a maior preocupação daqueles que se dedicam a orar pela igreja, a fim de que ela seja um rebanho sadio, bem alimentado e protegido no aprisco do bom pastor. Seja esta a nossa petição,

porque o nosso Deus promete: “Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência” (Jr 3.15).

Orar por uma liderança que se esforce no exercício da oração. Paulo declara a frequência e a intensidade com que orava: “noite e dia, com máximo empenho” (1Ts 3.10). O sentido original é de uma luta intensa, um esforço atlético numa competição. Este não é um plano devocional de oração nem um tipo de ritual religioso, mas um ministério de oração de combate.

A igreja depende do céu e precisa submeter-se ao controle do céu e viver na atmosfera espiritual. “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3.27). Isso não quer dizer viver nas nuvens, fora da realidade contextual. Também não estamos ensinando que não devemos pedir o suprimento das necessidades materiais. Mas o texto sagrado nos ensina a enfocar o conhecimento da vontade de Deus, para que as bênçãos materiais advenham da mão do Pai que nos governa e nos supre. A igreja, como expressão do reino, deve exibir sua mentalidade, isto é, seus valores, virtudes e poder. As demais bênçãos físicas e materiais vêm como consequência, porque o princípio divino não pode falhar: “Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Outro servo de Cristo que tinha esse mesmo tipo de preocupação de Paulo pela igreja e mantinha-se em oração por ela era Epafras, pastor da igreja em Colossos. Paulo testemunha acerca dele, dizendo: “[Ele] se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para

que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus. E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós” (Cl 4.12-13).

Quando o líder crê no poder da oração, dedica mais tempo à oração do que aos programas eclesiais.

Wesley Duewel, em seu livro *Chamas para Deus*,² argumenta sobre a necessidade da oração para a eficácia do ministério, acreditando que nenhum conhecimento ou habilidade pode substituir a vida de oração do líder. Cito, a seguir, alguns pontos do seu argumento:

Só podemos guiar o povo à presença de Deus se previamente a conhecemos.

A falta de oração nos leva à falta de influência diante do povo.

Devemos ser líderes que são modelos de oração. Só líderes que oram têm seguidores que oram.

Sua vida de oração revela claramente até que ponto você é um líder espiritual.

Ser uma bênção constante para o povo é ser constantemente abençoado. Como líder, devemos nos manter em constante comunhão com Deus para termos uma liderança plena das bênçãos divinas.

Precisamos orar para receber as diretrizes de Deus para o trabalho e realmente conhecer a vontade de Deus para o rebanho.

2. Wesley L. DUEWEL, *Em chamas Para Deus*. São Paulo, Candeia, 3ª ed., 1996.

A vida de oração traz a unção de Deus sobre nossa pregação.

A oração prepara o coração para receber a mensagem, tornando-o receptivo à voz de Deus.

Pela oração, a presença de Deus é manifestada e seu poder liberado para a operação de maravilhas.

Devemos ter cuidado com o sucesso separado da dimensão espiritual, ou do sucesso que não seja fruto da oração. Perguntaram a Charles Spurgeon qual o segredo do seu sucesso, e ele respondeu: "Trabalho de joelhos! Trabalho de joelhos!"

CLAMAR PELO EXERCÍCIO DOS MINISTÉRIOS NA IGREJA

O apóstolo Paulo ensina que a igreja deve manifestar os cinco ministérios relacionados em Efésios (4.11): "Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres." Porém, a realidade nos mostra a escassez de alguns dos ministérios.

Devemos orar por *apóstolos*. O colégio apostólico não temos mais; o ofício que estabeleceu o alicerce da igreja foi dado aos doze que testemunharam da ressurreição (depois entrou Matias, substituto de Judas Iscariotes); mais tarde, entrou em cena o apóstolo Paulo como um abortivo, como ele mesmo se intitula. "Em sentido mais amplo, apóstolo pode significar missionário"³; no grego, a palavra tem o sentido de enviar: aquele que é enviado ou

3. *Bíblia Shedd*. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 1.622.

comissionado com a autoridade daquele que o enviou (Jo 13.16). Este termo foi usado neste sentido quando os missionários Barnabé e Paulo estavam pregando em Listra (At 4.14). A palavra missionário, derivada do latim, significa enviado. E é usando este termo que podemos identificar o dom de apóstolo em nossos dias.

Orar por *profetas*, homens que falem a verdade de Deus, com coragem de exortar, edificar e consolar a igreja, sendo fiel à Palavra de Deus. “Eram dotados do poder especial da prédica, da revelação de verdades profundas.”⁴ Eles proclamam acontecimentos futuros, tanto por conhecimentos adquiridos pelo estudo como por inspiração divina. É a pregação, ou a comunicação oral ou escrita que vem diretamente da parte de Deus para o coração do povo. É o uso da palavra certa na hora certa para alcançar o ouvinte nas suas reais necessidades. Os profetas são pessoas dotadas pelo Espírito Santo com capacidade de desvendar as verdades bíblicas com perspectivas presentes e expectativas futuras.

Orar por *evangelistas*. “Podemos presumir que o trabalho deles era uma obra itinerante de pregação.”⁵ Pessoas que saibam lançar a rede e fazer uma grande colheita. O Brasil tem sido caracterizado por uma igreja evangelística, e isso tem sido provado pelo crescente número de decisões que vêm ocorrendo em nossos cultos. Entendemos, porém, que alguns grupos têm extravasado na forma de pressionar as pessoas com persuasão emocional ou oferecendo vantagens pessoais. “Os evangelistas são concedi-

4. Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, vol. 4. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 601.

5. Francis FOULKES, *Efésios, introdução e comentário*. São Paulo, Mundo Cristão, p. 99.

dos à igreja como um dom divino à mesma, a fim de expandir as suas fronteiras e aumentar o número de seus membros.”⁶ Todo cristão genuíno tem o dever de testemunhar e ganhar vidas para Jesus. Porém, aquele que tem o dom de evangelista, com mais facilidade conduz as pessoas a uma tomada de decisão ao lado de Cristo.

Orar por *pastores* que alimentem e protejam o rebanho. “São homens dotados de conhecimento, poderes de consolação, entendidos em governo, simpatia com os problemas dos outros, conhecimento para continuar o trabalho do evangelista.”⁷ Infelizmente, o ministério de pastor é quase sempre o único reconhecido na comunidade evangélica. Por isso, os problemas eclesiais crescem cada vez mais. Alguns indivíduos querem exercer a função sem o dom que identifica o chamado divino para o sagrado encargo pastoral, ou admitem a função pastoral por um simples título, como acontece em algumas denominações em que esposas de pastores são intituladas pastoras. Assistimos a esta avalanche de consagração de mulheres e de homens ao pastorado e a esta luta pelo reconhecimento da posição, simplesmente porque na verdade não se busca ou não se reconhece os demais dons que são essenciais à vida da igreja.

Quero ressaltar que não sou contra a consagração da mulher ao pastorado; o que não posso é concordar com a relevância dada ao dom pastoral em detrimento dos demais dons, nem com a consagração tanto de homens como de mulheres sem o sinal da vocação pastoral e sem o preparo indispensável para o exercício de tão nobre função.

6. Russell Norman CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia e filosofia*, vol. 2. São Paulo, Candeia, 1997, p.606.

7. Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, vol. 4. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 601.

Lembro-me da experiência do meu pai, dedicado ao estudo da Palavra. Muitas vezes, após ouvi-lo pregar, as pessoas o interrogavam: “Por que o senhor não se consagra pastor?” Ele conscientemente respondia: “Eu não fui chamado para ser pastor.” Graças a Deus ele foi reconhecido pelo pastor local que aproveitou a sua habilidade na Palavra para instruir o rebanho.

Precisamos pedir *mestres* para a Igreja. Os mestres “são os guardiões do ‘conhecimento’, possuidores de habilidades naturais e concedidas por Deus, para transmitirem conhecimento. Os mestres também têm um entendimento natural e intuitivo da verdade.”⁸ Por causa da falta do artigo no texto grego, as duas classes de ministério estariam em uma só: “pastores e mestres”. Sabemos, porém, que existe o dom distinto do ensino e este também pode ser reconhecido em um membro, que junto com o pastor se dedique a alimentar o rebanho. Quando a igreja local é dirigida por um colegiado, cada pastor exercendo o seu dom específico, o corpo é edificado. Na verdade, todo pastor deve dedicar-se ao estudo para ensinar e doutrinar a igreja, como diz Paulo a Timóteo e a Tito: “É necessário que o bispo seja [...] apto para ensinar”; “tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (1Tm 3.2; Tt 1.9) Francis Foulkes comenta: “Embora seja evidente que alguns possuem preeminentemente o dom de ensino, pode-se dizer que formam uma divisão particular do ministério dentro da igreja e que são um dom especial de Cristo a seu povo (At 13.1; Rm 12.7; 1Co 12.28).”⁹

8. Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, vol. 4. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 601.

9. Francis FOULKES, *Efésios, introdução e comentário*. São Paulo, Mundo Cristão, p. 99.

Precisamos reconhecer que faltam mestres nas igrejas ou falta a identificação dos mesmos. O pouco exercício desse dom tem trazido muito prejuízo ao desenvolvimento sadio do rebanho de Deus. O ministério de ensino muitas vezes resume-se ao estudo sistemático da revista da escola bíblica dominical, ou de tópicos que satisfazem a necessidade do ouvinte, ou dos temas que estão em moda, produzindo o tipo de membros que a denominação quer ter. Ensinar “todo o desígnio de Deus” não é prioridade para uma liderança preocupada somente com a quantidade de membros e com resultados imediatistas.

Se a igreja não exerce o ministério do ensino, o povo não recebe os efeitos da Palavra, os benefícios que ela traz para a vida diária, expostos por Paulo quando escreveu a Timóteo (2Tm 3.16-17; 4.2): “Toda Escritura é inspirada por Deus e:”

Útil para o ensino — conduz à aprendizagem dos preceitos e da doutrina sagrada. O povo precisa saber por que crer e em que crer. Muitas pessoas estão hoje nas igrejas por causa de um benefício recebido, mas não têm condições de dar a razão da sua fé. Não compreendem os ensinamentos e a prática do cristianismo. Como ter segurança na doutrina?

Útil para repreensão — o ensino que apela à consciência, apontando o pecado. É levar o ouvinte a convicção da transgressão. Repreender significa “advertir com seriedade.” Na era do relativismo e do humanismo, o líder tem dificuldade de levar o povo à confissão de pecados porque teme ferir a individualidade e invadir a privacidade.

Se não há consciência de pecado não há arrependimento. Se não há arrependimento, como pode haver santificação?

Útil para a correção — o ensino que atinge a razão, dando argumento lógico para a defesa da fé. Corrige o erro e aprimora a verdade. Corrigir significa “refutar”; se os crentes que têm medo de dar testemunho de sua fé por não terem argumentos bíblicos para expor a verdade em que crêem, como poderão se firmar na verdade e como irão evangelizar?

Útil para a exortação — o ensino que apela à vontade e à emoção, direcionando o querer para a submissão à vontade divina. A palavra exortar significa “consolar” ou fortalecer, mas também indica os apelos para ações corretas e rejeição do mal. Como despertar a igreja para dedicar-se ao serviço sagrado, para o cumprimento da sua vocação, para o uso dos dons e para oferecer seus bens para a obra missionária se não há exortação?

Útil para a educação na justiça — o ensino que forma o ser integral, aperfeiçoando o caráter e promovendo mudanças interiores para a prática do que é justo e reto, tornando o homem perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

O ensino *da* Palavra e não *sobre* a Palavra deve ter prioridade e ser persistentemente considerado como a fundamental prática da igreja, o momento mais precioso do nosso culto, porque a pregação ensina as pessoas a orar. Os puritanos consideravam os membros da igreja como um sacerdócio real, de modo que diziam: “Se vocês tiverem um culto longo, que não deixe tempo para a exposição da Palavra, vocês não estarão treinando as pessoas a

orar.”¹⁰ Oremos insistentemente pelo exercício dos dons ministeriais e clamemos que seja ensinado todo o desígnio de Deus, e não faltarão os ministérios na igreja.

Precisamos interceder pela igreja para que ela cumpra a sua missão. Evidentemente, a missão da igreja tem vários aspectos:

Adoração e oração — fomos feitos para o louvor da glória de Deus, e como sacerdotes reais exercermos o ministério diante do trono.

Proclamação — somos chamados para proclamar o plano salvífico do nosso Deus; a evangelização mundial é nossa tarefa.

Diaconia ou serviço — precisamos lembrar dos órfãos e das viúvas, compartilhar as necessidades dos santos, e servir aos marginalizados onde quer que se encontrem, seja nas ruas, nos hospitais, nas penitenciárias etc. Aqui está o caráter social da missão da igreja.

Edificação do corpo — através do ensino da doutrina cristã, o corpo é “edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.20).

Comunhão — a mútua cooperação e a expressão da multiforme graça de Deus nos relacionamentos e na operação dos dons e do fruto do Espírito Santo.

Todos estes aspectos da missão, na verdade, são direcionados para um só alvo: trazer o reino de Deus para todos os povos. Não podemos afirmar que um deles se

10. D. M. LLOYD-JONES, *Os puritanos, suas origens e seus sucessores*. São Paulo, PES, 1993, p. 386.

sobrepõe ao outro; porém, a história da igreja nos deixa ver que ela tem negligenciado a obra missionária.

A falta de visão do reino de Deus impossibilita a ação missionária da igreja. Observando a experiência do rei Davi e relacionando-a com a realidade de muitas igrejas em nossos dias, veremos que há identificação com o mesmo tipo de visão. Porque temos a tendência de olhar numa dimensão pessoal e local, enquanto Deus nos chama para uma missão universal e terna. (2Sm 7):

Davi preocupou-se em construir uma casa para Deus (v. 2 e 7); Deus se preocupava em construir o reino da casa de Davi (v. 11, 13, 16).

Davi desejava colocar a arca de Deus numa casa de cedro (v. 2); Deus desejava colocar o seu trono em toda a terra (1Rs 8.41-43).

Davi tinha a visão local do Deus de Israel (v. 26); Deus visualizava sua presença expandindo-se por toda a terra (Sl 96.3).

Davi queria honrar a Deus com a construção do templo (1Cr 29.2-3); Deus queria ser honrado pela obediência a tudo o que ele planejava: "Ele, o Senhor, te fará casa" (v. 11,12).

Davi via a sucessão do seu reino em Salomão (1Cr 28.5); Deus antevia o reino messiânico e promete que ele será estabelecido para sempre (2Sm 7.16).

Precisamos orar para que a visão do reino eterno seja clara, que a igreja desperte para proclamar as boas-novas nas cidades, nos sertões, nas vilas e aldeias; em nosso país ou fora dele; em uma cultura similar, como os países latinos,

ou numa cultura mais distante — até aos confins da terra. Que a igreja cumpra a sua missão profética segundo Isaías, a qual foi ensinada por Jesus: “A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações” (Mc 11.17). Sendo assim, assumamos a responsabilidade de:

- Despertar vocações missionárias.
- Selecionar e preparar os vocacionados.
- Encaminhar os candidatos para uma escola teológica.
- Associar-se com uma agência de missões, ou usar o órgão de que a denominação dispõe para dar continuidade ao processo de preparo e envio.
- Prover o sustento adequado de acordo com o campo receptor.
- Formar uma retaguarda de apoio moral e espiritual.
- Estabelecer o cuidado pastoral antes do envio, no campo e depois do campo.
- Adotar os povos ainda não alcançados, focalizando as tribos indígenas brasileiras.
- Desenvolver um ministério de intercessão consistente.
- Organizar o conselho ou departamento missionário da igreja local.

A tarefa missionária é da igreja e nenhuma outra instituição pode fazê-la. O reino é universal e a igreja tem missão de proclamação: fazer o evangelho alcançar cada criatura em todo o mundo. Jesus nos ordenou: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”; “Ide,

portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mc 16.15; Mt 28.19). Paulo nos desafia, quando pergunta: “Como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?” (Rm 10.14-15).

ORAR PELAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS

Quando falamos de agências queremos nos referir às juntas de missões denominacionais ou interdenominacionais, às secretarias ou conselhos missionários das igrejas. O “padrão de qualidade”, elaborado pela Associação de Missões Transculturais Brasileira, dá a seguinte definição: “As agências são organizações que visam servir às igrejas no desempenho de seu ministério missionário. Seus programas incluem elaboração de objetivos e estratégias, preparo e envio de missionários, coordenação do trabalho no campo e apoio burocrático na administração de fundos, documentação, orientação etc.”¹¹

O número de agências brasileiras tem crescido destacadamente: em 1957, o Brasil tinha cinco agências; no ano 2000, segundo Johnstone, subiu para 73.¹²

O despertar missionário experimentado nos últimos anos tem trazido à igreja brasileira a consciência da sua responsabilidade no cumprimento da grande comissão. Alegremo-nos com a forte ênfase que tem sido dada à igreja local como promotora do trabalho missionário, mas não devemos ir ao extremo de considerar as agências dispensáveis para essa complexa tarefa, porque nem

11. *Padrão de Qualidade da AMTB*, ponto 2 da Introdução. 1996.

12. Patrick JOHNSTONE, *Intercessão mundial*. Belo Horizonte, AMEM, 1993, p.173.

sempre a igreja local tem estrutura apropriada para sozinha se responsabilizar por seleção, preparo, envio, administração estratégica e cuidado pastoral do missionário. Como nos propõe Bertil Ekström, no seu livro *Missões & Cia*,¹³ devemos procurar a cooperação entre a igreja local e a agência missionária.

Se, hoje, as empresas e instituições buscam a parceria, por que nós cristãos, ao invés de somar esforços para fazer o melhor, aproveitando estruturas e experiências dos que já estão no serviço há mais tempo, queremos nos isolar ou achar que temos condições de lidar com todas as implicações do trabalho transcultural? Essa atitude, além de não ser bíblica, tem trazido prejuízos. Pude constatar isso quando estive em Moçambique e vi diversos missionários enviados por uma igreja brasileira que achava poder dar conta do trabalho missionário somente porque tinha os “candidatos” para enviar. Pessoas com boa vontade e devotas a Deus, mas como isso não é suficiente para o campo missionário, estavam criando problemas não só para a obra do Senhor, mas até para os órgãos governamentais.

Igreja local e agências enviadoras, juntas, podem fazer melhor a obra missionária. Oremos e unamo-nos com todo empenho para cumprir com excelência a nossa missão.

Orar pelas agências é pedir:

Pelo corpo administrativo (missionário de base) e os missionários no campo.

Pela interação da agência com o missionário.

13. Bertil EKSTRÖM e Paulo Mendes, *Missões & Cia*. Londrina, Descoberta, 2000.

Por seus projetos.

Pela logística.

Por provisões e estrutura física e funcional

Pelo programa de treinamento

Pelos professores, psicólogos e pessoal de treinamento.

Pelo trabalho de cuidado pastoral.

Pela relação na parceria com outras agências e com igrejas.

ORAR PELA ADOÇÃO DOS POVOS MENOS EVANGELIZADOS

O capítulo cinco de Apocalipse relata que João viu diante do Cordeiro os que entoavam o cântico: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (v. 9). Esta é uma referência a grupos étnicos que estarão diante do trono: o sangue do Cordeiro lhes dá este direito, e cabe à igreja anunciar-lhes o preço da redenção. A missão evangelizadora tem em vista alcançar não só cada país mas também todos os seus grupos sócio-lingüísticos. Por exemplo, dentro do Brasil temos as tribos indígenas, os ciganos e diversas etnias de imigrantes que aqui se estabeleceram como colônias, tais como: japoneses, chineses, italianos, árabes e tantos outros. Em todo o mundo, existem 8.000 povos não-alcançados. O COMIBAM Internacional e a Associação de Missões Transculturais Brasileiras têm incenti-

vado no Brasil o processo de adoção de povos; este projeto propõe à igreja brasileira o alvo de adotar 1.615 povos.

A adoção inclui não apenas a intercessão sistemática por um povo, mas também um esforço de iniciar contatos com o povo adotado e enviar missionários dando todo o apoio necessário para o estabelecimento de uma igreja autóctone. Um povo pode ser considerado “adotado” quando, no mínimo, cinco igrejas locais tenham escolhido adotá-lo. Naturalmente, não se trata apenas de números. A motivação é a própria ordem do Mestre de “pregar o evangelho a toda criatura”. Como igreja brasileira temos recursos e condições para assumir nossa responsabilidade pela evangelização mundial. O projeto de adoção de povos poderá, havendo maciça participação da igreja, viabilizar o envio de centenas e até de milhares de missionários brasileiros para os povos que ainda não tiveram a chance de ouvir a mensagem transformadora do evangelho.¹⁴

Algumas igrejas e agências têm entrado nesse processo de adoção, como também o movimento internacional “Mulheres de Ação Global”. A líder no Brasil, Ana Maria Castro, tem distribuído a lista de povos não-alcançados entre as mulheres para que se tornem “mães de povos”. Oremos e nos esforcemos para o cumprimento dessa tarefa (ver endereço de “Adote um Povo” no final do livro).

ORAR PELA PLANTAÇÃO DE NOVAS IGREJAS

Com a proposta de incentivar e desafiar a igreja evangélica a se mobilizar no sentido de plantar novas igrejas em regiões onde há menor presença evangélica, durante a Consulta Global de Evangelização Mundial, na Coreia do Sul, em 1995, nasceu o projeto “Brasil 2010”, tendo o seguinte lema: “Uma igreja acessível a cada pes-

14. Ted LIMPIC (ed.), *Adote um povo*. COMIBAM/AD2000/AMTB/SEPAL, p. 4.

soa, em todo o país, nesta geração". Quando o Senhor Jesus nos enviou ao mundo, ele nos ordenou fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os e não apenas pregando-lhes o evangelho (Mt 28.19-20). Sabemos que, por muitos anos, as agências missionárias não se preocuparam com a plantação de igrejas; os missionários se restringiam à proclamação do evangelho. Este fato retardou o avanço do cristianismo ao redor do mundo, porque, se a igreja é responsável pela propagação das boas novas, ela precisa ser estabelecida para se multiplicar. Muitas missões cometeram o erro do paternalismo e não prepararam obreiros nativos nem plantaram igrejas autóctones. Outro equívoco é a concentração de igrejas em determinados centros urbanos contrastando com regiões sem uma igreja estabelecida. Um exemplo é a região Nordeste do Brasil, onde a porcentagem de evangélicos é a menor de todas as regiões do Brasil. A região ribeirinha, no Norte do país, conta com 30.000 vilarejos sem igreja. O desafio é grande!

Louvamos a Deus porque alguma coisa está sendo feita. Algumas igrejas e denominações têm tomado a iniciativa de dirigir seus esforços evangelísticos para essas áreas mais distantes dos grandes centros. Também algumas instituições têm procurado fazer a sua parte. O Betel Brasileiro há 33 anos trabalha com plantação de igrejas no sertão nordestino. Testemunhamos centenas de vidas transformadas pelo poder do evangelho, e muitas cidades e vilarejos têm pela primeira vez uma igreja evangélica estabelecida. Temos dezenas de igrejas nesta região, dirigidas por pastores nordestinos. Também a JUEP (Juventude Evangélica da Paraíba) vem realizando projetos evangelísticos de férias,

os quais têm resultado na plantação de igrejas sertanejas em parceria com várias denominações.

É fato que temos falhado na nossa missão, porque restringimos o nosso trabalho à nossa denominação ou à nossa organização missionária. Mas será que estamos plantando novas igrejas ao lado de outras, só porque queremos ter mais uma da nossa denominação, ou porque não concordamos com o jeito da liderança ser e queremos fundar uma igreja independente? É necessário avaliarmos as nossas motivações. As novas igrejas estão nascendo onde o reino de Deus ainda não chegou? É necessário entender as reais motivações da evangelização.

O “Brasil 2010” trabalha com pesquisa para identificar os lugares mais necessitados, com uma coordenação de oração e com uma coordenação nacional para despertar a liderança evangélica, objetivando a plantação de igrejas em áreas onde há necessidade de uma igreja acessível à comunidade, em cada grupo étnico e em cada mini-povo em todo o nosso Brasil. Esse projeto já existe em vários países e tem obtido grande êxito no trabalho. Na América Latina ele é chamado de “Amanhecer”; na Europa e em outras partes do mundo é conhecido como “Dawn Ministries”. Tem uma estrutura bem definida e a estratégia de discipular toda a nação. O movimento procura unir o corpo de Cristo aproveitando todas as forças para estabelecer a visão e alcançar a meta estabelecida de plantação de igrejas. Entre outros testemunhos, “nas Filipinas os Batistas Conservadores deram passos determinantes quando lançaram o seu programa ‘Operação 200’ em 1972. Naquela época eles tinham 31 igrejas e 1657 membros. Pela

fé, eles estabeleceram o alvo de 200 igrejas com 10.000 membros para 1981. Eles conseguiram 20.000 membros e prosseguiram com novas metas.”¹⁵ (Veja endereço no final do livro.)

ORAR POR UM AVIVAMENTO NA IGREJA

“Aviva, ó Senhor, a tua obra!” Precisamos de um avivamento porque em tempo de avivamento o poder de Deus opera livre e poderosamente. Há arrependimento e confissão de pecados, as almas são compungidas a se entregar a Cristo. O poder do Espírito Santo se manifesta através de milagres e maravilhas, a Palavra de Deus desafia os ouvintes e eles se quebram diante do Altíssimo. Precisamos de avivamento “porque a consciência social e a consciência missionária toma conta dos crentes, surgem novas e muitas vocações para o ministério pastoral, para os campos missionários e para a filantropia. Como resultado prático abrem-se novos seminários, novas agências missionárias, novas escolas evangélicas, novos ministérios e novas obras assistenciais, como orfanatos, creches e hospitais. As igrejas crescem em quantidade e em qualidade.”¹⁶ A presença de Deus se torna forte e sensível. Avivamento é obra de Deus, e nenhum esforço humano é capaz de operá-lo. Não cabe ao homem produzi-lo; a nossa parte é suplicá-lo!

*Aviva-nos, Senhor, oh, dá-nos teu poder,
Com santidade, fé e amor, renova o nosso ser.”
(Hino 171 do Cantor Cristão)*

15. Jim MONTGOMERY, *Amanhecer — princípios e práticas de um crescente movimento para evangelização mundial*. Dawn Ministries, 1993, p.13.

16. Revista *Ultimato*, ano 33, nº 266, outubro de 2000, p. 24.

Quando o missionário Erlo Stegen foi trabalhar com os zulus na África do Sul, na década de 1960, foi desafiado por uma mulher que tinha uma filha endemoninhada, que era amarrada com arame devido ao poder que a possuía e aos males que causava na comunidade. Ele ficou desolado porque não teve o poder de expulsar o demônio. Mas continuou pastoreando a igreja entre o povo zulu. Os conflitos se avolumaram no seu ministério, e ele atribuía ao povo a pouca receptividade à Palavra e a superficialidade da vida cristã. Deus começou a tratar com Erlo e mostrar o orgulho do seu coração. Com muitas lágrimas buscou o poder de Deus, e profundas transformações começaram a acontecer tanto na sua vida como na vida do povo. Veio um poderoso avivamento com a conversão de milhares, foi construído um salão de cultos para 15.000 pessoas e os poderes malignos perderam espaço para manifestações. “O Espírito de Deus desceu e ninguém precisou dizer ao outro que Deus estava no nosso meio. Havia consciência da presença de Deus.”¹⁷

Não são as variadas versões nem as preciosas anotações no texto bíblico que farão o pecador compreender a Palavra. Não é o louvor no ritmo do roque ou do pagode, a música *gospel* que terá o poder de tocar as pessoas. Não são os livros de auto-ajuda que conseguirão promover a cura interior. Não são os milagres suficientes para levar o pecador ao pé da cruz. Não são os métodos ou estratégias nem o marketing que trarão o avivamento. Igreja é criação de Deus, organismo de Cristo, expressão da vida do Espírito, e só este é capaz de operar o verdadeiro avivamento

17. Erlo STEGEN, *Reavivamento na África do Sul*. Editora Clássicos Evangélicos, 1989, p53.

pelo qual os céus descem à terra. “Oh! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes tremessem na tua presença, como quando o fogo inflama os gravetos [...], para fazeres notório o teu nome aos teus adversários, de sorte que as nações tremessem da tua presença! Quando fizeste coisas terríveis, que não esperávamos, desceste, e os montes tremeram à tua presença” (Is 64.1-3).

*Clamemos: Aviva, ó Senhor, a tua obra!
Desce sobre o Brasil e aviva a tua igreja.
Faz arder a chama no teu povo.
Derrama do teu Espírito sobre a Europa, a Ásia e a Oceania.
Ateia o fogo do alto céu nas Américas e na África,
Como foi com os primeiros cristãos e
Como fizeste num passado mais próximo.
Desce, ó soberano Senhor.
Antes que a trombeta toque,
Antes que o fim venha, faz soar a tua voz.
Enche a terra com teu conhecimento.
Vem dos quatro ventos, ó Espírito de Deus,
E assopra sobre nós para que vivamos na tua plenitude!*

Precisamos de um avivamento fundado na Palavra. Avivamento que gere santidade, que quebre os poderosos, que confronte o pecador, que torne a presença de Deus sensível e real! A nação brasileira recebeu uma forte visitação do Espírito Santo. Entretanto, como observou Ariovaldo Ramos: “Vivemos num tempo de grande colheita, mas precisamos de um avivamento.” Se não estamos

satisfeitos com as gotas que recebemos, se o nosso coração arde por uma visitação poderosa e extraordinária do Espírito Santo sobre o seu povo, se nos constrange ver os milhares que se destinam à morte eterna, se a depravação moral das sociedades mundiais nos inquieta, se a indiferença das pessoas com Deus nos incomoda, se a superficialidade de muitos cristãos nos entristece — enfim, só há uma petição a fazer: Que o céu se fenda! Clamemos por um poderoso avivamento!

BUSCAR A UNÇÃO DO ESPÍRITO: PROVISÃO DIVINA PARA MISSÕES

A plenitude do Espírito Santo é a unção divina de que necessitamos para realizar a obra missionária. “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram” (Is 61.1-2). Esse texto de Isaías é uma exposição do plano de ação para o ministério de Jesus. Ele aplica este trecho a sua própria pessoa, ao lê-lo na sinagoga de Jerusalém: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.21). A unção do Espírito sobre o Senhor Jesus, profetizada por Isaías e pelo salmista (Sl 45.7), foi confirmada pelos apóstolos. Pedro diz à casa de Cornélio: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele” (At 10.38). O

Senhor Jesus, sendo o Filho de Deus, não podia ter iniciado seu ministério terreno, nem cumprido os propósitos de Deus, se não fosse ungido pelo Espírito Santo, como eram os profetas, os sacerdotes e os reis do Antigo Testamento.

O ato da unção, segundo A. E. Brooke, “se refere ao dom do Espírito Santo. Ela está sempre associada ao derramamento ou à ação do Espírito.” O sinal da unção em Jesus era a autoridade conferida pelo Pai, através do Espírito Santo. Ele causava admiração pela autoridade que exercia no ensino: “Maravilhavam-se de sua doutrina, porque ensinava com autoridade” (Mt 7.28-29). Também exercia autoridade sobre os espíritos imundos e sobre toda sorte de enfermidade. A unção simbolizava o equipamento para o serviço. “Todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder” (Lc 6.19).

A unção do Espírito é a habilidade e a capacidade que Deus dá a seus servos, revestindo-os de poder e autoridade para, sobrenaturalmente, executarem seus propósitos na salvação do mundo perdido, deixando a clara evidência de que Deus é quem opera todas as coisas e, soberana e grandiosamente, age para a salvação do pecador.

A presença do Espírito Santo na vida do crente não pode ser considerada como a unção para o ministério. A unção é algo a mais. Fica bem clara essa verdade quando percebemos a finalidade da unção: “O Senhor me ungiu para pregar, curar, proclamar, libertar...” A unção é a provisão divina para o ministério. Ninguém deve fazer a obra de Deus sem receber sua unção, porque dela dependem os resultados e o êxito do serviço.

Ao olhar a história da igreja, percebemos que as conquistas que ela obteve se deram quando pessoas foram cheias do Espírito Santo. Usadas poderosamente por Deus, arrastaram milhares do inferno para o reino da luz; restauraram física, social e espiritualmente a sua geração. Se todo salvo buscasse a unção do Espírito, certamente o quadro estatístico das religiões já teria mudado.

Dispomos, hoje, de muitas estruturas de trabalho e organizações de todas as espécies. Usamos os mais sofisticados meios de comunicação, as mais variadas técnicas e equipamentos que o avanço científico e tecnológico deste século tem-nos proporcionado — aviões, navios, automóveis, TV (a igreja eletrônica), imprensa etc. Porém, não temos alcançado grandes resultados na evangelização mundial. Se usarmos tudo isso na força, no poder e na unção, que nos capacita para tirar a presa da mão do valente, para despojar os principados, frustrar seus planos, certamente expandiremos com mais rapidez o reino de Deus na terra.

Precisamos da unção para fazermos a obra missionária. Não me refiro a trabalhos burocráticos, sociais ou eclesiásticos; tudo isso faz parte da missão, mas me refiro à missão cumprida, a povos alcançados, a reinos transformados, a vidas salvas, a cativos libertos, a igrejas plantadas!

Unção para a pregação: o Dr. M. Lloyd-Jones define a unção mais precisamente com as palavras de Paulo aos tessalonicenses (1Ts 1.5): “O nosso evangelho não chegou a até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção.” “Por certo não nos faltam palavras; mas, há evidência de poder na nossa pregação? Porque o reino de Deus, consiste, não

em palavra, mas em poder.” É como se o apóstolo houvesse dito: “Nisto consiste o teste.” E até hoje é isso que comprova a verdadeira pregação.”¹⁸

Certa vez, li um artigo sobre a resistência ao evangelho na Tailândia, e o escritor dizia: “Há 100 anos que uma missão está trabalhando ali, e até hoje (julho /1985), não há uma igreja formada.” Ele dava uma única razão: os missionários não têm usado o poder de Deus para confrontar o poder do ocultismo e da magia tão evidente naquele país.

Palavras sem sinais não evidenciam o Cristo poderoso que afirmamos ter. A revelação divina sempre foi revestida de sinais poderosos. O poder é o sinal de que a instrução é verdadeira porque a Palavra se reveste de força; pela evidência do sobrenatural, o argumento se personifica nos fatos e a fé subjetiva encontra razão em casos objetivos e concretos que comprovam a ação de Deus.

É necessário buscar o poder de Deus. “Busque esse poder, anele por esse poder; e quando esse poder vier, submeta-se a ele. Não ofereça resistência. Esqueça-se inteiramente do seu sermão, se necessário. Permita-lhe liberar você, permita-lhe manifestar o seu poder em você e através de você. É esse poder que produz a verdadeira pregação; e essa é a maior necessidade de todos nós [...]. Nada pode substituir esse poder.”¹⁹

Billy Graham, pregando em Los Angeles, declarou: “Tenho pedido a Deus que, se algum dia eu me erguer no púlpito sem sentir a plenitude e a unção do Espírito de

18. D.Martyn LLOYD-JONES, *Pregação e pregadores*. São Paulo, Fiel. 1998, p.230.

19. Idem, p.239.

Deus e se não pregar com compaixão e fogo, que me leve para o céu. Não quero mais viver. Não quero mesmo estar no púlpito, sem o poder do Espírito Santo.”²⁰

Recebendo e comprovando a unção do Espírito, é possível fazer a obra do Senhor, com os mesmos sinais que ele fez, alcançando os mesmos objetivos que ele alcançou, sob a mesma unção que ele recebeu: pois o Espírito do Senhor está sobre nós. Portanto, o intercessor deve suplicar a Deus que os pastores e missionários busquem a unção que os habilita a cumprir eficazmente seus ministérios. E também suplicar a unção para a sua própria vida e para o seu ministério de oração.

LEVAR AS NAÇÕES À MEMÓRIA DE DEUS

Na antiga aliança, Deus escolheu a tribo de Levi para officiar perante ele a favor das demais tribos de Israel. Na nova aliança, todo salvo é constituído sacerdote, podendo chegar-se junto ao trono da graça e interceder a favor dos povos.

Jeremias não foi chamado para ser rei, mas como profeta reinará sobre as nações pela intercessão. Apareceu o Senhor a Jeremias e disse: “Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares” (Jr 1.10). Dick Eastman, interpretando esse texto, diz: “Jeremias foi colocado sobre duas esferas de autoridade: sobre as nações, liderança física

²⁰ Billy GRAHAM, *A Plenitude do Espírito e como obtê-la*. Editora Louvores do Coração. 1968, p. 22,23.

numa arena visível, e sobre os reinos, liderança espiritual, uma arena invisível.”²¹ Vemos aqui a missão do profeta como sacerdote real. Ele foi chamado com a responsabilidade de trazer o juízo de Deus sobre as nações e sobre os reinos. Para arrancar, derrubar, destruir e arruinar.

Fazemos batalha espiritual pela intercessão, porque somos chamados para trazer o reino de Deus para os povos. E isso significa *derrubar* os altares das divindades falsas, como fez Gideão com o altar de Baal e com o poste-ídolo que estava junto dele (Jz 6.28). Derrubar as muralhas que representam as discriminações e a intolerância humana, como foi o muro de Berlim. Arrancar as influências satânicas nas culturas, como fez William Carey com o costume hindu segundo o qual, quando o marido morria, queimavam a viúva para ela seguir junto com ele. Remover obstáculos que se levantam em oposição a Deus, influências satânicas tanto nas pessoas como nas estruturas. Podemos ler nas histórias bíblicas que Israel confrontou as nações pagãs e desmascarou o poder das divindades e dos reinos, como foi no Egito e na Babilônia.

A oração tem um poder mais extraordinário que a força dos mísseis. Até mesmo o “Patriot”, aquele míssil capaz de destruir uma bomba quando ela ainda está no ar, como fez Israel contra o Iraque. Não é sem razão que a rainha da Inglaterra dizia que tinha mais medo da oração de John Huss que de todo o exército inimigo.

Jeremias também tinha a responsabilidade de *edificar e plantar*. O intercessor é chamado para construir, dar forma, estabelecer o reino de Deus na terra; pôr as coisas em

21. Dick EASTMAN, *Love on its knees*. Chosen Books, 1989, p. 39.

ordem, em posição certa, em direção aos planos de Deus. Pela oração, os missionários vão ser colocados no lugar certo, onde têm condições de frutificar e crescer. Vai haver plantação de igrejas, dentro e fora do Brasil, vamos cumprir a missão de espalhar a semente para que ela produza a 30, a 50 e a 100 por um.

Não quero passar a idéia de que, ao orarmos, as coisas vão acontecer e, logo, podemos cruzar os braços. Oração é ação — creio que a oração movimenta o braço que governa o mundo. Daí o braço de Deus vai movimentar-se para mobilizar os poderosos e os pequenos, os reis e os servos, como fez com Israel na volta do cativeiro.

Como sacerdotes, temos a incumbência de apresentar as nações citando os seus nomes perante Deus. Ele diz: “Pede-me e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2.8). Nós pedimos àquele que tem o direito de possuir: “Com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). Só o nosso Cristo, o Cordeiro de Deus, tem o direito de herdar as nações. Primeiro, porque ele as criou, e segundo, porque as comprou com preço de sangue. O resgate foi feito, cabe a nós trazê-las aos seus pés.

Os sacerdotes na antiga aliança entravam no santuário com duas pedras nas ombreiras, tendo os nomes dos filhos de Israel “para memória perante o Senhor”; mais 12 pedras, representando as 12 tribos, no peitoral do juízo sobre o coração (Êx 28.12, 29). Como sacerdotes reais, temos o dever de entrar no santuário com as nações sobre os ombros, com a responsabilidade de invocar a bênção

do céu sobre elas, e também sobre o coração, motivados e constrangidos pelo amor de Deus, que “é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5.8). “Para memória” — Evidentemente Deus não esquece, mas deseja e espera a participação dos seus sacerdotes para realizar seus propósitos na terra. Ele age no mundo através da igreja, a “raça eleita, sacerdócio real, nação santa” (1Pe 2.9). Para lembrar as nações é necessário estar informado sobre elas. Não basta dizer: “Senhor, abençoa as nações.” É necessário citá-las pelos respectivos nomes e pedir por elas de acordo com as suas reais necessidades, a fim de que sejam representadas diante do trono da graça.

Estatisticamente está comprovado que a Igreja brasileira tem negligenciado a evangelização dos indígenas. Mais da metade das tribos nunca ouviu falar de Jesus. Milhares de povos não-alcançados dentro da Janela 10/40 estão sem oportunidade de ouvir o evangelho, enquanto nas grandes cidades uma pessoa pode ouvir até 24 horas por dia. Quantas nações, através dos seus rituais religiosos e culturais, expressam o desejo de um libertador, por não saberem que o Redentor já veio! O salvador do mundo, a esperança dos confins da terra! Levemos as nações à presença de Deus e lutemos para que o Senhor levante vocacionados para chegarem até elas e dizer-lhes: O desejado das nações já veio!

Oh! Desejado das nações,
Quem não desejaria a ti?
Rei bendito, Guerreiro forte,
Conselheiro capaz, Príncipe da paz!

As nações te desejam,
Porque o teu governo é de paz,
De justiça, de amor e de esperança!

Elas te desejam. E nós,
Que já saciamos a nossa
Sede em ti, não atentaríamos
Para o seu desejo?
Desejamos-te para todos os povos!
Ajuda-nos no compromisso de cumprir-lhes
O desejo, para que apenas o
Desejo de adorar-te seja o único desejo
De todas as nações da Terra!

Há vários movimentos de oração no mundo. Queremos citar apenas um, o belo testemunho das “Mulheres de Ação Global”, movimento internacional do qual faço parte. Elas não trabalham só com intercessão, mas têm se destacado mais por este ministério:

Em algumas ocasiões, mulheres precisam do desafio de um Mordecai, como foi com Ester, para realizar grandes empreendimentos. Assim foi Dr. John Richard para Juliet Thomas; ele a colocou na comissão de mulheres da Associação Evangélica da Índia. “Os líderes não sabiam exatamente o que estavam querendo que ela fizesse, simplesmente disseram-lhe: Ore e sinta o que Deus está lhe dizendo para fazer.”²² A partir de 1983, ela começou pequenos grupos de oração, e o trabalho foi-se espalhando por várias partes daquele país. Traduziu o livro de Evelyn

22. Lorry LUTZ, *Mulheres que se arriscam por Amor a Deus*. Rio de Janeiro, VINDE, 1998, p. 164.

Christenson, *Guia de estudo para oração evangelística*, para vários dialetos e passou a usá-lo como ferramenta para ensinar os indianos a orar pelos perdidos, oferecendo-lhes informações e pedidos de oração.

O trabalho foi crescendo e ela estabeleceu coordenadoras de grupos de oração em diversas cidades. Além do trabalho de oração, os grupos têm-se dedicado à evangelização, alcançando várias mulheres indianas para Cristo. Em 1995, Juliet formou a Rede Nacional de Oração para interceder pelos povos não-alcançados em todo o país. Em 102 cidades e em 23 estados da Índia o trabalho se estabeleceu. Hoje, ela viaja supervisionando os grupos, além de atuar com a Visão Mundial em projetos de saúde, alimentação e reabilitação para mulheres. Esta corajosa indiana, já sexagenária, confessa que, às vezes, se sente cansada, mas continua cumprindo sua missão de alcançar as mulheres da Índia.

Devemos interceder pelas nações que o Senhor põe em nosso coração e interceder pelo nosso próprio povo; orar pelos reis e pelos que governam, como nos instrui Paulo: “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade” (1Tm 2.1,2). “Todos os homens” denota a preocupação que enche o coração de Deus pela salvação dos perdidos. Ele “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”. É isto que pesa no coração de Deus.

Evelyn Christenson conta que estava orando por algumas questões pessoais e, de repente, pediu ao Senhor

que pusesse em seu coração o que ele desejaria que ela pedisse. Fortemente, veio, como em letras grandes, diante da sua mente: *ganhar almas*! Certo dia, ela foi falar numa igreja famosa; o pastor estava com uma pilha enorme de pedidos de oração por pessoas enfermas, e ela havia discorrido sobre o conteúdo de sua lista de oração pelos perdidos. Então ela questionou: “Por que gastamos tanto tempo em nossas reuniões de oração na igreja orando por cristãos doentes que, se morrerem — e o farão algum dia — irão estar com Jesus, mas passamos tão pouco tempo orando pelos pecadores que, quando morrerem, irão para uma eternidade sem Cristo?”²³

Precisamos ensinar, incentivar e mobilizar as igrejas para interceder pelos que perecem, pelas nações e povos que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer a Jesus, a pedra preciosa que pode mudar as suas vidas e lhes garantir uma eternidade de glória!

Interceder pelas nações é lutar pela *salvação e restauração da personalidade* humana. O intercessor deve exercer seu ministério orando pelas nações, adotando povos, mas não pode esquecer que a conquista das nações é uma batalha de um a um, porque o evangelho do Senhor Jesus é oferecido a cada um individualmente. O reino de Deus é plantado nos corações dos homens e cabe à igreja dar, a cada criatura, oportunidade de ouvir e de entender a Palavra da verdade.

“Os valores morais e espirituais da sociedade sempre passam pela personalidade humana.”²⁴ Transformar uma

23. Evelyn CHRISTENSON, *Uma jornada de oração*. São Paulo, Mundo cristão, 1996, p. 49.

24. Sammy TIPPIT, *Preparado para a Batalha*. JUERP, 1995, p. 28.

nação pelo poder do evangelho significa transformar a mentalidade do indivíduo. Mente, emoção e vontade têm de atingidas pela ação do Espírito Santo. O intercessor deve sempre cuidar para que as suas orações pela salvação do mundo sejam acompanhadas do seu compromisso sério de batalhar pela restauração do ser humano caído. "O mundo inteiro está envolvido nessa disputa, seja por Deus e contra Satanás, seja por Satanás contra Deus."²⁵ É a luta moral pela formação das virtudes que caracterizam o reino, expostas por Jesus no sermão do Monte (Mt 5-7).

CLAMAR PELAS ESCOLAS TEOLÓGICAS E CENTROS DE PREPARAÇÃO DE OBREIROS

É fundamental exercer a intercessão pelas escolas que formam a liderança evangélica brasileira e pelos centros de preparação de missionários. Por trabalhar nessa área, há muitos anos tenho grande preocupação pelos programas e filosofias que norteiam as nossas escolas. Neste ponto, procurarei refletir sobre a educação teológica e missiológica, para oferecer ao intercessor uma visão clara da necessidade de orarmos nesse sentido, colocando alguns indicadores para efetivar a intercessão, deixando explícitos os resultados que a igreja obterá quando as escolas alcançarem o objetivo de servir à igreja nas suas reais necessidades e também ser uma agência para expandir o reino de Deus.

A falta de preparo adequado tem trazido grandes prejuízos para o avanço do evangelho. Na pesquisa da Comissão de Missões da WEF (World Evangelical Fellowship),²⁶

25. Idem.

26. William D. TAYLOR (ed.), *Valioso demais para que se perca*. Londrina, Descoberta, 1997.

a falta de preparo adequado tem o maior peso entre todos os outros índices relacionados com a desistência do campo missionário. É impressionante! J. Herbert Kane “declarou ser um ato de rematada insensatez seguir para o campo missionário sem treinamento profissional e teológico [...]. Se os missionários forem enviados sem preparo adequado, as consequências podem ser desastrosas, tanto para eles mesmos como para suas famílias e seus ministérios.”²⁷

A cultura pós-moderna nos influencia para o imediatismo; e, como latinos, somos tendentes a decidir pela emoção, e embasamos apenas na experiência o nosso compromisso missionário. Então, quando o jovem é desafiado na conferência missionária, acha que é perder tempo ter de gastar três a quatro anos se preparando. O pior é que muitas igrejas e agências também estão apressadas demais para chegar ao campo e colocar lá sua bandeira. Assim, os prejuízos certamente virão.

Entendo que, para contrapor-se ao formalismo acadêmico da teologia, algumas missões que enviam missionários a curto prazo têm optado pela informalidade do treinamento. O preparo teológico não se constitui um pré-requisito, e muitos estão sendo enviados sem o devido preparo e sem maturidade. Não devemos nos esquecer de que a base doutrinária que se espera que o candidato tenha na sua própria igreja é muito precária, hoje em dia. E que muitos candidatos não vêm de uma família evangélica; sendo assim, não receberam a formação cristã no lar. O Brasil é um país relativamente novo na sua população

27. David HARLEY, *Missões: preparando aquele que vai*. São Paulo, Mundo Cristão, 1997, p.22.

evangélica; por isso, os modelos missionários precisam ser filtrados antes de serem implantados aqui.

Não podemos esperar que os centros de treinamento dêem ao candidato a missionário todo o preparo necessário. Primeiramente porque, na maioria dos casos, são apenas três ou quatro meses de estudo concentrado nas matérias missiológicas, no preparo informal e na interação com a agência enviada. Mesmo fazendo o trabalho a curto prazo, será que os vocacionados ao campo transcultural têm condições de ensinar as Escrituras em outra cultura sem um curso teológico que lhes dê as normas de interpretação do texto sagrado, o conhecimento das doutrinas cristãs e os princípios para saber contextualizar a Palavra e ensiná-la corretamente? Também não estou afirmando que o curso teológico é suficiente, quando a maioria dos seminários não tem as matérias missiológicas em seu currículo.

Concluimos que necessitamos rever nosso currículo e integrar as matérias missiológicas com as teológicas, para que os seminários preparem uma liderança comprometida não só o púlpito, mas também com o campo. E que os centros de treinamento recebam os vocacionados com uma base missiológica na sua formação teológica.

Precisamos avaliar nosso programa de treinamento pastoral e missionário porque, mesmo que o seminarista não tenha chamado missionário, ele será pastor local, e sua igreja deve ser uma igreja missionária que saiba preparar, apoiar e enviar seus vocacionados que se dispõem a ir ao campo, e entrar em parceria com as agências; ele também precisa conhecer os fundamentos da missiologia e os princípios que norteiam o ministério em outra cultura.

Participei, em 1997, da Consulta Global para Evangelização Mundial, promovida pelo Movimento AD2000 em Pretória (África do Sul). O evento envolveu cinco mil líderes com o objetivo de refletir sobre o seguinte desafio: “O evangelho para cada pessoa e a igreja para cada povo até o ano 2000”. Tive o privilégio de estar no grupo direcionado para os diretores e deões de instituições teológicas, estudando o tema: “Como mobilizar as instituições teológicas e centros de treinamento para fazer um grande impacto na evangelização mundial”. Estavam presentes 250 líderes representando as escolas teológicas de 53 nações. Transcrevo aqui uma parte do documento produzido na consulta: 1) A missiologia e o que diz respeito à evangelização mundial deve ter a primazia e deve ser reconhecido e focado na totalidade do currículo para o preparo do ministro. 2) A base para todo treinamento ministerial é a formação do caráter na vida do estudante, tendo o exemplo do professor como facilitador do processo. 3) O treinamento ministerial deve refletir o compromisso com todo o desígnio de Deus, com uma contextualização sábia e uso dos recursos nacionais. 4) O treinamento deve incentivar a prática do poder sobrenatural que efetiva o ministério na ação do Espírito pela oração e completa confiança na Palavra de Deus. 5) O credenciamento das escolas deve servir para garantir o controle de qualidade e encorajar a eficiência nas instituições; ao mesmo tempo não deve ser impedimento para a espiritualidade e ênfase missiológica na educação teológica. Esforço deve ser feito para assegurar o credenciamento de uma estrutura que promova o compromisso com a evangelização mundial (documento circulado na consulta).

Falar de intercessão em educação teológica e missiológica é um desafio, mas creio no interesse de Deus em estar nos chamando de volta ao modelo neotestamentário e a Jesus como parâmetro dessa prática.

“Até o século XVI, o teólogo e o santo eram uma coisa só. O teólogo era um sábio, alguém a quem a experiência e a intimidade com Deus haviam conferido um grau de integridade, devoção e santidade que o levava a falar de Deus com autoridade.”²⁸ O Renascimento e o Iluminismo revolucionaram o conceito de teólogo, levando-o a assumir uma postura catedrática, oposta a práticas espirituais, a qualquer reação emotiva e ao que é transcendente. A teologia passou a ser caracterizada pelo academicismo e pelo intelectualismo. Como consequência dessa inversão de papéis, ainda hoje algumas instituições de preparo de líderes tendem a formar o teólogo, mas não o servo; formar o homem intelectual, mas não o homem espiritual; equipar o técnico, mas não o santo. Assim a teologia tornou-se uma ciência que dissocia o conhecimento revelacional de Deus do saber teologar.

Por outro lado, há segmentos da igreja que defendem, como preparo necessário para um ministro do evangelho, cursos apostilados apenas com os princípios que norteiam a visão do ministério local; o que conta mesmo é o uso dos dons e as manifestações do poder de Deus. Portanto, não preparam seus líderes adequadamente. Recebi em nosso seminário um aluno, vindo de um grande ministério no Brasil; ele estava no segundo ano e veio falar comigo muito confuso, pois recebeu uma proposta tentadora do seu pastor, que lhe disse: “Se você deixar o semi-

28. Ricardo BARBOSA, *O caminho do coração*. Curitiba, Encontro, 1999, p. 102.

nário e fizer a nossa escola de profetas, eu lhe dou uma igreja; se continuar no seminário você nunca será um pastor, porque teologia só estraga a fé”!

Diante dessa realidade, como pode a educação teológica e missiológica cooperar com a formação de líderes que sejam capazes de falar com profundidade, sabedoria e coerência em nome de Deus ao povo e levar o povo a Deus com humildade e amor? Como pode ela responsabilizar-se pela formação de discípulos de Jesus com a mentalidade do reino? Como pode ela contribuir para a concretização da tarefa missionária da igreja? Antes de tudo, a educação teológica precisa refletir seu objetivo final considerando os seguintes pontos:

1) Unir o saber teológico com o conhecimento revelacional de Deus. “O saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1Co 8.1). A revelação da divindade pela ótica do amor faz o saber subjugar-se ao conhecer revelado pela experiência, capaz de unificar mente e coração.

2) Equilibrar a pesquisa com a dependência em Deus. O uso da pesquisa no estudo teológico é um bem útil para o desenvolvimento do raciocínio e da lógica, mas nunca deve assumir posição de domínio na instrução do sagrado. Dependendo da ação divina releva o pesquisador acima do método e o torna livre para utilizar o saber adquirido como instrumento do seu domínio.

3) Responsabilizar-se tanto pela formação intelectual do aluno quanto pela sua formação espiritual. Se tratamos com as coisas sagradas e ministramos para alcançar o espírito e não só a mente, devemos priorizar a oração e a

devoção como bases para um progresso intelectual sadio para a fé e para a igreja.

4) Conjugar o compromisso da preservação da doutrina com o mesmo empenho pela sua aplicabilidade. As instituições de ensino são responsáveis pelo estudo da doutrina. O uso da hermenêutica e da exegese bíblica impõe as exigências para uma interpretação correta da verdade divina. Esse compromisso é sério e devemos preservá-lo. Não menos sérios devem ser os critérios de aplicabilidade da doutrina na vida pessoal, para que a Palavra examinada se torne a Palavra vivida. Tão intenso seja o uso da Palavra sagrada no estudo da teologia que o caráter do estudante seja formado pelas virtudes que dela advêm.

5) Comprometer-se com a difusão da Palavra com a mesma dedicação demonstrada para examiná-la. Devemos desafiar o estudante a ser um proclamador, mesmo enquanto estuda. O compromisso de expandir o reino de Deus na terra deve incomodar e levar cada aluno a ter uma alma ardente de amor pelos perdidos, disposto a cumprir a grande comissão com sentimento de urgência, seja aqui, ali ou além, a tempo ou fora de tempo.

Se nossa filosofia educacional tem este perfil, é possível conjugar teologia-missões-igreja-intercessão. É nosso dever exercitar a intercessão pelas escolas e centros de preparo de obreiros.

Indico os seguintes pontos que devem direcionar as nossas orações:

Orar pela formação da consciência de que a vocação é um chamado em resposta à intercessão

1) O Senhor Jesus orou antes de escolher os apóstolos. Após retirar-se para o monte e passar a noite orando ao Pai, o Senhor Jesus chamou seus discípulos e escolheu doze dentre eles para o apostolado (Lc 6.12-16). Com o seu exemplo, ele deixou claro que a escolha dos vocacionados é uma resposta à oração.

A vocação é divina e nenhuma suficiência teológica, missiológica ou eclesiástica pode substituí-la: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi" (Jo 15.16). A motivação da vocação nunca deve ser a solidariedade mundial, o altruísmo da filantropia ou a libertação dos povos. Se assim é, será que não estamos assistindo à secularização do conceito real de vocação? A seara divina precisa de trabalhadores cuja consciência da vocação seja mais forte que a necessidade do mundo perdido ou mais forte que a disposição de ajudar os povos pressionados por regimes políticos ou injustiças sociais; mais forte que a empolgação dos programas de desafio missionário. Ser trabalhador consiste em responder não ao apelo da época, mas à dinâmica da própria vocação.

Necessário é que os candidatos que procurarem as escolas de preparo de obreiros sejam atraídos não apenas pela organização, eficiência estrutural e pedagógica, mas, antes de tudo, sejam atraídos pela voz divina em resposta à nossa oração por vocações genuínas.

Os grandes movimentos missionários nos dão o exemplo de que o crescente número de obreiros que se candidatavam para ir ao campo missionário era produto de oração. Hudson Taylor orou pedindo 24 obreiros para enviar às províncias da China, e ele confessa: "A oração

pedindo obreiros estava sendo respondida. Aprendi que não é necessário um pedido bem feito de ajuda para conseguir obreiros bem sucedidos, mas, primeiro, oração sincera a Deus para que envie obreiros.”²⁹ Além destes, muitos outros se candidataram. Charles Studd pediu 12 casais para a África e assim iniciou-se a WEC (World Evangelical Crusade, AMEM no Brasil), que tem hoje centenas de missionários.

2) O Senhor Jesus ensinou que a igreja deve rogar por obreiros. Quando viu as multidões cansadas e exaustas, como ovelhas sem pastor, Jesus dirigiu-se aos discípulos e disse: “Rogai ao Senhor da seara que envie trabalhadores para sua seara” (Mt 9.36-38). Sabemos dos milhões de pessoas que subsistem nas trevas do pecado e da ignorância espiritual, milhões que nunca ouviram o evangelho pela primeira vez. A igreja, consciente da missão de evangelizar o mundo perdido, deve atender ao apelo do divino mestre. Igreja e escola devem exercer o mesmo papel: interceder para que haja obreiros. Porque é dentro da igreja que surge o vocacionado, este é identificado pela liderança e é recomendado para receber da educação teo-missiológica, o devido preparo para o cumprimento da sua vocação.

3) A igreja antiga praticava a oração e o jejum, quando o Espírito separou os obreiros para irem além-mar. Foi numa reunião de oração que o Espírito Santo separou Paulo e Barnabé para a obra missionária: “Jejuando e orando, impondo sobre eles as mãos, os despediram” (At 13.1-3). A prática da intercessão dentro da igreja antiga era muito forte. Certamente Paulo e Barnabé oraram para que o evan-

29. J. Hudson TAYLOR, “A chamada para o serviço”, em *Missões transculturais — uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987, p. 294.

gelho se espalhasse entre todos os povos, e eles mesmos foram respostas de suas próprias orações. O intercessor deve ter um coração disposto não só para pedir por aqueles a quem Deus quer enviar, mas também para ir pessoalmente como a resposta divina ao clamor dos povos.

INTERCEDER PARA QUE AS ESCOLAS ENSINEM A ORAÇÃO COMO A FORMA EFICAZ DE OBTER UMA MENTE SÁBIA E ENTENDIDA PARA SALVAGUARDAR A PUREZA DA DOUTRINA

1) Dependendo da oração para obter a revelação da Palavra. O apóstolo Paulo era um líder respeitado por todos pelo seu preparo e pelo nível de intelectualidade que possuía, tendo sido educado por um dos mais respeitados doutores da época. No entanto, o encontramos em seus escritos pedindo oração por si mesmo, porque decidiu considerar desprezível e inútil o que poderia significar recurso humano para o seu ministério. A excelência do conhecimento de Cristo Jesus era suficiente para Paulo não precisar de mais nada saber, a não ser a Jesus Cristo — e a este crucificado (Fp 3.8; 1Co 2.2). Por isso, o apóstolo pediu: “Suplicai também por nós [...], a fim de falarmos do mistério de Cristo [...], para que eu o manifeste como devo fazer” (Cl 4.3-4). A questão não é só saber fazer, mas também *como fazer*. Paulo queria expor seu entendimento acerca do evangelho, mas a plenitude da inspiração teria que ser buscada pela oração.

Se os recursos espirituais são os utilitários para o ministério sagrado, só pela intercessão da igreja pode a liderança usufruir desses recursos e lograr êxito no serviço, cumprindo a missão de revelar ao mundo a sabedoria e o

conhecimento de Deus. Pois é pela igreja que a multiforme sabedoria de Deus é conhecida dos principados e potestades nas regiões celestes (Ef 3.10).

Aprendemos com Paulo que o líder precisa da intercessão da igreja, ao mesmo tempo em que ele deve orar pela igreja, e que a forma mais adequada de orar é pedindo o “espírito de sabedoria e revelação” para ter “iluminados os olhos do coração” (Ef 1.17-18), “para que sejais cheios do conhecimento da sua vontade em toda a sabedoria e conhecimento espiritual” (Cl 1.9) — esta é condição *sine qua non* para ter uma mente entendida e assim preservar a pureza da doutrina.

2) Incentivar a oração pessoal e íntima para ser capaz de ouvir a voz sagrada. Não se trata apenas de ouvir o que diz o texto, mas de ouvir a voz de Deus no texto. Certamente um estudante da Bíblia aprende a ouvir o texto. Entretanto, como observou Moisés Silva, “o que distingue o crente maduro do imaturo é a apropriação da verdade que foi interpretada. A Bíblia deve ser lida como qualquer outro livro, mas também deve ser lida como nenhum outro livro.”³⁰ Quer admitamos ou não, a maioria de nós que ensinamos reconhece que não há correspondência previsível entre a espiritualidade de um estudante e sua capacidade de entender o texto e de produzir um trabalho exegético preciso.

Quando a voz de Deus é ouvida, há entendimento dos sinais do nosso tempo e o que é nocivo e perigoso para comprometer a genuinidade da mensagem divina deve

30. MOISÉS SILVA, Revista *Fides Reformada*, Seminário Presbiteriano Rev. José Maria da Conceição, p.93.

ser rejeitado, para que haja inteireza doutrinária. Daniel procurou os escritos de Jeremias para entender o tempo da desolação e o número de anos de que falou o Senhor (Dn 9.2). É necessário relevar o texto sagrado acima de qualquer outra mensagem.

INTERCEDER PARA QUE AS ESCOLAS PREPAREM LÍDERES QUE DEPENDAM DA ORAÇÃO PARA CUMPRIR O MINISTÉRIO

1) Dependendo da oração para conhecer o propósito divino para o ministério. Na sua oração sacerdotal (Jo 17), Jesus deixa claro que orar significa relacionar-se com o Pai, de quem depende seu ministério e a quem ele presta contas. Jesus manteve durante toda a sua vida profunda relação com o Pai; dependia da oração porque era consciente de que tudo o que dizia ou fazia era pelo Pai e para o Pai. “O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz. Porque o Pai [...] lhe mostra tudo o que faz” (Jo 5.19-20).

Onde e como o Pai mostrava tudo para que o Filho fizesse? A oração tinha um lugar específico na vida de Jesus; retirava-se para o monte a fim de orar e passava a noite orando (Lc 22.39). A oração na vida do Mestre não dependia de um monte, não carecia de um lugar sagrado, era um estado de presença, uma relação constante. “Assim como o Pai [...] vive [...], eu vivo pelo Pai” (Jo 6.57). “A oração era o oxigênio da sua alma.”³¹ Manter-se em oração era ter a atitude apropriada para saber a vontade do

31. E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer*. Baker Book House, p. 89.

Pai e a melhor forma de render-se a ela para executá-la. Foi na oração do Getsêmani que ele se entregou ao plano redentor, por aceitar que a cruz retratava o caráter justo do Pai.

2) Dependendo da oração para exercer o ministério. Jesus pôde dizer: “Eu consumei a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4). Sua comunicação com o Pai lhe dava convicção de que realizava exatamente o que o Pai lhe determinou fazer. Concluímos, então, a necessidade que temos de discernir o nosso lugar no corpo. Quando a igreja antiga enfrentou problemas com a questão social, os apóstolos foram censurados por não estarem cuidando das viúvas. Porém, convictos da incumbência que tinham recebido do Senhor, disseram: “Nós perseveraremos no ministério da oração e da Palavra” (At 6.4) — eles tinham convicção de que a oração e o ministério da Palavra eram a ocupação máxima da liderança da igreja.

Encontramos Paulo orando e pedindo oração para cumprir todo o desígnio de Deus. Quando se despediu da igreja de Éfeso, pôde dizer: “Estou limpo do sangue de todos, porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.26).

O líder que aprendeu a depender da oração não exerce o ministério simplesmente inovando ou copiando o que está dando certo. Ele busca o modelo do céu e aguarda a manifestação da glória de Deus sobre a obra, isto é, a sua aprovação, como aconteceu no Tabernáculo.

c) Buscar na oração a graça de Deus para ministrá-la ao povo. A educação teológica provê as técnicas, os

recursos didáticos e o manejo para o uso do conteúdo, mas é a intercessão que pode transformar tudo isso em instrumentos para operação do Espírito Santo, o único capaz de alcançar eficientemente as necessidades humanas.

Escrevendo aos romanos, Paulo diz que desejava visitá-los para “repartir algum dom espiritual [e] e conseguir algum fruto” (Rm 1.11-13). Mais adiante, declarou com firmeza: “Bem sei que, ao visitar-vos, irei na plenitude da bênção de Cristo” (15.29). Ele podia assim afirmar, não confiante em seu preparo, mas como diz no versículo seguinte: “Rogo-vos, irmãos [...], que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor” (v. 30) — “A oração é um instrumento com o qual o homem consagrado trabalha. Homens consagrados são agentes através de quem a oração trabalha.”³²

ORAR PELA FORMAÇÃO DE LÍDERES QUE SAIBAM AGIR NO REINO ESPIRITUAL

1) Gerar pela intercessão os acontecimentos que culminarão na vinda do reino de Deus. É necessário discernir o momento histórico para poder interceder eficazmente. Quando Daniel recebeu as visões e as revelações sobre os reinos do mundo, ele desejou compreendê-las: “Então tive desejo de conhecer a verdade” (Dn 7.19-20). O desejo de entender é o primeiro passo, porque quem deseja conhecer, investiga e pesquisa. O desejo do coração interage com a mente que investiga. Daniel entendeu que, para intervir na história, era necessário agir no

32. E. M. BOUNDS, *Tesouros da oração*. São Paulo, Vida, p. 81.

reino espiritual. Se o céu reina, a arma da intercessão é o mais poderoso meio de interferir na história, a forma mais adequada e efetiva para operar a vontade de Deus no mundo.

Daniel empenhou-se em buscar a Deus com oração, jejum, confissão e humilhação. Sua oração não se concentrava sobre sua vida pessoal nem sobre seu sucesso no Império Medo-Persa nem tinha uma direção exclusivista acerca dos males que assolavam a nação. A intercessão de Daniel era para compreender os tempos, por meio das visões e revelações que recebera. Intercessão pela restauração de seu povo e pelo desenrolar da história dos reinos da terra. Oração em forma de súplica, de modo que expunha o coração em ardente desejo a favor do monte santo, porque Daniel cria que de Jerusalém o governo teocrático regeria o mundo. A esperança do reino messiânico era tão viva que orar por Jerusalém era orar pelo mundo, pela manifestação do rei das nações, cujo poder traria paz e justiça sobre a terra. Orar por Jerusalém era atrair bênçãos para todos os povos da terra, porque “Jerusalém desolada se tornou o opróbrio para teu povo e para todos que estão em redor de nós” (9.16).

Esta oração tinha a mesma dimensão daquela que Cristo ensinou: “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Mesmo que este reino se estabeleça no último tempo ou no tempo do fim, a intercessão daria forma às visões e traria significado para os acontecimentos previstos. A sucessão dos fatos era acompanhada como cumprimento progressivo das promessas. As visões de Daniel não se referiam apenas a Israel, mas tam-

bém aos reinos do mundo. Porque Daniel orou, o anjo veio, para fazer a comunicação do céu com a terra. Não há separação; aquele que está assentado no trono governa.

Há intercessão que é respondida de imediato, no que diz respeito ao presente, mas há intercessão que tem dimensão eterna. Na visão apocalíptica, João viu que há taças de ouro guardando o incenso que ainda será derramado sobre a terra (Ap 8.5). A intercessão tem resposta: “Por causa das tuas palavras, é que eu vim [...], para fazerte entender que há de suceder” (Dn 10.12, 14), para revelar as lutas que precederão a vitória do Cordeiro. Se não houvesse o entendimento das guerras que antecederiam o estabelecimento do reino messiânico, que respaldo teria Israel para salvaguardar a promessa? Que recursos teria a igreja para perceber a linha de continuidade da revelação divina a um povo que sobrevive até aos nossos dias?

A intercessão gera a luta no reino espiritual. Um anjo do céu luta com o príncipe da Pérsia, que tenta impedir a sobrevivência dos filhos da promessa. Miguel, mensageiro celestial, vem e obtém a vitória, mas declara: “Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia” (Dn 10.20). E assim tende a ocorrer a sucessão dos poderes mundiais, até a vinda do anticristo.

É pela oração que a percepção espiritual é aguçada, fazendo-nos ver a contínua intervenção de Deus na história.

Aquela guerra dos seres que lutam a favor do povo de Deus contra os príncipes dos reinos deste mundo ainda se processa. Cabe a nós interceder para que o reforço seja dado e a resposta não seja detida. Depois da morte do

Ungido, temos a garantia de que o Cristo vencedor, que subjugou a morte e o inferno e destronou Satanás, luta pelo seu povo e vive para interceder por nós, dando-nos a certeza de que o seu reino se estabelecerá na terra. Diante disso, devemos ter a nítida visão de que estamos mais próximos que Daniel de ver o trono do Cristo subjugando todos os reinos deste mundo. Esta esperança viva deve nos motivar a envidar todo esforço para vermos um a um se dobrando ao rei das nações.

ORAR PARA QUE AS ESCOLAS INSTRUAM OS VOCACIONADOS NO EXERCÍCIO DA INTERCESSÃO PARA O CUMPRIMENTO DA GRANDE COMISSÃO

1) Exercitar a intercessão pela evangelização mundial. Estamos há mais de dois mil anos da ordem de Cristo e ainda temos mais da metade da população mundial sem confessar o evangelho. Com o recente movimento missionário nos países em desenvolvimento, identifica-se um forte movimento de intercessão missionária. A história de missões foi sempre marcada por movimentos de oração.

Tanto a igreja como as escolas teológicas devem exercer a intercessão missionária. O candidato à obra missionária, seja local ou transcultural, deve estar consciente de que seu ingresso no seminário significa começar a agir mais diretamente a favor do mundo perdido, e não deverá esperar quatro ou cinco anos para iniciar uma atividade evangelística.

Além do trabalho prático ou exercício eclesial, nos finais de semana, como algumas escolas promovem, é o seu dia a dia que deve ser alimentado pela chama da vo-

cação e pelo seu comprometimento com a expansão do reino de Deus. E como isto se dá? Pela intercessão — a forma mais eficaz de ministrar diante do trono de Deus a favor do seu povo e das nações.

Em um ano letivo, distribuímos com os alunos os duzentos perfis dos povos não-alcançados para serem adotados em oração. Após a formatura, uma aluna confessou-me: “Deus me falou que eu vou trabalhar com o povo indígena pelo qual tenho orado.” cremos que interceder é o primeiro passo para o engajamento na obra missionária.

Quando ensinamos e inserimos no programa das nossas escolas a prática da intercessão diária, estamos não apenas preparando os povos para receber a Palavra, como também formando no educando o hábito da intercessão que o acompanhará na sua vida ministerial. Se há falta de oração na igreja, isto é porque há falta de oração na vida dos líderes. E se os líderes não sabem orar, isto é porque temos falhado na nossa missão de preparar homens de oração. E. M. Bounds diz: “A lição mais importante que se pode aprender é a da oração. O maior dos reformadores será aquele que levar a igreja a orar.”³³

Temos sido criticados por não prepararmos os obreiros que a Igreja necessita. Ouvi de um líder que a sua denominação, de grande porte no país, planejou abrir duzentas congregações, durante dois anos. Porém, dizia ele: “O alvo é bom, mas o nosso problema é que não temos plantadores de igrejas, isto é, formamos brilhantes pregadores para os nossos púlpitos, mas não trabalhadores para o campo evangelístico.” Sou consciente de que existem

33. *Ibid.*, p. 45, 54.

vários fatores que provocam esta situação, mas, evidentemente, a falta de intercessão pelos perdidos não gera corações ardentes pela evangelização. Tudo começa na oração. Um coração que geme devido à condenação dos que não crêem é um coração disposto a ir e a doar-se para que todos cheguem ao pleno conhecimento da verdade.

Wesley Duewel, escrevendo sobre os reavivamentos nos Estados Unidos, dá duas razões por que eles foram mais freqüentes no âmbito universitário. Ele diz: primeiro, porque as instituições acadêmicas foram fundadas com o objetivo principal de oferecer treinamento teológico, como a de Harvard, Yale, Princeton, Columbia e outras. Segundo, porque os reavivamentos tenderam a surgir nas escolas em que os alunos tinham de comparecer obrigatoriamente aos cultos na capela, e em outras escolas, os estudantes mesmos tomaram iniciativa na intercessão. Quase todas as faculdades denominacionais foram tocadas por este movimento do Espírito.³⁴ Esse mover de Deus entre os estudantes foi caracterizado pela oração e pela evangelização. O resultado foi o surgimento do Movimento Estudantil Voluntário, que enviou vinte mil e quinhentos estudantes ao campo missionário transcultural, em cinqüenta anos.

O vocacionado não deve ousar sair para realizar suas atividades ministeriais sem estar convicto de que deve ser um homem ou mulher de oração para desenvolver com êxito seu próprio ministério.

Concluimos dizendo o seguinte: Na verdade, resistimos à função didática da oração por causa da advertência de Jesus contra a prática de orações constituídas de

34. Wesley L. DUEWEL, *O fogo do avivamento*. São Paulo, Candeia, 1995, p. 294.

frases repetidas: “Orando, não useis de vãs repetições” (Mt 6.7). Concordamos que a oração é espontânea e deve ser livre, como fruto de uma relação pessoal com Deus. Mas, para alcançar esse estágio, é necessário um tempo de aprendizagem. Se isso não for assim, passaremos a meros repetidores, não de uma oração decorada, mas de palavras usuais, rotineiras que constituem os mesmos pedidos. E concordamos com E. M. Bounds, quando ele diz: “A oração é um ofício que se precisa aprender.” Portanto, nossas escolas devem ensinar o método, mas não a oração metódica; devem instruir acerca do valor da oração, do tempo específico para orar, das atitudes do intercessor diante da necessidade do mundo e dos diferentes tipos de oração. Ensinar a prática da oração, mas não o ato em si, criando um clima para a ação divina. O currículo oculto da escola deve ser propício à oração: pelo exemplo dos educadores; pelo testemunho da ação divina na vida do corpo discente e pela inclusão de um programa de intercessão em sala de aula e em reunião extra-classe.

Faço uma oração para que as nossas escolas e centros de capacitação ministerial se tornem centros de oração, para que a igreja brasileira possua não apenas líderes que oram, mas também líderes que tenham vida de oração, fundamentada na compreensão da verdade teológica e no forte compromisso com a missão integral da igreja.

INTERCEDAMOS PELA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE MISSÕES DO BRASIL

A Associação de Professores de Missões do Brasil tem organizado consultas regionais e nacionais para traba-

lhar temas pertinentes ao preparo do missionário transcultural, procurado cooperar com os professores com material didático, como apostila, livros, planos de curso, manual de currículo para escolas de preparação missionária entre outras contribuições. Também edita a revista *Capacitando para missões transculturais*, que desperta a reflexão missiológica. Oremos por esta Associação, sua diretoria, seus 140 filiados, seus programas, a produção das publicações e todo o seu trabalho em servir os professores de missões (ver endereço no final do livro).

OFERECER OS FILHOS NO ALTAR DO SENHOR

Não é compreensível nem aceitável que homens e mulheres de Deus estejam intercedendo pela salvação do mundo e, ao mesmo tempo, não estejam exercendo o sacerdócio do lar. Os grandes personagens da história cristã, na sua maioria, contaram com a cobertura espiritual de pais piedosos.

Evidentemente, nenhum pai ou mãe deixa de orar pelo filho. A bênção dos pais para os filhos é tradição religiosa. Em algumas famílias vemos, ainda hoje, os filhos pedindo a bênção para os pais e os pais abençoarem seus filhos para serem protegidos do mal, para fazerem bons negócios e serem bem sucedidos na vida profissional, para fazerem um bom casamento etc. Esse costume religioso é retratado nas histórias bíblicas, como aconteceu nas famílias de Isaque e de Jacó, abençoando seus filhos. Mas, há um outro tipo de oração que os pais devem fazer: A *oração de entrega* é a oração mais difícil de se fazer. Colocar o filho no altar de Deus para ser usado por ele segundo o

beneplácito de sua vontade. Certamente essa oração só pode ser feita por um pai ou por uma mãe que possua um forte compromisso com o reino de Deus, pois necessita entender que o chamado missionário ou a vocação ministerial é a mais sublime carreira proposta a um ser mortal. É privilégio investir para a eternidade.

William Carey, missionário na Índia por quarenta anos, alegrou-se quando seu filho Félix começou a pregar. Porém, quando soube, anos mais tarde, que ele tinha aceitado o cargo para ser embaixador da Grã-Bretanha, disse com pesar: "Félix encolheu-se até tornar-se um embaixador."³⁵ Só um coração missionário faz um pai preferir o pregador ao embaixador.

A história descreve grandes homens de Deus que foram respostas das orações de seus pais. John Wesley, seguindo o exemplo de oração de sua mãe, orava duas horas por dia, e veio a ser um dos grandes avivalistas da história cristã. Não seria justo celebrar a vida poderosa dos irmãos John e Charles Wesley sem dar a sua mãe, Susana Wesley, o seu devido valor. Mesmo com a missão de cuidar de dezenove filhos, levantava-se pela madrugada para orar. Ensinava seus filhos a orar antes mesmo de falarem. Os pequeninos davam graças pelo alimento através de gestos. Logo que aprendiam a falar aprendiam a orar pela manhã e à noite. Além da oração particular, o culto doméstico fazia parte do programa diário, quando todos se reuniam para adorar a Deus. O lar da família Wesley era conhecido como uma atmosfera de oração ardente que a todos dominava.

35. Orlando BOYER, *Heróis da fé*, 3ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 1986, p. 100.

Certa feita, Susana assim orou a Deus: "Procurarei transmitir fielmente ao coração de meus filhos os princípios do Senhor; dá-me a graça necessária para fazer isso sabiamente e abençoa os meus esforços com êxito."³⁶ Os filhos eram conscientes de que sua mãe mantinha constante intercessão por eles. Vinte anos depois de sair de casa, John Wesley disse à sua mãe: "Em muitas coisas, a senhora tem intercedido por mim e tem prevalecido."³⁷

Jonathan Edwards era considerado um grande erudito, em todo o mundo onde se falava inglês. Ele viveu na Nova Inglaterra, em 1740, quando ali começou um dos maiores avivamentos dos tempos modernos. Cheio do Espírito Santo, num período de dois a três anos Edwards levou aos pés de Cristo de trinta a cinquenta mil vidas. Seu pai, homem piedoso, era pastor, e juntamente com a sua mãe ofereceu o filho a Deus, orando fervorosa e incessantemente por ele. "Muitas foram as orações que os pais ofereceram a Deus, para que o único filho fosse um pregador cheio do Espírito Santo e se tornasse grande perante o Senhor."³⁸ Quando tinha oito anos, acostumou-se a orar cinco vezes ao dia e, às vezes, chamava os coleguinhas para acompanhá-lo nessa prática. Com dedicação absoluta, Deus usou Jonathan Edwards com grande poder e com profunda erudição na Palavra.

O exemplo e os efeitos de uma vida de oração nunca podem ser medidos. As orações de pais piedosos que oferecem seu filho no altar de Deus reproduzem muitos filhos e multiplicam a família de Deus.

36. Idem, p. 62-63.

37. Idem, p. 62

38. Idem, p. 52.

O lar da família Booth tinha um clima maravilhoso. Pai, mãe e filhos devotavam a Deus as suas vidas pela conquista das almas. Eles fundaram o Exército da Salvação, até hoje operando em mais de noventa países. Uma das filhas do casal se destacou, Catarina Booth, depois conhecida como a Marechala.

Quando Catarina era criança, sua mãe costumava dizer-lhe: "Você não está neste mundo por sua própria causa [...]; o mundo está esperando por você."³⁹ Os filhos da senhora Booth aprenderam o segredo que a sua mãe lhes ensinara: "Fazer a tua vontade, ó Senhor, é o meu prazer."⁴⁰

Catarina pregou em público pela primeira vez aos treze anos. Aos dezesseis, começou a dirigir campanhas em muitas cidades da Inglaterra. Em 1876, foi oradora de uma conferência que marcou a época, quando a liderança decidiu fazer a nomeação de mulheres evangelistas. Pois, naquele tempo, não era costume a mulher falar em público. Enfrentou grandes oposições, foi perseguida na Inglaterra e na França e chegou a ser presa em Genebra. Mas continuou ousada, pregando o evangelho, abrindo igrejas e alcançando os pecadores aos milhares. "Ela atraía imensas multidões através de alguma coisa divina e não mera eloqüência. Por onde quer que fosse, surgiam reavivamentos e centenas de almas se convertiam. Havia em seus apelos uma paixão e um poder que os tornavam irresistíveis."⁴¹ Buscava os pecadores nos botequins, cabarés e cassinos, nos subúrbios das cidades européias. En-

39. Jaime STRACHAN, *Catarina Booth (a marechala)*. Belo Horizonte, Betânia, 1970, p. 20.

40. Idem, p. 23.

41. Idem, p. 38.

frentava escárnio e resistência, mas persistia até vencer a oposição. Ela confessava que seu coração era invadido de uma profunda compaixão divina quando se confrontava com os perdidos. Pois o auditório que ela mais gostava era aquele onde se concentravam os piores elementos da sociedade.

Catarina viveu uma experiência de vida em total rendição e entrega ao comando do Supremo General. Quando estava de viagem para a França, declarou: “Eu em ti e tu em mim! Tu e eu somos o bastante para ajudar esses moribundos.”⁴² Ela era consciente de que nada tinha para atrair as multidões, porém cria que o fogo do Espírito atrainha. O poderoso ministério da Marechala tinha uma força notável reconhecida por todos: as orações de seus pais. “As orações com as quais a sua mãe acompanhava a carreira de Catarina são demonstradas em suas cartas. Em uma delas, disse o seguinte: ‘Desejo que sua mente e coração se fixem na conquista de almas, deixando tudo o mais nas mãos do Senhor. Olhe para a frente minha filha, para a eternidade — prosseguindo e prosseguindo.’”⁴³

Há vários movimentos de oração pelos filhos, ao redor do mundo. Chery Fuller fala em seu livro *Quando as mães oram*⁴⁴ de um ministério desenvolvido em países do Oriente Médio. Mesmo perseguidas, aquelas mães estão formando grupos de oração pelos filhos. No Brasil, temos as Déboras nesta mesma linha de trabalho. Chery indica diversos pontos que devem direcionar as orações:

42. Idem, p. 42.

43. Idem, p. 34-35.

44. Chery FULLER, *Quando as mães oram*. Rio de Janeiro, CPAD, 1999.

ORAR PELA SALVAÇÃO DOS FILHOS.

Orar por proteção.

Orar pelo filho na escola.

Orar para que os filhos sirvam a Deus em suas profissões.

Orar por amigos tementes a Deus para os filhos.

Orar para que sejam pegos quando errarem, para que os pecados sejam trazidos à luz.

Orar pela disciplina.

Orar pela escolha do cônjuge.

Orar pelos filhos pródigos.

Evelyn Christenson conta que, quando a sua filha ia fazer um exame no colégio ou enfrentava qualquer dificuldade, dizia: "Apenas ore, mamãe." Ela sabia que as orações de sua mãe funcionavam. Nelma Eller Miranda é mãe de dez filhos, bem sucedidos profissionalmente. Até agora, já se casaram oito deles e nenhum em jugo desigual. Todos são conscientes de que o sucesso deles na vida profissional e no casamento tem crédito nas orações de sua mãe. Além das suas intercessões constantes, ela separou para cada filho uma semana para dedicar-se em oração específica por cada um deles. A certeza da intercessão da mãe tem dado segurança para os filhos enfrentarem os desafios da vida.

É também necessário que os pais orem por si mesmos, para que percebam as necessidades reais dos filhos, tenham sabedoria para orientá-los e saibam agir com seus filhos segundo o programa que Deus tem para eles. Tenho visto pastores que desejam perpetuar o seu ministério nos

filhos e até os pressionam para fazer deles obreiro como eles. Entretanto, a escolha é divina; se Deus preordenou, ele o fará! Não cabe aos pais escolher a vocação dos filhos. Se isso é reprovável no campo secular, que dizer no ministério sagrado? A influência dos pais é positiva, mas a imposição traz frustrações pessoais e terríveis conseqüências para a seara do Mestre.

Os pais, na verdade, precisam de coragem para entregar o filho no altar do Senhor. Sem a oração de entrega, toda oração se torna fraca. A oração que tem influência sobre a vida dos filhos parte de um coração pleno de confiança de que Deus tem o melhor para fazer neles e por eles. Oramos para que cada pai e cada mãe possam declarar como Ana: “Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a petição eu que lhe fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver” (1Sm 1.27-28).

FORMAR UMA RETAGUARDA PARA O MISSIONÁRIO

O intercessor deve estar consciente de que sua participação é essencialmente necessária e estratégica para o bom desempenho daqueles que se dedicam ao trabalho missionário, seja no campo, seja na base. Como também é parte decisiva na vitória da “falange das mensageiras [e dos mensageiros] das boas-novas” (Sl 68.11) e na conquista do reino eterno. Para comprometer-se nesse serviço sagrado, o intercessor deve saber como fazer a retaguarda.

Oração comprometida, é assim que classificamos a intercessão da retaguarda. Isso significa compartilhar a luta,

ser participante ativo, colocar-se diante de Deus em favor do missionário para causar efeito no seu trabalho. É assumir a posição do militante, e não apenas orar quando sentir vontade ou para cumprir o programa de intercessão da igreja.

O apóstolo Paulo revela a necessidade de haver uma retaguarda para o combate missionário. Em vários textos, podemos encontrá-lo pedindo intercessão, como aos Romanos: “Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor” (Rm 15.30). Os intercessores formam o batalhão que dá o suporte espiritual para os guerreiros irem à linha de frente. Esse texto traz a idéia de *corporação*, ou seja, uma associação de pessoas do mesmo credo, sujeitas às mesmas regras e com os mesmos direitos e deveres. É assim que somos como igreja e é assim que devemos encarar a grande comissão.

A oração intercessória é caracterizada pelo esforço de impedir a atuação do opositor e favorecer o servo do Senhor. Ela é feita com zelo e intenso desejo de ver o missionário fortalecido, superando os obstáculos e erguendo o pendão do evangelho sem esmorecer. Enfrentar o campo missionário é se deparar com oposições. Paulo estava indo a Roma e sabia dos adversários e das adversidades que estavam à sua espera. Daí pede que haja luta em oração para que lhe favorecesse obter êxito em sua missão.

A Palavra de Deus confirma esse sentido. Quando Davi e seu exército lutaram contra os amalequitas e voltaram vitoriosos com os despojos, o rei fixou como estatuto e direito em Israel a seguinte norma: “Qual é a parte dos

que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem; receberão partes iguais" (1Sm 30.24). Aplicando esse texto, podemos concluir que, na obra de Deus, o trabalho é cooperativo. Assim, o trabalho do missionário e o do intercessor são um só combate, e o valor do serviço é o mesmo; por isso, a justa recompensa é atribuída igualmente a ambas as partes.

POR QUE É NECESSÁRIA A RETAGUARDA?

Porque somos uma corporação, um exército em combate pelo reino eterno. O missionário de campo e de base, todo aquele que está no batalhão, precisa de cobertura espiritual. A retaguarda são guerreiros de oração, pessoas levantadas pelo Espírito Santo para acompanhar aqueles que estão sendo usados tanto para dar o suporte no trabalho administrativo, como para os que estão na linha de frente para a anunciação das boas novas do evangelho.

Durante o ministério de Charles Finney, vários intercessores, levantados por Deus, acompanhavam suas viagens e pregações. Eles enchiam de oração cada cidade onde ele ia pregar, até saturar aquela atmosfera com a presença divina, criando ali um ambiente propício à recepção da Palavra de Deus. Vários guerreiros se tornaram parceiros no ministério de Finney durante o reavivamento nos Estados Unidos. Destacamos Abel e Nash: estes recebiam tantos fardos de oração pelos perdidos, que "agonizavam em oração por muitas horas para que o poder de Deus operasse a salvação entre o povo."⁴⁵ Milhares se convertiam com a pregação de Finney porque, antes, os corações foram trabalhados pelo poder da oração.

45. Wesley L. DUEWEL, *Op. cit.*, p. 97.

COMO FAZER A RETAGUARDA PARA O MISSIONÁRIO

1) O intercessor abre portas para o missionário. A intercessão precede a pregação. O missionário Paulo sabia que a sua missão era pregar, portanto ele precisava que as portas fossem abertas à pregação. “Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à Palavra” (Cl 4.3). Porta aberta significa oportunidade para a pregação do evangelho, tanto nos países que proíbem a entrada de missionários como naqueles que têm liberdade religiosa. Paulo era consciente de que pela oração as portas seriam abertas. O que ele queria era oportunidade para espalhar o evangelho onde quer que fosse: seja no templo, de casa em casa, no ambiente de trabalho, na prisão, em viagens, quando oportuno ou não (At 20.20; 2Co 6.4-5; 2Tm 4.2).

A igreja antiga expandiu-se rapidamente porque não esperava pelo culto público para levar alguém a Cristo. É comprovado que o método evangelístico mais eficiente consiste no testemunho e na abordagem pessoal. Como o evangelho já teria se espalhado, se os missionários estivessem mais atentos e soubessem aproveitar as oportunidades do dia-a-dia. O apóstolo Paulo nos exorta: “Aproveitai as oportunidades” (Cl 4.5).

Conheci uma missionária que trabalhou vários anos na Etiópia, na década de 1970, e perguntei-lhe sobre as oportunidades que teve entre aquele povo tão sofrido. Ela disse-me: “Ah, eu fui como enfermeira da Cruz Vermelha, meu serviço era cuidar dos doentes.” Quantas oportunidades perdidas!

O missionário deve viver sob o peso da responsabilidade de anunciar as boas-novas. Paulo lamenta: “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1Co 9.16). Ele vivia atento para as oportunidades. Demorou-se em Éfeso e se justificou: “Uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu” (1Co 16.9). A intercessão valeu!

2) O intercessor encoraja o missionário a ser intrépido. Pregar a Palavra, todo ministro deve saber. Afinal, ninguém deve ser consagrado e enviado sem a preparação adequada. Paulo era um grande teólogo e filósofo e tinha recebido dos céus revelações como nenhum outro, mas dependia da oração para a pregação e não se intimidava de pedir: “[Orem] também por mim, para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho” (Ef 6.19). Paulo era consciente de que só pela ação do Espírito Santo poderia usar a palavra certa para a pessoa certa, de forma que alcançasse o ouvinte levando-o a convencer-se da verdade.

Paulo buscou lugar nas orações dos irmãos para saber como manifestar o mistério de Deus, “para que eu o manifeste, como devo fazer” (Cl 4.4). O *como fazer* só pode ser efetivo pela oração. Não é bastante saber pregar, usar as regras da hermenêutica e da homilética, levar em conta o auditório, a cultura e aplicar os princípios de contextualização do evangelho. É necessário saber usar essas ferramentas no poder e na dependência do Espírito Santo.

Ser ousado na Palavra quando se tem liberdade religiosa é bem diferente da postura que se deve ter num país fechado, quando o missionário é vigiado e até proibido de expor a sua fé. A dimensão e a forma do testemu-

nho mudam, mas persiste a necessidade de ser intrépido! Saber como falar na suficiência daquele que nos comissionou, e certamente haverá frutos que glorificarão a Deus.

3) O intercessor ergue as mãos para obtenção da vitória. O Antigo Testamento registra um episódio, dentre muitos, que confirma a necessidade da oração para conquistar vitória. Quando Israel lutava contra os amalequitas, as mãos de Moisés erguidas em oração no monte garantiam a vitória. Foi necessária a ajuda de Arão e de Hur, que sustentaram firmes as mãos de Moisés até o pôr-do-sol. Com as mãos levantadas prevalecia Israel, com as mãos abaixadas prevalecia Amaleque (Êx 17.8-16). Parece tão simples, um ato humano, físico, será que toda estratégia do comandante nada valeria? A destreza e o esforço dos soldados, o treinamento dos guerreiros não contavam? O que Deus queria ensinar a Israel era que todas as conquistas deviam depender dele! A efetivação da sua vitória era determinação dele! Não cabia à nação a glória da sua força. As possibilidades de Israel vencer não estavam na organização do seu exército nem no número dos seus combatentes. O Deus de Israel é homem de guerra! O Senhor dos Exércitos é o seu nome!

A retaguarda é formada por aqueles que sobem ao monte e ficam de mãos erguidas enquanto a batalha é travada no vale. Sabemos que Deus nos fala por metáforas. Monte, na Bíblia, significa oração; vale, significa luta; mãos levantadas referem-se à intercessão vitoriosa e mãos abaixadas denotam descanso e derrota.

O nosso Comandante não mudou, o comando do seu povo ainda lhe pertence. Isso não anula o empenho, a garra, a organização e toda instrumentação do exército do Senhor. A responsabilidade humana nos convoca ao preparo e ao esforço, como bons combatentes.

Quando Pedro e João foram presos e ameaçados pelas autoridades, “uma vez soltos, procuraram os irmãos [...] e unânimes levantaram a voz em oração” (At 4.23-24). Eles sabiam aonde ir, porque estavam certos da existência de intercessores agindo em oração para a garantia da vitória. “Pedro estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele” (At 12.5). Ao ser livre da mão de Herodes, Pedro tem um endereço certo: a casa de Maria onde muitos estavam orando (At 12.12). Os primeiros missionários tinham a igreja que os sustentava em oração.

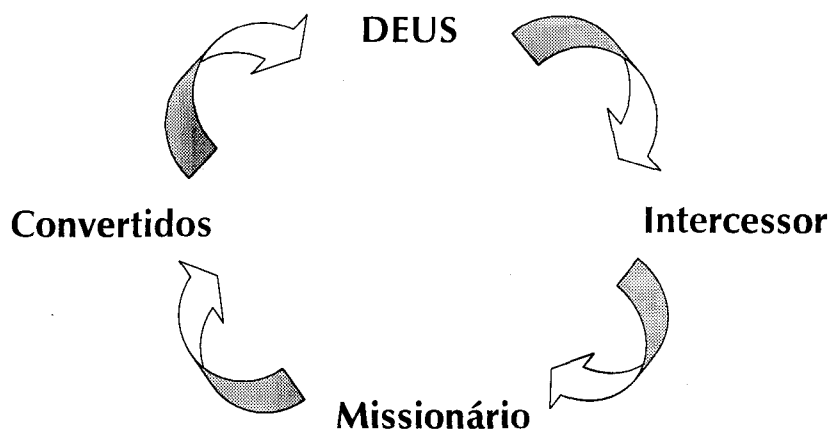
Se, de fato, a igreja assumisse o ministério da intercessão, os missionários permaneceriam mais tempo no campo de batalha e seriam mais vitoriosos. Os missionários podem ter a coragem de sair ao campo sem primeiro formarem uma boa retaguarda? Ter segurança de descer ao vale sem que existam mãos levantadas no monte?

Mãos levantadas tocam o trono da graça,
Buscando auxílio em ocasião oportuna.
Mãos erguidas apontam para o céu,
De onde vêm o comando e o poder.
Mãos levantadas indicam disposição
Para esperar o favor divino.
É esperança e confiança
Naquele que reina nas regiões celestiais

E comanda a terra.
Revelam dependência no grande general
Que ordena o combate
É garante a vitória!

4) O intercessor favorece a frutificação do trabalho. Quando Paulo pede oração aos coríntios (1Co 1.11), apresenta a oração como uma rede de benefícios. Seus efeitos alcançam: quem ora — o intercessor, quem é o alvo da oração — o missionário (ministro de Deus), e quem recebe os efeitos da oração respondida — o povo (os convertidos), fruto do ministério missionário. Esses convertidos darão graças pelos intercessores que com suas orações beneficiam o missionário, o qual faz a mensagem salvadora chegar até eles.

É interessante lembrar, como vimos anteriormente, que a oração começa em Deus que induz e inspira o intercessor a orar, e termina em Deus, quando o produto da oração glorifica a Deus em ações de graças. A oração é um círculo fechado.



Paulo diz: “Para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito” (2Co 1.11). A tradução de Rutherford é: “Para que haja um oceano de faces erguidas enquanto amplas ações de graça se elevam para Deus a nosso favor.”⁴⁶ O missionário, o líder espiritual, deve estar ciente de que o resultado do seu trabalho não é proveniente apenas de sua preparação, consagração ou carisma pessoal, mas da força conjunta daquela parte do corpo de Cristo que labuta a seu favor.

O intercessor, por sua vez, deve crer que a resposta de suas orações faz a multidão vir a Cristo. “Ó tu que ouves as orações, a ti virão todos os homens” (Sl 65.2). Não foi após os cento e vinte orarem que veio a grande colheita e, num só dia, três mil se converteram (At 1.14; 2.41)?

Quando se trabalha entre povos resistentes ou em área de risco, é mais difícil ver os resultados e é necessário mais tempo de semeadura, mas isso não significa que não haja resposta. A produção pode ser a cem, a sessenta ou a trinta por um, mas haverá, “porque a Palavra não voltará para mim vazia [...]; prosperará naquilo para que a designei” (Mt 13.8; Is 55.11). “A oração facilita o avanço do evangelho. Projetado pela energia da oração, o evangelho nunca é lento nem tímido.”⁴⁷

Wesley Duewel, missionário da OMS Internacional, conta que, nos primeiros vinte e cinco anos de trabalho na Índia, abria uma ou duas novas igrejas por ano. Então, indo de férias para os Estados Unidos, em 1964, Deus o levou a pedir por mil intercessores, que orassem quinze minutos

46. *Bíblia Shedd*. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 1631.

47. E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer*. Baker Book House, p. 36.

por dia pelo seu ministério na Índia. O resultado foi a abertura de vinte e cinco novas igrejas a cada ano, com um total de 25.000 crentes. "Mil guerreiros de oração unidos, orando pela colheita, foi o segredo!"⁴⁸

O produto do serviço será na proporção das respostas das orações. Quanto mais oração, mais resultados!

1) Sustenta o missionário na vida pessoal. Não podemos esquecer que o missionário é uma pessoa com as mesmas necessidades de cada um de nós. Por isso, precisamos:

a) Encorajá-lo na luta pessoal, fortalecê-lo nas tentações, nas privações, nas tomadas de decisões particulares. Precisamos crer que, mesmo ausentes e distantes, podemos estar presentes em espírito, através da ligação que a oração faz (1Co 5.3). Impressiona-me o relato seguinte: Saul perseguia a Davi e determinou matá-lo. Logo, Davi fugiu para o deserto de Zife. E o texto diz: "Então se levantou Jônatas, filho de Saul, e foi para Davi, e lhe fortaleceu a confiança em Deus" (1Sm 23.16). Pela oração é possível romper a distância e nutrir a confiança. Escrevendo aos filipenses, Paulo ratifica esta verdade: "Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação" (Fp 1.19). No exercício sacerdotal, o Senhor Jesus revela que a intercessão não é apenas um ato de expressão diante de Deus, mas é oferecer-se a si mesmo para beneficiar o outro. "A favor deles eu me santifico a mim mesmo" (Jo 17.19).

b) Interceder pelo sustento do missionário. Esta é uma área que tem trazido muitas dificuldades para a obra

48. Wesley L. DUEWEL, *Toque o mundo através da oração*. São Paulo, Candeia, 1991, p. 204.

missionária e provocado desistências ou retorno antecipado de alguns. Principalmente quando a nossa moeda se desvaloriza frente ao dólar, os missionários sofrem. Não é justo que eles se disponham a ir ao campo, entrar no processo de aculturação, entregar-se ao trabalho árduo, e nós, a igreja que fica, não os suprimos com uma manutenção digna. Supliquemos pela igreja para que cumpra o seu papel no sustento dos enviados e pelas agências que viabilizam o envio. Pelo missionário, para que desenvolva experiências de fé e sabedoria no uso do dinheiro. Ao lembrar deles em oração, sintamos a sua luta, principalmente nos primeiros meses, na aprendizagem da língua e da nova cultura. Para estabelecer-se, se é casado estabelecer a família, providenciar a educação para os filhos etc.

c) Orar pelo pastoreio do missionário. Seja pela igreja, pela agência, pela equipe no campo, que Deus faça-lhes provisão de assistência emocional e espiritual. O cuidado pastoral previne da queda e de maiores conflitos.

d) Orar pela saúde do missionário e de sua família. Há lugares em que não existe assistência médico-hospitalar. Precisamos pedir proteção para a saúde, recursos para o tratamento e pedir pela cura divina. O Senhor saberá como atender-nos.

e) Orar pela família do missionário. É um grande desafio sair ao campo com filhos pequenos ou adolescentes, imergi-los em uma nova cultura para aprendizagem de uma nova língua e enfrentar todas as pressões de um novo estilo de vida seguindo a vocação de seus pais. Há muitos casos de desestruturação emocional e psicológica. Precisamos interceder para que os pais sejam sábios em

acompanhar os filhos nesse processo de integração na vida ministerial e que os filhos sejam guardados por Deus, conscientes da sua participação na vocação da família.

QUEM DEVE SE PROPOR A FAZER A RETAGUARDA?

1) Pessoas com ministério de intercessão. Todo cristão genuíno deve interceder, pois todos são chamados para fazer parte do sacerdócio real (1Pe 2.9), mas há os que Deus chama para dedicar-se a esse ministério com um chamado específico. São aqueles sobre quem é derramado o “espírito de súplicas” (Zc 12.10). Devemos procurar saber onde o Senhor quer nos usar e estar dispostos a nos dedicar à intercessão como ministério específico. Foi a consciência do chamado que fez os apóstolos decidirem: “Quanto a nós, nos consagraremos à oração” (At 6.4).

Quando estive na Coréia do Sul, em 1995, conversei com um nigeriano e perguntei-lhe sobre o ministério de intercessão em sua igreja. Ele mostrou haver um crescente despertar para a oração e relatou que havia dois irmãos que gastavam oito horas de oração diariamente. Tremendo! Precisamos de intercessores! Nosso desejo é que homens e mulheres sejam achados por Deus para essa missão. “Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei” (Ez 22.30). Ele pode achar você?

2) Pessoas que entendam que a oração é o maior recurso para a obra de Deus. John Mott, líder do Movimento Voluntário Estudantil, declarou em uma das suas mensagens: “Tudo o que é vital a missões depende da

oração. Esta é uma de minhas mais fortes convicções.⁴⁹ A compreensão do poder e da eficácia da oração deve ser a força motriz, o estímulo maior para quem se empenha nesse serviço sagrado, como já exposto anteriormente. Intercede eficazmente quem crê no poder da oração.

3) Pessoas dispostas a adotar povos e missionários pela intercessão. O Espírito põe um peso de oração específico em nosso coração e nos responsabiliza para orar por determinado povo e obreiro, pelos quais assumimos um compromisso definido de nos identificarmos com eles pela oração. Li de um missionário aposentado que tem em seu escritório, na Nova Zelândia, um fichário com nomes e informações de missionários pelos quais desenvolve uma agenda de oração. Charles Finney, grande avivalista norte-americano, dizia que carregava um enorme peso de oração por Londres: "Eu não sentia tamanha necessidade de oração por qualquer outra cidade ou lugar como por Londres."⁵⁰ O Espírito de Deus dará a cada um o peso por um povo. "A oração tem de ser objetiva. Ela sempre tem algo diante dos olhos da mente."⁵¹ O intercessor deve incentivar a igreja levando-a a entrar no processo de adoção, até ver um povo adotado ser alcançado pelo evangelho.

4) Pessoas informadas mantêm-se atentas ao agir de Deus no ministério daqueles por quem intercedem, a fim de acompanhar as lutas e as vitórias do trabalho. Para isso, é necessário que o missionário, através de sua carta de oração, mantenha o intercessor informado das suas neces-

49. John R. MOTT, "A responsabilidade dos jovens pela evangelização do mundo", em *Missões transculturais — uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987, p.326.

50. Wesley L. DUEWEL, *O fogo do reavivamento*. São Paulo, Candeia, 1995, p. 105.

51. E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer*. Baker Book House, p. 31.

sidades e dos motivos de gratidão. A comunicação é indispensável. Wesley Duewel conta que sua esposa recebeu uma carta de uma mulher que disse ter sido achada por Deus para orar por ela quando leu sobre sua vida numa revista missionária. Ela confessou: "Deus me disse que deveria fazer meu serviço missionário através de você."⁵²

5) Pessoas dispostas a receber fardos de oração. Com percepção espiritual para fazer o combate na hora certa, atingindo o alvo certo. Muitas vezes, o Espírito Santo pode acordar o intercessor ou inquietá-lo para entrar em intercessão, mesmo que ele não entenda e não tenha recebido nenhuma informação específica. O Senhor acordou uma aluna do Betel Brasileiro, pela madrugada; ela ouviu claramente: "Ore pela missionária Bárbara." Ela intercedeu. E no dia seguinte foi perguntar à sua diretora, D. Lídia Almeida, se ela conhecia alguém com esse nome. Algum tempo depois, D. Lídia lhe apresentou a missionária Bárbara Burns, que foi visitar o Betel Brasileiro e, então, ficou esclarecido que naquela mesma ocasião, em 1977, Bárbara estava em perigo, quando atravessava a fronteira da Romênia, acompanhada de membros da Missão Portas Abertas. John Knox tinha tanto peso de oração pela Escócia que orava: "Dá-me a Escócia senão eu morro." Precisamos ser susceptíveis ao Espírito Santo, prontos para atuar no mundo espiritual.

6) Pessoas que separem tempo específico para intercessão. Sinto necessidade de reforçar esse ponto porque, se nos propomos ao ministério de oração, não podemos esperar por momentos especiais promovidos pela igreja ou quando tivermos tempo suficiente. Temos de separar tempo específico. É um momento destinado exclusivamente

⁵². Wesley L. DUEWEL, *Toque o mundo através da oração*. São Paulo, Candeia, 1991, p. 65.

para a intercessão missionária. É como se estivéssemos indo às nações, ultrapassando as fronteiras, chegando através da oração até aos lugares mais remotos da terra.

No tempo reservado à intercessão missionária não devemos pedir nada para nós mesmos, nem para nossa família — esse é o tempo de abençoarmos com a bênção do Senhor a obra missionária. É claro que devemos ter tempo para as petições de interesse pessoal. Mas esse tempo deve ser reservado exclusivamente para o exercício da tarefa a nós confiada pelo Senhor. Intercedamos confiantes de que, ao gastar tempo orando pela causa do Mestre, ele nos abençoará com abundantes graças. Nosso Deus é o mesmo: “Mudou o Senhor a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos” (Jó 42.10). Enquanto nos preocupamos com a obra do Senhor, ele se preocupa conosco.

Transcrevo, a seguir, uma ilustração que li no Calendário Luz e Vida, sob o título: “É necessária a retaguarda”:

Conta-se que, numa aldeia cortada por um rio turbulento, surgiu um alvoroço: “Socorro, menino no rio!...” As mães, correndo em direção à voz, cheias de temores, pensavam: “Será meu filho?” Um rapaz, ótimo nadador, amarrou uma corda na cintura e, jogando a outra extremidade em direção à multidão, gritou: “Vou buscá-lo. Segurem a corda.”

Mergulhando nas águas revoltas do rio, nadou em direção à criança que já desaparecia levada pela correnteza. O povo observava apavorado. Quando, afinal, o jovem conseguiu agarrar a criança nos braços, houve um grande alívio por parte da multidão. “Puxem a corda”, gritou o herói exausto. Para horror de todos, viram que ninguém havia segurado a corda. Cada um pensou que o outro iria fazê-lo. Resultado: duas vidas pereceram nas águas daquele rio.

Assim é o trabalho missionário: Alguém precisa levar a salvação. O missionário pode se jogar no rio turbulento e se expor a perigos e dificuldades, mas se não houver quem segure a corda, o resgate dos perdidos será muito difícil. Não importa se estamos dentro do rio, ou se estamos na ponte segurando a corda, importa que façamos bem aquilo que fomos chamados a fazer.

A oração é a principal obra do ministério.

M. Lloyd-Jones

Ame o mundo através da oração.

Wesley Duewel

O braço da oração é o serviço.

William Ward

Não há nada que nos faça amar tanto uma pessoa quanto orar por ela.

William Law

Deus dá forma ao mundo pela oração.

E. M. Bounds

A maior coisa que alguém pode fazer para Deus e para as pessoas é orar.

S. D. Gordon

Oração não é o mínimo que podemos fazer; é o máximo.

Precisamos de mais cristãos para os quais orar é o primeiro recurso, não o último.

J. Blanchard

O COMBATE ESPIRITUAL NA OBRA MISSIONÁRIA

Entendemos que a intercessão missionária é também uma penetração no mundo espiritual, uma forma de confrontar os poderes ocultos das trevas, uma estratégia de combate para discernir as intenções malignas. Uma luta para conquistar com Aquele que sai vencendo e para vencer a vitória já garantida pelo sangue da cruz (Ap 6.2).

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, há registro das investidas de Satanás contra os servos, contra o povo (nação) e contra a obra de Deus. Identificado como o pai da mentira, o homicida, a antiga serpente, o diabo, o príncipe deste mundo, o acusador, ele age usando todas as formas de artimanhas para alcançar vantagens sobre o ser humano. Algumas vezes sutilmente, outras vezes bem declaradamente.

A Escritura deixa claro que a força do mal é organizada numa hierarquia onde Satanás tem o controle. Não sendo onipresente, onipotente nem onisciente, ele exerce seu poder através dos demônios. Como ele organizou os seres espirituais não sabemos, mas alguns textos indicam que existem diferentes graus de autoridade e áreas de domínio.

Na experiência de Daniel, quando intercedia pelo seu povo, ele teve a visão de um anjo que foi enviado para revelar-lhe a sucessão dos fatos históricos que precederiam a vinda do reino. Mas o anjo diz que foi detido por vinte e um dias pelo príncipe da Pérsia, e depois fala do príncipe da Grécia. O príncipe da Pérsia era um espírito maligno com poder espiritual que lutou com Miguel, um dos primeiros príncipes de Deus. Só com a ajuda deste ser mais poderoso, o príncipe de Israel, é que o anjo pôde obter vitória e cumprir a sua missão. Então, ele relata a Daniel como essa luta se travou (Dn 10).

Diante desse episódio, entendemos que, quando se fala em principados, a referência é àqueles que têm controle sobre uma região. É o caso do demônio que dominava o geraseno: o espírito imundo “rogou [a Jesus] encarecidamente que os não mandasse para fora do país” (Mc 5.10). Interessante é que Jesus atendeu o pedido, porque o tempo do julgamento ainda não havia chegado. Há uma perspectiva histórica e temporal dos fatos que levam à vitória final. Certo dia, estávamos orando pelas nações e um seminarista clamava para que Deus mandasse os espíritos malignos para o inferno. Eu ouvi naquele momento umas gargalhadas terríveis que me assustaram, mas rapida-

mente entendi que eram os seres espirituais galhofando daquele tipo de oração.

Para mim, não é difícil crer nessas verdades; o que não posso entender é o povo de Deus estar gastando tempo para saber qual é o espírito que governa tal cidade e em que espaço físico ele se estabeleceu. Toda e qualquer entidade maligna, todo o inferno já foi vencido. Outra coisa inaceitável é a tentativa de obter informações do mundo espiritual através dos demônios, como se fosse possível dar-lhes crédito. A Palavra não nos dá respaldo para isso. Escrevendo à igreja em Tiatira, o Senhor diz que punirá aqueles que buscam conhecer as coisas profundas de Satanás, ou seja, as doutrinas esotéricas e as revelações do satanismo (Ap 2.24).

Devemos exercer a autoridade de Cristo e proclamar, em toda a parte, a mensagem salvífica do evangelho, invadir o reino das trevas e trazer os homens para o reino da luz. Nessa missão a igreja deve se empenhar ao máximo.

Refletiremos primeiramente sobre a batalha espiritual e o reino de Deus.

BATALHA ESPIRITUAL E REINO DE DEUS

Proclamar o evangelho é anunciar que o reino de Deus chegou. Jesus inicia seu ministério pregando o evangelho do reino (Mc 1.14); ao fundar a igreja, assegurou: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). Satanás não poderá derrotar ou vencer a igreja. A verdade é que a igreja é quem está atacando as portas do inferno, que guarnecem as mu-

ralhas atrás das quais Satanás mantém seus súditos na escuridão, e, em qualquer tempo e em qualquer lugar, ela está destinada à vitória porque *nada* sobrepujará o reino da vida onde ela está contida. A igreja é a comunidade do reino; ela proclama o seu rei. “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12.32).

Sinal da chegada do reino. O Senhor Jesus apontou a guerra espiritual como sinal da chegada do reino: “Se eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12.28).

O pecado atingiu toda a criação. O universo inteiro, e não apenas o mundo material, entrou em decadência. A vinda de Cristo, sua morte e ressurreição foi o plano divino para libertar o cosmos do “cativeiro da corrupção”, conforme Paulo escreve aos Romanos (8.21). A própria criação geme aguardando ser redimida, esperando com expectativa a revelação dos filhos de Deus para inaugurar a dispensação da eternidade (v. 22).

A cruz alcançou toda a criação, material e não material, afetou as dimensões celestiais, os seres espirituais, e as dimensões terrenas, os seres humanos. Em Cristo, tudo subsiste; ele é o criador de todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, soberanias, principados e potestades. Por sua cruz, reconciliou consigo mesmo todas as coisas (Cl 1.16, 20). A obra redentora atinge o ser humano, concedendo-lhe a redenção eterna; alcança o universo, ordenando-o para a glorificação do criador; e atinge os demônios, decretando-lhes a derrota final, a condenação eterna. O mistério da vontade de

Deus é fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as do céu como as da terra, na dispensação da plenitude dos tempos (Ef 1.10). A reconstituição final e total do universo é aguardada na segunda vinda de Cristo, a "parousia".

A pregação do Senhor Jesus tinha o reino de Deus como ponto central: "É chegado o reino de Deus." O reino está presente, mas precisamos pedir: "Venha o teu reino." O reino virá! A exclamação de Jesus na cruz: "Está consumado!" indica o ponto de convergência do passado, a esperança messiânica do presente, a vinda de Cristo na plenitude dos tempos e a inauguração da era futura. Satanás já está vencido, mas continua ativo; age nos filhos das trevas por direito, porque "o mundo inteiro jaz no maligno" (1Jo 5.19), mas dentro do reino está subjugado. Ele pode tentar, oprimir, mas não possuir. Não toca a nova natureza para ferir com um mal permanente. Sua atuação no reino é limitada e seu poder inoperante quando o nome de Jesus é invocado. Porém, a concretização final dessa batalha é questão de tempo. Pelos olhos da fé podemos ver como João: "O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos" (Ap 20.10). O reino virá!

Os súditos do reino esperam com paciência o desfecho final dessa conquista. "Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2Pe 3.13). A convicção do triunfo do rei e do reino nos põe diante dessa realidade, desafiando qualquer personalidade: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Desafiando qualquer possibilida-

de: “Aquele que não poupou seu próprio Filho [...], não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Desafiando os acusadores: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus, quem os condenará?” Desafiando qualquer situação de angústia, perseguição, fome, vivendo acima de qualquer poder, superando o tempo e o espaço: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir [...] nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.31-39). Somos mais do que vencedores!

Sinal do cumprimento da profecia. O descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15). A primeira manifestação de Satanás foi no Éden, onde os nossos primeiros pais foram colocados sob uma norma de obediência. Em forma de serpente ele chega para provocá-los a pecar contra Deus, levando-os a desobedecer à ordem divina. O intento foi cumprido: “Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte” (Rm 5.12).

O Deus soberano, nosso guerreiro forte, não perde a batalha; de imediato, lança o antídoto para o mal, a promessa que faria a graça sobrepujar o pecado e a justiça sobrepor a culpa. E, “assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida [...], a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.18, 21). Podemos então, cantar a canção triunfante: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o

teu aguilhão? Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.55, 57).

Sinal do despojamento do inimigo. A vinda do reino de Deus significa o fim do reino de Satanás. Na cruz, Jesus derrotou Satanás e pôs fim ao seu reino. "Foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus" (Ap 12.10); "e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15). Paulo ilustra essa matéria usando uma metáfora de natureza militar, que alude à prática dos imperadores diante do exército que voltava triunfante de uma batalha. Eles apresentavam o exército vencido juntamente com o seu general, diante da praça principal, fazendo uma exposição pública da vitória sobre eles. Despojavam-nos da autoridade, despiam-nos dos seus poderes e honra e confiscavam-lhes os bens. Assim fez o nosso supremo general, com a definitiva vitória da cruz: despiu de autoridade, desarmou, quebrou o poder, neutralizou as forças e destruiu o império de Satanás e seus líderes, os demônios, as potestades e os principados do mundo e qualquer tipo de entidade que poderia exercer influência sobre nós. Aleluia!

"A força opositora é vista como um exército totalmente derrotado, exposto em parada triunfal, sob a vigilância do vencedor. Deus os despojou de suas armas e de suas forças, levando-os cativos em cadeias, por causa do que Cristo fez; e isso abertamente, perante todos os povos, de modo a não restarem dúvidas sobre a questão."¹

¹ Russell Norman CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, v. 5. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 123.

Sinal da subordinação dos poderes das trevas. Satanás já recebeu sua sentença. Nós aguardamos o fim escatológico, mas o *verdictum* já foi pronunciado: “O príncipe deste mundo já está julgado”, declarou o rei Jesus (Jo 16.11). Essa conquista põe a igreja em posição de vitória plena. “Põe todas as coisas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja.” Nós, como igreja, corpo de Cristo, estamos *nele*, acima de todo principado, potestade, poder e domínio (Ef 1.20-21). Há, no Antigo Testamento, uma metáfora para esse espetáculo. Quando Josué conquistou cinco cidades de Canaã, exibiu o triunfo sobre os seus reis, mandando os capitães pôr os pés sobre os seus pescoços. “Ponde o pé sobre o pescoço destes reis [...]; sede fortes e corajosos porque assim fará o Senhor a todos os vossos inimigos” (Js 10.24-25). A promessa para a igreja é presente, atual e definitiva. O Senhor já pôs todos os inimigos debaixo dos nossos pés.

Sinal da autoridade de Cristo. Ele tem as chaves da morte e do inferno (Ap 1.18; Mt 28.18). Tem o controle sobre todos os seres vivos ou mortos. Ele tem o destino dos homens, quer para a vida eterna quer para a morte eterna. A chave está em seu poder, tanto da vida terrena como da vida porvir.

A missão de Jesus foi completa, quando ele desceu ao inferno, enquanto seu corpo jazia na tumba, conforme diz o apóstolo Pedro: “Morto sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão” (1Pe 3.18-19). O Senhor Jesus proclamou a sua vitória sobre o inferno. A autoridade que o ser humano havia delegado a Satanás, quando atendeu à sua tentação, foi re-

tirada pela pessoa de Cristo. Porque ele venceu o diabo na posição de homem, sendo tentado em todas as coisas, mas sem pecado, e pela sua morte fez o resgate dos que estavam destinados à condenação. Ele pôde vencer toda influência e todo poder do mal sobre a criação de Deus.

O Senhor Jesus apresenta-se ao inferno e lhe toma as chaves, símbolo da autoridade. Após a ascensão, Jesus apresentou-se aos discípulos e declara: "Toda autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18).

O apóstolo João estava no céu, mas chorava muito. Porque nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro que estava na mão daquele que estava assentado no trono. Nem mesmo para olhar para ele, não se encontrava alguém digno. Enquanto João lamentava e chorava, um ser celestial lhe apontou um vencedor: ele tem a aparência de leão, o mais forte e o mais poderoso; é a majestade do Messias assim representada. É o leão da tribo de Judá. Ele venceu, é digno de abrir o livro e desatar os seus selos. Quando João olhou, viu um cordeiro ainda com as marcas da morte e do sangue, Cordeiro pascal — o sacrifício perfeito foi aceito pelo supremo juiz. Todos se prostram perante ele proclamando: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.1-10). Em Jesus resume-se toda existência espiritual e humana; o plano divino estabelecido para julgamento de todos os seres criados estava contido naquele livro, que só o Cordeiro tem as chaves para abrir. O reino de Deus chegou e o combate espiritual é a realidade pre-

sente e indicativa de que a nossa missão, tal qual a de Jesus, é manifestá-lo.

AS CILADAS DO DIABO NA VIDA PESSOAL E MINISTERIAL

Todo verdadeiro cristão enfrenta a oposição do reino das trevas. Converter-se significa ser transportado do império das trevas para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1.13). E isso envolve confronto. O apóstolo Pedro nos adverte: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar [...]; resisti-lhe firmes na fé” (1Pe 5.8-9). É a luta pela personalidade humana; e “ela não está sendo travada no ponto mais distante do mundo; refere-se a você. Esta guerra está sendo travada na alma de todo homem e nela não há posições neutras.”² Quantas vezes ouvimos as acusações do diabo apontando as nossas fraquezas e limitações, induzindo-nos ao pecado, procurando pôr dúvidas à nossa vocação ou tentando desqualificar-nos para a obra à qual somos chamados.

O soldado deve resistir a Satanás na luta pessoal, para que, quando as investidas se derem no ministério, já tenha conhecimento das suas astúcias e das estratégias de combate. O soldado que segue para o campo de batalha é conhecido pelo inimigo e, se ele não o vencer na luta pessoal, dificilmente o vencerá na peleja pelo reino eterno.

Quando os exorcistas judeus tentaram expulsar os demônios usando o nome de Jesus, de quem Paulo prega-

2. Sammy TIPPIT, *Preparado para a batalha*. Rio de Janeiro, JUERP, 1995, p. 21.

va, o espírito maligno lhes perguntou: “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” (At 19.13-15). O inimigo nos conhece e sabe quais são as nossas áreas de fraquezas, que servem de palco para a sua operação. Devemos preservar a nossa vida em santidade para não lhe dar nenhuma brecha, porque o inimigo não respeita a função ou posição ministerial que temos nem os títulos que carregamos. O sacerdote Josué estava diante do anjo do Senhor, mas suas vestes estavam sujas; Satanás estava ali à sua direita para se lhe opor; o Senhor, entretanto, repreendeu o adversário e trocou as vestes de Josué (Zc 3.1-4). Damos acesso ao inimigo quando pecamos e continuamos com as vestes sujas. O soldado treinado é aquele que está de prontidão, com as vestes apropriadas para o combate, que obedece ao seu comandante e conhece as artimanhas do opositor.

Luta pessoal e direta – Aquele que se dispõe a ir à linha de frente do combate certamente se expõe a maiores ataques. O intento maligno é atingi-lo na sua personalidade e procurar impedi-lo de cumprir o propósito divino em sua vida. Quando digo “linha de frente”, não me refiro apenas àqueles que seguem para o campo missionário, mas a todo aquele que exerce liderança e a todos os que se comprometem com a obra de Deus no exercício do ministério para o qual foram chamados.

O Senhor Jesus, nosso supremo comandante, antes de iniciar o ministério foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo (Mt 4.1). De forma direta o inimigo tentou atingir a sua personalidade: “Se tu és o Filho de Deus...” — por três vezes, tentou colocar em dúvida a identidade de Jesus.

A guerra espiritual na área pessoal é um treinamento divino, uma oportunidade para nos tornar resolutos, firmes, adestrados no combate, ávidos nos ataques, habilitados para o uso da armadura divina e experimentados nas táticas necessárias para desbaratar o adversário. Na escola de Deus somos colocados em confronto com o opositor. Quanto mais treinados estivermos, mais vitórias obteremos.

Há vários tipos de ataques a que somos expostos:

No campo da *mente*, as imaginações, a razão, a memória, a consciência, os argumentos, tudo o que se relaciona com a nossa forma de pensar. O plano de Satanás é desviar a nossa percepção da verdade divina, manipular a lógica e a razão para impedir a compreensão dos princípios que norteiam a expressão da vida em suas várias manifestações. Isso é expresso na insinuação feita pela serpente a Eva: “Sereis conhecedores”, e logo a percepção dela foi ativada. Ela viu “que a árvore era boa [...] e desejável para dar entendimento” (Gn 3.5-6). “É o mundo interior do pensamento que distingue o homem como homem [...]. O homem vive em sua cabeça. Seu consciente e subconsciente o faz revolver-se na obscuridade e vaidade de seus próprios pensamentos.”³

Assim acontece com a ciência, que tem sua origem em Deus, mas a cada dia nega a intervenção divina no universo. Assim também é com a teologia, quando o ser humano racionaliza a fé e deturpa a interpretação dos arcanos sagrados. Diz o erudito Dr. Lloyd-Jones: “O inimigo pode derrotar a sua mente, a sua razão, o seu senso

3. Francis A. SCHAEFFER, *Verdadeira espiritualidade*. São Paulo, Fiel, 1980, p. 130-131.

comum, os seus argumentos, a sua psicologia, a sua força de vontade..."⁴ Usar o poder da mente mesmo que seja para o bem, mas independente do criador, é arriscar-se às artimanhas do diabo. Bem afirmou Kenneth Wuest: "O homem só raciocina corretamente quando se relaciona corretamente com o seu criador." A inteligência humana não protege as pessoas dos argumentos falazes nem das superstições.

Satanás procura obscurecer o entendimento humano com raciocínios falsos, independentes da verdade, enrijecendo a consciência com o engano do pecado. Paulo prevê esses males quando exorta os salvos a anular os sofismas e levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo (1Co 10.4).

No campo das emoções, a ação maligna se aproveita do emocionalismo ou de qualquer disfunção dos sentimentos para gerar um desequilíbrio entre a mente e o coração. Satanás também usa a fragilidade das emoções e dos sentimentos provindos da sensualidade.

Estava no Televida, aconselhamento por telefone do Betel Brasileiro, e uma mulher ligou pedindo oração. Ela era evangélica, casada e dizia estar se apaixonando por outro homem. Eu perguntei: A irmã deseja trair o seu marido? Ela disse: De modo nenhum! Tornei a perguntar: Deseja pecar contra Deus? A resposta foi: Não! Então eu lhe afirmei: Isso é ação do diabo! Repreenda-o em nome de Jesus. Ela replicou: E o que eu sinto? Respondi-lhe: É engano, disfarce do inimigo para provocar um escândalo

4. D. M. LLOYD-JONES, *O soldado cristão*. São Paulo, PES, 1996, p.160.

na sua família e desonrar o nome de Deus! Rejeite este sentimento e lute contra Satanás.

Quis relatar esse fato porque tem sido muito comum em nossos dias as pessoas se entregarem à paixão ao invés de lutar contra ela. Não estamos espiritualizando a situação. Em toda experiência existe a participação natural e sobrenatural. O indivíduo solteiro ou casado, ao pensar que está apaixonado, reflita: se é por uma pessoa errada, lembre-se, suas emoções também são campo das investidas do diabo. A atração é normal. Cabe-nos distinguir a atração da paixão, e discernir até onde a atração é natural e qual o limite que devemos pôr ao natural. Que decisões tomar se não estamos sendo capazes de pôr limites? Temos de refletir e agir. Ver os perigos e fugir! Se não dá para fugir do espaço, como fez José do Egito, temos de fugir do impulso, rejeitando-o, criando resistência a ele até que perca sua força. Isto é possível, porque nessa luta temos o Ajudador que conhece nossas áreas vulneráveis e nos faz sobrepor-nos a elas. Temos um sumo sacerdote que se compadece das nossas fraquezas porque foi tentado à nossa semelhança, mas sem pecado. Ele nos oferece socorro em ocasião oportuna (Hb 4.15-16).

O Senhor Jesus encarou os ataques do adversário com consciência plena de que em sua vida ele não tinha nenhuma chance para operação, mesmo tentando de todas as formas fazê-lo cair. E disse: "Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim" (Jo 14.3). Em nenhuma área da vida de Cristo o inimigo prevalecia; não encontrava nele nenhum ponto de apoio, nenhum terreno favorável para seus ataques. Devemos imitá-lo e andar como ele andou.

Percebemos, portanto, que há uma permissão divina para a atuação maligna. Há ocasiões em que a influência do mal se torna instrumento da soberania divina para fins benéficos. Como disse Lutero: “Até o diabo serve aos propósitos de Deus e só vai até onde ele determinar.” Não entendemos perfeitamente esses mistérios do reino espiritual, mas cabe a cada um de nós estar atento e buscar o discernimento para perceber quando Deus nos concede a graça de repreender o mal e quando a graça nos é suficiente para suportá-lo.

Analisando a experiência paulina, vemos como ele enfrentou um ataque pessoal e direto de Satanás. Augustus Nicodemus, em seu livro *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*, enumera os seguintes pontos para descrever a reação de Paulo ao ataque do inimigo:

a) Paulo identificou que o mal que o afligia tinha origem satânica: “mensageiro de Satanás para me esbofetear” (2Co 12.1-10).

b) Admitiu que era uma oposição dolorosa: *espinho* — a palavra original é *skolops*, algo (não sabemos se físico ou espiritual) que produz dor aguda, como uma estaca enfiada em sua carne.

c) Aceitou que era algo humilhante que não dava margem para se envaidecer pelas revelações recebidas.

d) Sujeitou-se a Deus e orou, repetiu o clamor três vezes para que o Senhor afastasse o mal.

e) Aceitou a resposta da oração não na forma desejada. Deus queria ensiná-lo a depender só da graça — “A

minha graça te basta". Ele precisava reconhecer que o poder se aperfeiçoa na fraqueza.

f) Entendeu o propósito divino daquele espinho: quebrar o seu ego. "É preciso muito mais poder para amarar o nosso eu orgulhoso do que para amarrar meia dúzia de entidades malignas."⁵

g) Fazê-lo humilde. O Mestre não poderia usar um Paulo orgulhoso e soberbo.

Refletir essas verdades é tarefa essencial para discernir a razão das nossas experiências dolorosas, mas gloriosas, mesmo que espinhosas, pelo fim alcançado.

Muitos cristãos têm medo de admitir ou preferem ignorar os ataques malignos, escudando-se na declaração joanina: "O maligno não lhe toca" (1Jo 3.8). Russell Champlin traduz o termo original *haptetai* por "não ter chance de lançar mão". Satanás não é capaz de arrebatrar as ovelhas da mão do Bom Pastor (Jo 10.28). Não pode dominá-las ou possuí-las. Porém, temos de estar atentos aos seus ataques. Os apóstolos tinham consciência de que precisavam lutar para não ser vencidos pelas artimanhas do diabo, não lhe ignorar os ardis (2Co 2.10-11).

Quando os filhos de Deus se apresentaram perante o Senhor, Satanás veio para acusar Jó e pediu a Deus permissão para tocar na sua vida. De várias formas tentou fazê-lo blasfemar e pecar contra o Senhor. No caso de Jó, temos uma ação direta de Satanás tocando a saúde e de forma indireta usando sua mulher para insuflá-lo contra Deus (Jó 1.6-12; 2.9).

5. Augustus Nicodemus LOPES, *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo, Cultura Cristã, p. 133.

Luta pessoal e indireta — A ação maligna indireta refere-se aos disfarces, às máscaras que o inimigo usa para nos atingir, aquelas manifestações camufladas que, se não fosse pelo discernimento espiritual, não teríamos condições de percebê-las. Ele usa uma pessoa querida do nosso círculo mais íntimo. Qual de nós não acharia forte demais ver Jesus responder a Pedro com a expressão: “Arreda, Satanás!” Mas foi isso que Jesus disse, quando Pedro reprovou sua intenção de ir a Jerusalém para sofrer e morrer. Aquelas palavras aparentemente compassivas vinham do perturbador (Mt 16.23-24). Muitas vezes, os nossos relacionamentos são atingidos, a harmonia da família é enfraquecida, e começamos a lutar na arena humana, atribuindo tudo ao contexto humano ou à situação natural, não detectando os ardis de Satanás. “A nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades” (Ef 6.12).

O maligno usa os fenômenos da natureza, a astrologia, a feitiçaria, os disfarces da verdade, a religiosidade e, de variadas formas, dissimula suas engenhosas táticas. Ele age com intentos enganosos e procura nos atingir com propostas aparentemente justas e vantajosas. Uma grande igreja, um bom salário, um belo casamento... Como diz Paulo: “Satanás se transforma até em anjo de luz” (2Co 11.14). E quer atingir, principalmente, os líderes, os formadores de opinião, os que exercem influência sobre um grupo. Paul Y. Cho afirmou: “Sendo pastor da maior igreja do mundo, sei que Satanás tenta destruir-me todos os dias. Se ele conseguisse fazer com que eu abreviasse minha prática de oração, tornar-me-ia bastante vulnerável aos seus ataques.”⁶

6. Paul Yonggi Cho, *Oração, a chave do avivamento*. Belo Horizonte, Betânia, 1996, p. 153.

ESTRATÉGIAS DE SATANÁS PARA IMPEDIR A OBRA DE DEUS

Missões significa dar às pessoas a oportunidade de receber a luz do evangelho; isto implica a vitória de Cristo sobre Satanás e exige batalha espiritual. Devemos estar conscientes de que somos enviados por Jesus para enfrentar o opositor: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio dos lobos” (Mt 10.16).

Paulo foi comissionado pelo Senhor nestes termos: “Eu te envio para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” (At 26.17-18). Ele entendeu que sua missão era entrar em oposição a Satanás. Para levar o ser humano a converter-se dos seus pecados iria enfrentar o campo da batalha espiritual.

Ainda hoje, o confronto é o mesmo; Satanás se opõe e tenta intimidar aqueles que buscam o perdido e trabalham para tornar a Palavra de Deus acessível àqueles que não a possuem em sua própria língua. O missiólogo e missionário Ronaldo Lidório, trabalhando em Gana, na África, e traduzindo o Novo Testamento para os konkombas, relatou que, certo dia após um culto na aldeia Molan, foi interpelado por um homem de meia idade sob o controle demoníaco, que conversou em inglês fluente e lhe fez duas perguntas: “Você pensa que só você sabe teologia? Eu também sei. Você pensa que só você sabe grego? Eu também sei.”

Vejam, pois, nas páginas sagradas, algumas estratégias de Satanás para opor-se à expansão do evangelho:

1) *Cega o entendimento dos incrédulos.* “O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para

que não lhes resplandeça a luz do evangelho" (2Co 4.4). A pessoa ouve o evangelho, mas não entende. A mente está dominada pelas trevas da ignorância espiritual e pela incredulidade. "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem" (1Co 1.18). Paulo ainda fala do estado do ser humano antes de conhecer a Jesus: "Andastes, outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). Pela oração, a mente é liberada para que a Palavra seja compreendida e recebida.

2) *Tenta impedir a germinação da semente, que é a Palavra de Deus.* Jesus preveniu-nos, dizendo: "Vem, a seguir, o diabo e arrebatá-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos" (Lc 8.12; Mt 13.19). Por isso, é necessário preparar o terreno com oração para que a semente frutifique.

3) *Corrompe as verdades bíblicas.* Paulo previne o pastor Timóteo dos "espíritos enganadores e ensinos de demônios" (Mt 13.14-28; 1Tm 4.1-3). O maior mal não é a mentira, mas a verdade corroida, porque esta confunde e se disfarça. As heresias crescem e as distorções da verdade se multiplicam nos púlpitos da igreja evangélica. Se o pastor não zelar pela verdade, produzirá crentes imaturos e uma igreja fácil de ser levada por qualquer vento de doutrina. Se o missionário não estudar a Bíblia com profundidade, poderá ser confundido com os ensinamentos das diversas religiões mundiais, com as quais vai ser confrontado.

4) *Instiga a mentira.* Precisamos lembrar que Jesus identificou Satanás como o pai da mentira. "Jamais se fir-

mou na verdade, porque nele não há verdade [...]; é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). Um claro exemplo é o de Ananias e Safira, que venderam uma propriedade e depositaram parte do valor aos pés dos apóstolos. Pedro, sob a revelação do Espírito Santo, perguntou: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?” E caíram mortos Ananias e Safira (At 5.1-3). Quantos díizimos e ofertas que não representam a verdade! Quantas mortes não haveria hoje, nas igrejas, se a ação do Espírito fosse livre como naqueles dias? Mas a frieza e a morte prematura podem explicar certos fatos que não nos compete julgar, mas estão explícitos por Paulo: “Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem” (1Co 11.30).

5) *Tenta enganar o povo de Deus usando profetas para falar mentiras.* O rei Acabe ajuntou quatrocentos profetas para consultar se deveria ir à peleja, e todos falaram enganosamente que ele obteria a vitória. Quando o profeta Micaías é convidado a fala, revela que um espírito se apresentou diante do Senhor dizendo: “Eu o enganarei [...]. Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas” (1Rs 22.21). É próprio de Satanás enganar, como atestou Eva: “A serpente me enganou e eu comi.” Devemos ter cuidado com aqueles que falam em nome de Deus, mas profetizam mentira. “O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade. Eis que eu sou contra esses profetas, diz o Senhor, que pregam a sua própria palavra e afirmam: Ele disse” (Jr 22.28, 31).

6) *Opera falsos milagres*. Poderes extraordinários do mal são manifestados para confundir os servos de Deus. “O próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (2Co 11.13-15). Quando Deus enviou Moisés para realizar maravilhas e poderosos sinais à vista do faraó, para desmascarar seus deuses e suas magias, o faraó mandou vir os sábios e encantadores do Egito e estes também realizaram sinais (Êx 7.11). Na sua primeira viagem missionária, Paulo encontrou-se com um mágico, falso profeta que se opunha ao seu trabalho (At 13.6-12); em Filipos, quando Paulo saía para orar, indignou-se com a façanha de uma jovem que tinha espírito adivinhador e falava com exatidão acerca do ministério dele (At 16.16-18).

7) *Leva a igreja ao desequilíbrio*. Isso se reflete na demasiada ênfase em um ponto doutrinário, como o falar em línguas, a questão social ou as obras da lei, como aconteceu entre os gálatas (Gl 3.1-6). A igreja de Tessalônica, influenciada por alguns mensageiros apocalípticos, estava desenvolvendo uma confusa expectativa sobre a iminente vinda do Senhor; então Paulo escreve: “Nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade” (2Ts 2.2). Eles estavam mentalmente abalados — “demover” tem o sentido de uma agitação mental que leva ao desequilíbrio.

8) *Oprime as pessoas com doenças*. Nem toda doença é obra maligna, mas há pessoas que são atingidas fisicamente pelo diabo, como aquela mulher de quem Jesus afirmou estar presa por Satanás (Lc 13.16).

9) *Tenta tornar inútil o labor missionário*. Paulo preocupava-se com a firmeza da fé dos irmãos a quem tinha

evangelizado, “temendo que o tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor” (1Ts 3.5, cf. 2Tm 2.26; 1Tm 3.7). Quantas vezes, em trabalhos pioneiros, quando o obreiro sai de férias, deixa o trabalho florescendo, e quando volta, precisa recomeçar tudo de novo.

10) *Incita a perseguição.* Herodes lançou mão de alguns para os maltratar (At 12.1-2; 16.22; 2Co 11.23-27). Atrás de determinados regimes políticos e da consciência cultural, o diabo tem encontrado espaço para hostilizar servos de Deus e procurar deter o prosseguimento do reino eterno. “Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação” (Ap 2.10). Há diversos casos de martírio, tanto na narrativa bíblica como no decorrer da história, inclusive em nossos dias, em várias partes do mundo.

11) *Traz depressão.* A solidão fez Paulo, o grande missionário, sentir-se intranquilo, e as pressões dos muitos labores o deixaram sem nenhum alívio (2Co 2.13; 7.5-6). “Sua preocupação e ansiedade por saber se Tito obtivera ou não êxito em sua missão em Corinto o deixou conturbado [...] ao invés de tirar proveito da oportunidade.”⁷ É claro que, em nossa natureza humana, há momentos em que nos sentimos cheios de energia e expressivos, há momentos em que nos sentimos inquietos e depressivos. Isso faz parte do natural, mas a preocupação excessiva pode-se tornar prejudicial e ser usada como uma brecha para roubar a nossa tranquilidade e confiança. A solidão é um mal que atinge principalmente a missionária solteira. Ruth Tucker relata: Charlotte (Lottie) Moon, missionária na China, em

7. Russell Norman CHAMPLIN, *Op. cit.*, v. 4. Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1980, p. 307.

1877, realizou um extraordinário ministério; “a solidão era o único fator que frustrava o seu ministério.”⁸

12. *Promove desavenças na equipe missionária.* Paulo e Barnabé se separaram por falta de entendimento (At 15.39-40). Dentro da igreja, muitos grupos se desentendem e se separam por falta de perdão; Paulo identificou isso como sendo Satanás tirando vantagem sobre os irmãos: “A quem perdoais alguma coisa, também eu perdôo; [...] para que Satanás não alcance vantagens sobre nós” (2Co 2.10-11). Paulo exortou a duas mulheres da igreja de Filipos para que pensassem concordemente no Senhor (Fp 4.2). As divergências humanas são normais, mas não podem ser mais fortes do que a compreensão da nossa humanidade falha e do amor divino que cobre multidão de pecados. Certa vez, aconselhei uma missionária que compartilhava o mesmo quarto de uma missão com outra missionária e elas não se falavam. Como fica o trabalho missionário? Será que podem orar: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12)?

13) *Insinua-se para fazer errar o alvo.* Pedro, aparentemente de forma bondosa, foi usado por Satanás para desviar Jesus da cruz: “Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (Mt 16.22-23).

Uma ex-aluna nossa, com forte convicção de chamado para Guiné-Bissau, foi enviada pela missão AMEM. Como é norma dessa agência, a candidata precisava aprender inglês e seguiu primeiramente para a Inglaterra. Durante esse tempo, conheceu um rapaz, servo de Deus,

8. Ruth A. TUCKER , *Até os confins da terra*. São Paulo, Vida Nova, 1986, p. 249.

que lhe propôs casamento. E agora: África ou Inglaterra? A vocação foi mais forte que os laços do amor, é ela seguiu para o alvo que o Senhor lhe apontara. Muitos missionários se desviam do alvo pelas ofertas que lhes aparecem no caminho. Por que as grandes capitais e as metrópoles estão abarrotadas de igrejas e os interiores, os sertões e as regiões ribeirinhas do Amazonas permanecem com tantos municípios e vilas sem o evangelho? O seminarista sai da cidade pequena para se preparar nos grandes centros e nunca mais volta. Desvia-se do alvo ou é guiado por Deus? O Betel Brasileiro tem recebido vários alunos do Peru, da África e de outros países, mas o acerto é feito: após terminar o curso eles sabem que têm o compromisso de voltar para trabalhar com o seu povo.

14) *Tenta promover a vaidade.* Quando Paulo e Barnabé operaram a cura de um coxo, em Listra, as multidões os confundiram com deuses e quiseram homenageá-los, mas aqueles missionários repreenderam-lhes a atitude (At 14.8-15). Os sucessos do trabalho devem ser vigiados, porque a promoção humana é astúcia do mal.

15) *Põe obstáculo às viagens missionárias.* Paulo identificou: "Satanás me impediu" (1Ts 2.18). Na evangelização da cidade de Tessalônica, a prática do animismo, a adoração de ídolos e dos demônios, a incredulidade e o ódio transformaram as pessoas em instrumentos de Satanás.

Assim, identificamos algumas estratégias de Satanás para impedir a obra de Deus. Prossigamos firmes e atentos às sutilezas do mal, para intercedermos com discernimento espiritual e sabermos fazer a contraposição da forma correta.

O ENFRENTAMENTO COM O ADVERSÁRIO

O ministério da oração nos põe em posição de combate. Não tencionamos relacionar fórmulas prontas para lidar no mundo espiritual; o que nos propomos é encontrar nas Escrituras Sagradas a orientação adequada para obtermos vitória sobre o inimigo.

1) IDENTIFICAR O ADVERSÁRIO

Satanás é bastante astuto; ele apresentou-se a Eva em forma de serpente. Paulo previne-nos, dizendo que ele se transforma até em anjo de luz (2Co 11.14). Ele é um ser espiritual, aproveitador de ocasião, das fraquezas humanas, dos pensamentos, das emoções e até da boa índole dos servos de Deus. Como identificá-lo?

a) *Exercendo discernimento espiritual.* Todo salvo tem o Espírito Santo que testifica dentro dele o que é de Deus, o que é da própria natureza humana e o que vem do diabo. O Espírito dá testemunho ao nosso espírito de tudo o que envolve a nossa filiação (Rm 8.16). Discernir a operação maligna é imprescindível na batalha espiritual.

O discernimento está relacionado como um dom espiritual (1Co 12.10). Porém, temos interpretado esse dom apenas para discernir quando uma pessoa está possuída de demônio ou não. Essa é uma função do dom, mas não é a única. As manifestações sobrenaturais são variadas: às vezes, o inimigo opera sutilmente em nossa mente, em nossas emoções e até em nossas convicções doutrinárias. É necessário discernir de onde procedem as investidas que nos sobressaltam.

Recordo da experiência do Dr. Gilberto Pickering, missionário que trabalhou na tribo apurinã, no Amazonas: “Que eu saiba, fui o primeiro a disputar com Satanás o seu domínio total e secular sobre essa nação [...]. infelizmente, não obstante um mestrado em teologia e ter lido a Bíblia toda repetidas vezes, ignorava as verdades sobre a batalha espiritual. Apanhei! Apanhei sem dó e sem piedade, até não querer mais. Satanás varreu o chão comigo. Pois ele não gostou da brincadeira e eu não sabia me defender, aliás nem entendia o que estava acontecendo. É que era cético quanto à atuação dos demônios. Sim, eu sabia existirem Satanás e os demônios, pois a Bíblia é clara e enfática a esse respeito, mas pouco sabia sobre a atuação deles e nada sabia do uso das nossas armas, quer para defesa, quer para ofensiva.”⁹

A Palavra afirma que o cristão maduro tem as faculdades exercitadas para discernir o bem e o mal (Hb 5.14). Não o bem do mal, porque isto até uma criança pode fazer, mas o bem do bem, que é vontade de Deus para nós, que é bem de fato, e o bem que mesmo sendo bem é prejudicial. Discernir o mal que deve ser rejeitado e o mal que é permissivo como gerador de uma experiência que traz bem. O exercício da percepção espiritual deve ser uma prática comum na vida do cristão.

É ação do Espírito Santo testificar, comunicar ao nosso espírito quem é o autor da cena, quem está no palco, qual a participação do adversário no negócio. A identificação é o primeiro passo para a vitória, porque estaremos certos contra quem lutamos e usaremos a estratégia adequada para a contraposição.

9. Gilberto Norman PICKERING, *Guerra espiritual*. Rio de Janeiro, CPAD, 1987, p. 87.

Não podemos ter a mente dividida, nem ser indecisos ou oscilantes. “Se tivermos dúvidas sobre a guerra na qual estamos engajados, lutaremos pessimamente [...]. Certamente, todos quantos se acham nestas condições já estão derrotados, porque são indecisos.”¹⁰

b) Reconhecendo os limites do adversário. Não devemos ignorar o poder do inimigo, a capacidade mental e espiritual com que governa o mundo da maldade. Porém, não podemos considerá-lo travando uma luta com Deus no mesmo nível, como sugerem alguns que nos convidam a assistir o duelo dos deuses numa sessão de exorcismo. Absolutamente não! A supremacia do nosso Deus é infinitamente inigualável e nunca equiparada a nenhum outro ser!

O Senhor Jesus dirigiu-se a Satanás, afirmando: “Não cogitas das coisas de Deus, e sim das do homem” (Mt 16.23). Seu conhecimento é limitado. Quantas vezes o inimigo fica confuso, não entendendo o espetáculo produzido pelos servos de Deus, no cenário do reino eterno: “Somos feitos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens” (1Co 4.9). A sabedoria da cruz que confunde os sábios também é loucura para o inimigo que é incapaz de entender os planos divinos. As obras da graça divina são mistérios que apanham o inimigo de surpresa. Uma amiga minha contou-me que, quando o Senhor começou a usá-la como líder nacional de missões na sua denominação, promovendo encontro com todos os pastores para ouvirem os desafios missionários, ela teve um sonho em que lhe apareceu um ser estranho que dizia: “Esperava de todos, menos dessa mulher.”

10. D. M. LLOYD-JONES, *Op. cit.*, p. 144-145.

Escrevendo aos efésios, o apóstolo Paulo revela: “Pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torna conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.10). De acordo com os estudiosos, essas potestades (tanto benignas quanto malignas) todas percebem a sabedoria divina pelas manifestações do plano redentor através da igreja. “A igreja é a única agência que julga os principados e potestades. É através dela que os anjos e os demônios são forçados a tomar conhecimento da multidão de facetas da sabedoria de Deus. Eles são obrigados a assistir à exposição dos mais variados matizes, tonalidades e coloridos da verdade de Deus colocada em prática na vida dos que são redimidos em termos de sua grandeza, misericórdia e fidelidade. É na igreja que as potestades vêem o desfile das mais diversas formas e expressões do poder e da autoridade de Deus.”¹¹

É inadmissível ouvir servos de Deus dizendo que não oram em voz alta para o diabo não ouvir. Devemos temer o Deus a quem oramos ou ao diabo? Os planos divinos para a nossa vida estão segregados nos arcanos divinos — “No teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda” (Sl 139.16). Quem tem o controle da nossa vida e quem governa o universo com determinações soberanas, desde a eternidade, é Deus!

Sabemos que Satanás, como um anjo caído, tem poderes extraordinários. Mas o servo de Deus não deve temê-lo, porque o poder e as obras satânicas são controlados pelo Deus soberano. Lembremo-nos que, quando Sa-

11. Neuza ИЮКА, “A missão da igreja e o confronto com a opressão espiritual”, em *A missão da igreja*. Belo Horizonte, Missão Editora, 1994, p. 199.

tanás foi tocar em Jó, teve os limites estabelecidos por Deus: “Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão” (Jó 1.12). Quando quis atingir Pedro, pediu para cirandar com ele: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22.31-32). Temos de crer que o universo está debaixo da autoridade de Cristo; ele é o Senhor! Não estamos assistindo a uma competição ou a uma medição de forças — Deus é o Senhor até do diabo.

Sejamos ainda mais fortalecidos quanto a estas verdades, com a seguinte transcrição, retirada do livro *Mananciais no deserto*:¹²

A tentação é necessária para nos firmar e confirmar a vida espiritual. É como o fogo para as cores de uma pintura de porcelana ou como os ventos que, ao baterem de encontro aos cedros, mais os levam a fixarem-se no solo. Nossos conflitos espirituais devem ser contados entre as mais preciosas bênçãos, porque o grande adversário é usado para nos treinar para a sua própria derrota. A tentação enfrentada vitoriosamente redobra as forças e as reservas espirituais. Podemos, assim, não apenas derrotar o inimigo como também fazê-lo combater em nossas próprias fileiras. O profeta Isaías fala em voar sobre os ombros dos filisteus (11.14). Por isso, Paulo pôde dizer que as suas lutas, algemas e cadeias e “as coisas que me aconteceram têm antes contribuído para o progresso do evangelho” (Fp 1.12-13).

12. Lettie COWMAN, *Mananciais no deserto*, 10ª ed. Belo Horizonte, Betânia, 1986, p. 20.

c) *Tomando conhecimento das astúcias malignas.* Muitos servos de Deus são apanhados e vencidos pelo maligno porque preferem ignorar suas ciladas a enfrentá-las. Elas são tão dissimuladas que parecem puramente humanas. Paulo nos previne: “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2.11). Ele não pode tirar vantagens quando andamos no Espírito e identificamos os seus intentos.

Dr. Lloyd-Jones, no seu livro *O combate cristão* (cap. VI e XV), menciona diversas astutas ciladas do diabo a que nos expomos. Citaremos algumas:

Orgulho intelectual. Todas as espécies de conhecimento tendem a inchar-nos (1Co 8.1). A razão não deve estar acima do sobrenatural ou espiritual. As fases de mais aridez na igreja de Cristo ocorreram quando a erudição se sobrepôs ao sobrenatural. É possível ter um interesse tão exclusivamente intelectual pela verdade que paramos de orar.¹³

Orgulho do sucesso. Quando Davi acabou de derrotar os inimigos, “Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a levantar o censo de Israel” — contar os componentes do exército, avaliar a extensão do reino, era a proposta maligna para inchar Davi de orgulho. “Tudo isto desagradou a Deus, pelo que feriu a Israel” (1Cr 21.1, 7). Paulo, ao recomendar que o líder não seja um neófito, está prevenindo que este se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo (1Tm 3.7). Devemos estar atentos às ciladas do orgulho, seja qual for a sua forma.

13. D. M. LLOYD-JONES, *Op. cit.*, p. 159.

Obsessão por um só aspecto da verdade. Interessar-se mais por uma doutrina particular do que pelo conhecimento de Deus. Devemos imitar o apóstolo Paulo, que, ao se despedir da igreja de Éfeso, pôde declarar: “Jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

Maior atenção à exterioridade. Deixar de lado os elementos essenciais da fé para insistir nos elementos tangenciais. Alguns se tornam excêntricos e o diabo se utiliza de suas ciladas para privá-los das riquezas da vida cristã.

Falta de equilíbrio entre a essência da verdade e a experiência. O diabo estimula as pessoas a viverem de experiências, ou as afasta das experiências para afirmarem que só a verdade é essencial. Precisamos conhecer a verdade que nos leva ao conhecimento experimental.

Confundir o físico com o psicológico e com o espiritual. O inimigo procura causar estragos, desviando a nossa atenção da verdadeira causa ou natureza de algum problema que estejamos enfrentando. “Deixar-se vencer é recusar-se a perceber e identificar as manifestações das obras das trevas. É ignorar seus esquemas, todos eles inspirados por uma forma de elevadíssima inteligência maléfica.”¹⁴

2) FORTALECER-SE COM O PODER DE DEUS

Paulo, antes de falar no combate e expor a armadura de Deus, foi enfático e imperativo: “Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10). Sem o revestimento do poder divino será difícil combater e manusear as peças da armadura. Só seremos fortes no combate quando

14. D. M. LLOYD-JONES, *Op. cit.*, p. 54.

a energia divina fortalecer nossas mentes, nossas emoções, nosso homem interior. Precisamos ser vitalizados pela força do poder de Deus liberado pela operação do Espírito Santo.

O poder de Deus está à nossa disposição, mas é necessário buscá-lo. A promessa divina é: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1.8). Ele opera eficientemente em nós, fluindo em nosso interior para qualquer ação exterior, a ponto de nada ser impossível no comando do Espírito. “Paulo tinha consciência de que em si mesmo operava a ‘energia’ de Deus, ‘poderosamente’, como dinamite.”¹⁵

Este revestimento de poder é a promessa do batismo com o Espírito Santo. João Batista pregava: “Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo” (Mc 1.8) Os quatro evangelistas registram a missão de Jesus como o batizador. E ele mesmo “determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1.4-5).

Essa experiência é a capacitação para trabalhar na seara do Mestre. “Enquanto houver um pecador na terra, eu preciso testificar de Cristo diante dele; para testificar, eu preciso de poder; e o poder só me virá pelo Espírito Santo. Logo, se eu quero realizar um trabalho efetivo no reino de Deus, eu necessito de ser cheio do Espírito.”¹⁶

15. Russell Norman CHAMPLIN, *Op. cit.*, v. 5, p. 111.

16. Enéas TOGNINI, *Batismo no Espírito Santo*. Livraria Louvores do Coração, 1960, p. 26.

Há aqueles que aguardam a ação divina e não se movem em direção a Deus e há aqueles que se empenham na busca como se dependesse deles a aquisição do poder. Temos de equilibrar: o poder emana de Deus e nossa atitude é buscá-lo. Paulo ordenou: “Enchei-vos do Espírito.” E orou pelos efésios “para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito noeu Espírito no homem interior.¹⁸).

RAZÕES PARA O FORTALECIMENTO ESPIRITUAL:

Precisamos ser revestidos ou fortalecidos com o poder de Deus, pelas seguintes razões:

a) O que há de melhor em nós (todas as nossas virtudes e valores) é inadequado para um combate travado no campo espiritual. Não devemos confiar em nossas habilidades naturais, mas depender exclusivamente do poder espiritual que em nós opera.

b) A batalha contra o mal é séria e nada fácil, porque temos um opositor que se manifesta em diferentes categorias e com diferentes potências. “São os poderes malignos, fazendo guerra contra o bem e a verdade. Esses poderes são nossos adversários, porquanto têm fácil acesso até esta terra, motivo pelo qual são chamados de ‘dominadores deste mundo’”¹⁷ — os principados e as potestades, que governam este mundo tenebroso.

c) Devemos honrar o nome de Deus. Assim como o bom testemunho glorifica a Deus, o escândalo envergonha o seu nome; o nosso fracasso também atinge a honra do

17. Russell Norman CHAMPLIN, *Op. cit.*, v. 4, p. 643.

nome do nosso Pai. Honrar a Deus deve ser o maior estímulo à nossa santificação. “Tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2.11). Escrevendo à igreja em Roma, Paulo alegra-se com os fiéis, pois mesmo vivendo num contexto de opressão política e de escândalos entre o povo de Deus, evidenciavam obediência: “Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos [...]. Pois a vossa obediência é conhecida por todos” (Rm 16.17-19). Nessa época de pós-modernidade, sofremos mudanças na forma de fazer as coisas, pelo uso da tecnologia, e sofremos mudanças na forma de ver as coisas, atingindo nossos valores e convicções, pelas influências sócio-culturais. Desafia-nos o compromisso de ficar firmes na tentação, preferindo a honra do nome de Deus, a usufruir os prazeres transitórios do pecado (Hb 11.25). Toda a luta travada pela igreja antiga para manter-se obediente era revestida de uma certeza da fé: “O Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás” (Rm 16.20). “A fé honra a Deus; Deus honra a fé.”

d) Permanecer firmes. O poder de Deus nos faz fortes contra o pecado, contra os ataques de Satanás, contra as pressões do sistema mundano. É necessário criar resistência interior, construir uma fortaleza dentro de nós. O mundo exterior e o contexto em que vivemos podem nos ameaçar; as vicissitudes e as decepções podem nos entristecer, mas nosso espírito jamais será abalado. O homem exterior pode se desgastar, mas o homem interior se renova dia a dia (2Co 4.16). Nosso contato com Deus nos vitaliza como a bateria do celular em contato com a energia.

Quantas vezes somos detidos quando vêm as provações. Ou desistimos de orar porque não estamos sendo reconhecidos pela liderança ou porque enfrentamos algum problema que pensávamos não nos atingir. Hoje, é comum pessoas mudarem de igreja, de grupo ou de uma agência enviadora, porque não concordam com a liderança ou não querem suportar a disciplina, ou porque os planos pessoais foram adiados. Entretanto, não devemos buscar facilidades; precisamos nos esforçar ao máximo para experimentar a eficácia da operação divina, não fugindo das lutas nem do tratamento de Deus para a nossa vida. Na vida missionária, muitas vezes, será necessário viver acima do natural, limitando-nos no nosso potencial ou dando até acima dele, para manifestar a eficácia do poder divino. Paulo experimentou isso: “Eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim” (Cl 1.29).

Muitos enfatizam o uso do poder para operar maravilhas e sinais miraculosos, como cura de enfermidades e expulsão de demônios. Essa é uma forma de usá-lo, mas devemos também nos apropriar dele para obter o suporte e a resistência no âmbito moral. Ficar forte para não recuar no cumprimento da missão, avançar no ataque, indo até à morte, não amando a própria vida (Ap 12.11). Precisamos orar, como o profeta Joel: Ó Senhor, faze descer os teus valentes! Cheguem-se todos os homens de guerra. Suscитай os valentes. Diga o fraco: Eu sou forte (Jl 3.9-11)!

MANEIRAS DE DEUS FORTALECER:

a) *Pelo sofrimento, provações e privações.* Podemos fazer uma analogia entre as leis da criação natural e o processo de tratamento ao qual o criador expõe as suas criaturas. As árvores de caule forte e raízes profundas são firmadas pelas tempestades. O céu fica mais limpo após o temporal. A dor do parto traz a vida à luz. A disciplina forma o caráter. Andar seguro é andar sobre os trilhos da lei. Não há vitórias sem lutas. Por que são necessários o sofrimento e as provações?

Desde a queda, a natureza humana tornou-se incoerente, frágil, inconstante e rebelde. O profeta Jeremias declara: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17.9). Com a ajuda da psicologia e da psicanálise, o homem tem procurado se voltar para dentro de si mesmo e perceber as razões do seu comportamento. Entretanto, só a luz divina é capaz de esquadriñar o mais profundo da alma e focalizar as rachaduras e as distorções da construção da personalidade, porque vai além da consciência moral: “Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos” (Jr 17.10).

Com a intenção de nos fazer entender quem realmente somos, o Senhor nos prova, porque só no sofrimento, nas pressões e dificuldades nos revelamos quem somos de verdade. Confrontar o nosso ser real com o ideal é a única forma segura de Deus quebrar o nosso ego e nos tornar dependentes dele. Ele leva ao deserto a fim de provar, humilhar e fazer saber o que está no coração, como fez com Israel (Dt 8.3).

O ser humano perdeu a capacidade para a abnegação: a essência pura das virtudes não encontra nele condições de operação. É pela provação que a natureza humana se inclina para o bem; o sofrimento promove o aperfeiçoamento. O Senhor Jesus, o Filho de Deus, moralmente perfeito, “aprendeu a obediência pelo sofrimento” (Hb 5.8-9). O aperfeiçoamento não se destina só à questão moral, fazer o certo e rejeitar o errado, mas também à capacitação espiritual de assemelhar-se às virtudes da divindade e de adquirir condições de alcançar os objetivos de Deus para a nossa missão.

O comportamento no tempo de criança não pode ser o mesmo da vida adulta. As posições tomadas no início do ministério se aperfeiçoam à proporção que desenvolvemos a tarefa que nos foi confiada. Quantos reis de Israel começaram bem e terminaram mal porque não perseveraram nos princípios estabelecidos por Deus. E, ainda hoje, quantos homens dedicados ao serviço sagrado não terminam bem, porque não abriram as janelas da alma para refletir a sua maneira de ver a vida e se dispor ao crescimento cristão. O processo do aperfeiçoamento requer perseverança nos princípios divinos e na reflexão acerca das mutações da existência. Tiago nos lembra que a perseverança é produto das provações e a sua ação completa é para que sejamos perfeitos e íntegros (Tg 1.4).

O apóstolo Paulo se dispôs ao processo de alcançar a maturidade: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”, e passou por diversos tipos de provações, as quais lhe fortaleceram o caráter cristão: “Tanto sei estar humilhado como também ser honrado [...]; já tenho experiência, tanto de fartura como de fome” (Fp 4.12).

No reino espiritual só se torna forte quem tem coração quebrantado; é na fraqueza que o poder se manifesta. Quando Paulo descobriu esses princípios cristãos, disse: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor do Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12.10). Experimentando o poder de Deus é possível declarar: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

b) Pelas tentações. A tentação nos torna mais rijos contra o mal. O Mestre nos ensinou a pedir ao Pai para que ele não nos deixe cair em tentação (Mt 6.13), mas não garantiu que não seríamos tentados. Entre ser tentados e cair, há grande diferença; contudo, nem sempre temos a correta percepção e nos condenamos pelo fato de estarmos sendo tentados. O Filho de Deus sofreu tentação de toda sorte. Ele foi tentado à nossa semelhança, mas sem pecado (Lc 4.13; Hb 4.15). Como nosso sumo sacerdote se compadeceria das nossas fraquezas, se não experimentasse em sua própria carne a vulnerabilidade da natureza humana? Como seria vitorioso contra Satanás, se o Pai o privasse das tentações? Só revela força quem enfrenta a adversidade.

Pelas tentações, José do Egito criou resistência ao mal, recusando a insinuação da mulher de Potifar, e fugiu para não cair em pecado (Gn 39.7-13). Mais tarde, suportou outras provações na prisão. Contudo, foi fortalecido e chegou a ser governador da maior potência da sua época.

c) Pelas oposições humanas no combate. Às vezes o obstáculo está dentro da própria família, como foi com José, que chegou a ser vendido por seus irmãos (Gn 45.56-

57). Também pode ser o obstáculo que vem do sistema mundano, o qual se opõe à natureza do reino e promove perseguição (2Tm 3.12; Mt 5.10). Outras vezes, vem pela liderança ou por autoridades que pervertem a justiça e o direito, como foi Elias perseguido pelo rei Acabe (1Rs 19.2).

Na exposição dos heróis da fé, o escritor aos Hebreus (cap. 11) deixa claro que cada um deles foi provado e “batizado com fogo”. Todos eles submeteram-se a grandes desafios: uns foram serrados, outros açoitados, outros maltratados; uns venceram reinos, outros apagaram a força do fogo, outros da fraqueza tiraram força, foram tentados e provados... Nós, hoje, damos continuidade a este elenco de heróis que estão aguardando o galardão por tirar força da fraqueza.

3) RESISTIR O DIABO

A vitória sobre Satanás tem um elemento irresistível que cada soldado neste combate precisa atender: A sujeição ao supremo comandante. Ninguém, por conta própria, empunha a espada ou atira com as armas de guerra. O comando é dado, as ordens são estabelecidas e têm que ser cumpridas. Não cabe ao guerreiro perguntar ou querer entender se estão corretas ou justas, se são viáveis ou não — ele as tem de cumprir. Isso se chama sujeição a Deus; colocar-se debaixo do seu senhorio. Tiago diz: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7).

Israel, quando combatia, obedecendo às ordens divinas, tinha garantia da vitória, porque ia debaixo da pro-

nessa: “O Senhor já entregou em tuas mãos”; “O Senhor pelejará por vós” (Jz 4.14; Êx 14.14).

Satanás foge diante daquele que se submete a Deus e que resiste firme na fé. O diabo pode lutar, mas não pode vencer; se lhe oferecemos resistência, ele fugirá derrotado. “Quanto a vós outros, ninguém vos resistiu [...]. Um só homem dentre vós perseguirá mil” (Js 23.9-10); “O Senhor fará que sejam derrotados na tua presença os inimigos que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas, por sete caminhos, fugirão da tua presença” (Dt 28.7).

Pedro advertiu: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé” (1Pe 5.8-9). Pedro vê, atrás das forças do homem e do Império Romano, o leão que ruge, a ferocidade do inimigo de Cristo. O sofrimento causado pela perseguição que a igreja antiga enfrentava no mundo era uma tentação para fazer vacilar os fiéis. Havia uma forma de vencer a oposição do adversário: resistir firme na fé. Pedro usa um termo militar, referindo-se à infantaria pesada de um exército formado que segue em fileiras, firme como uma torre. A resistência faz parte da estratégia do combate espiritual. Não ceder às astúcias malignas, não se dobrar diante das suas ofertas. Mesmo diante da fogueira ou na arena da perseguição, os primeiros cristãos continuavam confessando a Cristo Jesus como Senhor.

4) TOMAR TODA A ARMADURA DIVINA

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a

nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais da mal, nas regiões celestes" (Ef 6.11-12); "As armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2Co 10.4-5). Essas armas à nossa disposição não são carnis, isto é, não partem da criatividade ou inteligência humana de fazer manobras e articular estratégias. São armas dadas por Deus; e, ainda mais: a natureza da armadura é divina.

Para usar a armadura de Deus é necessário exercitar-se com disciplina contínua. Como soldados, não podemos estar desarmados nem ser achados desprevenidos. A ordem divina é tomar toda a armadura, nenhuma peça deve ser negligenciada (Ef 6.10-18):

Cinto da verdade — protege as convicções e experiências com a segurança da verdade real do evangelho. "Uma das principais coisas que você deve aprender nesta vida cristã e nesta guerra é que, se você estiver errado em sua doutrina, estará errado em todos os aspectos da sua vida. Provavelmente estará errado em sua prática e em sua conduta; e certamente estará errado em sua experiência."¹⁸ Quem conhece a verdade não teme os enganos do diabo.

Couraça da justiça — protege as emoções com a justiça de Deus. A integridade do ser humano não é adequada para o combate, ela não alcança o padrão divino. A

18. D. M. LLOYD-JONES, *Op. cit.*, p. 101.

justiça de Deus exposta na cruz e satisfeita em Jesus nos é imputada pela fé. Ela nos dá senso de confiança em Deus e proteção contra os dardos inflamados do maligno — “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica” (Rm 8.33). Não há por que temer as acusações do diabo.

Calçados da preparação do evangelho da paz — protege o andar com o equipamento que dá mobilidade e firmeza aos pés para lutar e não temer os embates do inimigo. Aqueles que pregam a Palavra precisam estar atentos à necessidade de contextualizar a mensagem para torná-la relevante ao ouvinte. Deve haver mobilidade — para ter liberdade de ação e aplicar os velhos princípios da Palavra de forma atualizada ao homem de qualquer cultura no século XXI. Firmeza — ter os pés firmes, não usar de neutralidade com a doutrina e não manipular a verdade para satisfazer as tendências teológicas e/ou missiológicas. “Quão formosos são sobre os montes os pés dos que anunciam as boas-novas...” (Is 52.7).

Escudo da fé — protege com a capacidade de aplicar e exercitar a fé no caráter perfeito de Deus. Para usar o escudo é necessária a habilidade de confessar a fé para repelir prontamente tudo o que o diabo tenta fazer. Quando os pensamentos maus surgem, quando os sentimentos nos deprimem, é hora de confessar o que cremos, recitando a Palavra e confessando a nossa fé. Escudados com a fé, os dardos inflamados do maligno não subsistirão.

Capacete da salvação — protege a mente com a esperança, a certeza da plenitude da salvação. E não teremos *nada* a temer! Como é importante o cristão dia a dia

trazer à memória a certeza da sua salvação pela graça (Ef 2.8; Jo 5.24).

Richard Wurmbrand, ministro luterano, passou mais de catorze anos em prisão comunista na Romênia, por causa da sua fé. Enfrentava interrogatórios um após outro, já tendo seu corpo marcado pela tortura; e, tendo contraído tuberculose, tomava uma cápsula que o deixava sonolento, agravando seu estado físico tão debilitado. Nessa circunstância, Satanás tentou tirar-lhe o capacete da salvação: “Um demônio zombava de mim, de dia e de noite eu ouvia sua voz: ‘Onde está Jesus? O teu salvador não pode salvar você! Você foi enganado e enganou a outros. Ele não é o Messias, você seguiu a quem não devia seguir!’ Naqueles dias negros e horríveis compus vagarosamente uma longa poesia, nestes termos: ‘Se foras um mito, eu abandonaria a realidade e contigo viveria em sonho. Se viessem a provar que tu não exististe, passarias a viver do meu amor.’ Por palavras, ritmo e exorcismo pude derrotar Satanás. Quando terminei esse poema não senti mais a proximidade de Satanás. Retirara-se.”¹⁹

A espada do Espírito — protege com a instrução e o ensino da Palavra de Deus. Também é uma arma de ataque. O manejo geral e a instrução apropriada significam usar o princípio bíblico adequado para cada tipo de ataque. Satanás, conhecendo a necessidade física de Jesus, após quarenta dias de jejum, incitou-o a transformar pedras em pão. O Senhor Jesus não usou um texto bíblico de proteção, mas um texto que refutava a insinuação do diabo: “Nem só de pão viverá o homem” (Dt 8.3). Pelo poder

19. Richard WURMBRAND, *Cristo em cadeias comunistas*. Belo Horizonte, Betânia, 1971, p. 90.

da Palavra, quando usada adequadamente, o inimigo se manterá afastado! Mais do que conhecer os textos sagrados, é necessário habilitar-se para o seu manejo, ao lançar mão das partes e do todo com destreza.

Rogério Vidal Moreira e Marlinda, sua esposa, são missionários do Betel Brasileiro na Alemanha há cinco anos. Seu segundo filho, recém-nascido, foi acometido por uma febre de 39 graus e foi diagnosticada uma infecção nos rins. Ao chegar no hospital e ver a criança com variações apresentadas no aparelho de eletrocardiograma, Rogério estremeceu e decidiu orar naquele momento. “E, quando ia formular a primeira frase da minha oração, percebi uma direção muito clara do Espírito me conduzindo a orar conforme as palavras dos Salmos 23 e 91, ministrando a Palavra de Deus diretamente a ele. Orei: ‘Samuel, tu habitas no esconderijo do Altíssimo...’ Os dois últimos versículos saíram de dentro de mim com uma profunda convicção de fé. E concluí: ‘Samuel, o Senhor lhe dará abundância de dias e lhe mostrará a sua salvação.’” O médico retornou e ficou surpreso ao observar a diferença no quadro clínico de Samuel, ocorrido em poucos minutos. “Diante da manifestação do poder da Palavra de Deus, voltamos para Tuttlingen, louvando ao Senhor e convictos do que Jesus havia dito: ‘As palavras que eu vos disse são espírito e vida’ (Jo 6.63). Chegava ao fim uma tribulação que parecia querer enfraquecer a nossa fé no campo missionário, que, no entanto, nos fez experimentar de uma maneira maravilhosa o poder da Palavra de Deus.”²⁰

20. Revista *Raio de Luz*, ano 20, edição 115, dezembro 1999, p. 31.

O supremo comandante nos mune desses preciosos equipamentos de defesa e de ataque para que, depois de vencermos tudo, permaneçamos inabaláveis (Ef 6.13).

5) USAR A AUTORIDADE DE CRISTO

O combatente cristão deve estar consciente de que a peleja não é própria, senão de Deus. Não devemos particularizar o combate. Somos apenas um soldado neste imenso batalhão e não arvoramos a bandeira em causa própria, porque nosso estandarte pertence ao reino do nosso Cristo. Lutamos em seu poderoso nome, na autoridade do nosso general. Pois ele disse: "Toda autoridade me é dada no céu e na terra, portanto, ide..." (Mt 28.18).

Usar a autoridade é estar consciente da nossa posição vitoriosa em Cristo. Estamos nele, assentados nos lugares celestiais, acima de todo principado e poder (Ef 2.6; 1.21). Cristo triunfou sobre a morte e o inferno (Ap 1.18). A fé que visualiza o túmulo vazio e o trono ocupado pelo vencedor nunca se intimidará em usar a autoridade do rei, todo-poderoso. Nele, somos mais que vencedores (Rm 8.37).

Precisamos fazer uso da autoridade divina confiados na autoridade delegada por Cristo. Os discípulos se admiraram de que o próprio Satanás se lhes submetia; então o Senhor Jesus lhes afirmou: "Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano" (Lc 10.19); "Ninguém vos poderá resistir" (At 11.25).

AUTORIDADE ESPIRITUAL É OUSADIA PARA:

a) Ligar e desligar. “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 18.18). O que Jesus nos ensina aqui é o poder da oração em unidade e concordância; é um acordo em oração, e no texto seguinte ele diz: “Em verdade também vos digo, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa, que porventura pedirem, ser-lhe-á concedida por meu Pai, que está nos céus” (Mt 18.19). “A igreja tem autoridade conferida por Jesus para pronunciar-se sobre problemas de conduta e ética, se tratando de casos disciplinares e de outras situações que não são claramente descritas no Novo Testamento. O Senhor deixa a responsabilidade com a autoridade da igreja, mediante uma atitude coletiva.”²¹ Evidentemente, à luz da verdade divina, a igreja pode ligar o indivíduo com a bênção do céu ou desligá-lo da bênção, caso o contexto seja tal qual descrito em Mateus 18. Da mesma forma, quando pregamos o evangelho, estamos abrindo o reino dos céus para o pecador. “Todo discípulo que ganha uma só alma para Cristo exerce o poder das chaves (1Co 16.9).”²²

b) Ordenar ao diabo. Alguns segmentos da igreja não aceitam essa prática de falar diretamente a Satanás; alegam que o próprio arcanjo Miguel disse apenas: “O Senhor te repreenda” (Jd 9). Porém, na condição de igreja, corpo de Cristo, temos a autoridade delegada por ele para ordenar a Satanás. Temos a vantagem de estar no reino,

21. *Bíblia Shedd*. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 471.

22. *Bíblia Shedd*, p.1356.

onde o Diabo já foi vencido. O Senhor Jesus repreendeu o Diabo, quando exorcizou o jovem lunático e quando este falou usando a boca de Pedro; e, várias vezes, falou diretamente a Satanás: “Cala-te!”; “Arreda, Satanás!” Este ordenar não deve ser apenas quando estivermos diante de um endemoninhado, mas quando percebermos os dardos inflamados em direção a nós, ou quando sentirmos as pressões malignas contra a nossa vida. Assim fez Paulo, quando notou o espírito adivinhador que estava na jovem que saía ao seu encontro; então ordenou: Retira-te dela. Na mesma hora, aquele espírito saiu (At 16.16-18). Temos de ser ousados e ordenar no nome de Jesus para que o inimigo seja detido e, assim, neutralizarmos as suas forças.

No início da década de oitenta, eu pouco tinha ouvido sobre guerra espiritual, mas tive uma aula prática do supremo comandante. Certa feita, após o trabalho de evangelização que fazíamos numa penitenciária, voltei ao seminário muito abatida com a situação daqueles detentos, principalmente com um moço que me contou suas mazelas. Quando tentava dormir, apareceu-me o rosto daquele homem aproximando-se do meu, e subitamente pus-me a orar, porque entendi que o espírito maligno que o atormentava queria perturbar-me. Nessa noite sonhei que havia um julgamento e uma voz me instruía dizendo: “Quando um juiz vai pronunciar a sentença de um réu, não declara de voz mansa e calma: ‘Ó meu prezado, infelizmente você está condenado.’ Ele declara de voz firme e segura: ‘Está condenado!’” Então aprendi a repreender o inimigo falando-lhe diretamente, fazendo uso da autoridade de Cristo.

c) Amarrar o valente, torná-lo inoperante, despojar-lhe de autoridade (Lc 11.22; Mt 12.29; Cl 2.14-15).

d) Saquear os bens do inimigo, ou seja, libertar os que estão aprisionados (Lc 13.16; Is 61.1-2).

e) Impedir que o inimigo roube a semente do coração (Mt 13.19).

f) Aniquilar os raciocínios falazes (2Co 10.4-6).

g) Destruir as obras do Diabo (1Jo 3.8).

h) Reagir ao ataque de Satanás na conquista da cidade. Satanás impediu Paulo de chegar em Tessalônica; ele, porém, reagiu saturando a cidade com a pregação do evangelho, intercedendo constantemente pelos convertidos, enviando Timóteo e pondo-se em vigilância contra os ataques de Satanás àquele rebanho (At 17.1-4; 1Ts 2.8; 3.1-6, 10).

Autoridade é fruto de um testemunho autêntico. Não basta crer, é preciso viver a doutrina que confessamos. A Palavra de Deus diz: “Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra de testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.11). O inimigo conhece a nossa vida e sabe a quem respeitar e atender. O testemunho autentica a autoridade e a autoridade é autenticada no testemunho. Mas a conduta comprometida com o pecado enfraquece a autoridade. A vida que reflete o caráter de Cristo impõe sua autoridade normalmente, isto é, sem estardalhaços, sem reivindicação positivista, mas com a ousadia por ele conferida.

6) VIGIAR EM TODO O TEMPO

A vigilância faz parte da guerra. Não basta orar, usar a armadura e conhecer as táticas do inimigo. É necessário manter-se em estado de vigilância. Após expor as armas do combate, Paulo nos exorta a vigiar com toda a perseverança (Ef 6.18). O Senhor Jesus nos deu a ordem: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”; “O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mt 26.41; Mc 13.37). O apóstolo Pedro nos lembra a necessidade de ser vigilantes e estar atentos às investidas do adversário (1Pe 5.8). Algumas questões requerem nossa tenaz vigilância:

a) *Vigiar a perda da qualidade pela quantidade.* A preocupação com números, em detrimento da formação de discípulos, é uma cilada com a qual o adversário tem conseguido fazer muitos ministérios se desviar da verdade ou não ensinar todo o desígnio de Deus. Quando Jesus ensinava aos discípulos a consistência da vida cristã, alguns foram-se retirando, e replicaram: “Duro é este discurso, quem o pode ouvir?” Jesus não mudou o discurso para agradá-los; pelo contrário, perguntou aos doze: “Quereis também vós retirar-vos?” (Jo 6.60, 67).

Independente do campo missionário, se receptivo ou resistente, o que deve nos preocupar é se estamos cumprindo fielmente a nossa missão no anúncio do evangelho. Os resultados o Senhor da seara trará. Paulo trabalhava com essa consciência: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3.6).

b) *Vigiar o desperdício de tempo.* Remir o tempo (Ef 5.16) tem o sentido de comprar, aproveitar as oportuni-

des e não desperdiçar. Atentar para as portas abertas pelo Espírito Santo para a comunicação do evangelho é uma atividade que deve ser vigiada por aqueles que estão na obra missionária. Da mesma forma, o intercessor, se não vigiar o bom uso do tempo, nunca vai encontrar tempo para orar. Programar o tempo específico para dedicar-se à oração é imprescindível para não sermos apanhados pelas múltiplas atividades que vêm roubar a atenção que devemos dar à intercessão.

c) *Vigiar a armadilha do dinheiro.* Os valores deste mundo não devem nos seduzir nem nos fascinar. Muitos dão um “jeitinho” na fé para conquistar os bens deste mundo, priorizando os valores temporais acima dos valores eternos. Na era do consumismo, aqueles que se dispõem a viver do ministério devem ser vigilantes para a sedução do ter e das ofertas do comércio. “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males.” Paulo diz: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.6-8).

d) *Vigiar as paixões carnis.* Quando o Senhor Jesus ensinou sobre a necessidade de sermos vigilantes, ele nos deu a razão, o por que vigiar: porque a carne é fraca (Mt 26.41). Ninguém pode se achar forte ou capaz de vencer sozinho as inclinações da carne atizadas pelo tentador. Devemos sempre lembrar das advertências paulinas: “Foge das paixões da mocidade”; “Aquele que pensa estar em pé veja que não caia” (2Tm 2.22; 1Co 10.12).

e) *Vigiar falatórios e debates doutrinários sem utilidade alguma.* Somos impedidos de crescer no conhecimento de Deus, muitas vezes, porque nos detemos a debater

questões doutrinárias e discussões sem utilidade, que nada acrescentam ao nosso progresso espiritual (1Tm 1.4-6; Tt 3.9; 2Tm 2.24). Quantos prejuízos a língua tem causado à obra de Deus! “A língua é fogo [que] contamina o corpo inteiro” (Tg 3.1-12). Quantas pessoas se decepcionam com a liderança porque lhe confiam seus problemas e conflitos pessoais e, depois, os vêem espalhados por toda a comunidade. Precisamos aprender com Agostinho, quando diz: “O que sei por confissão, o sei, menos do que aquilo que nunca soube.”

7) JEJUAR

Jejum é a abstenção de comida com o propósito de dedicar um sacrifício a Deus com um objetivo específico. “Jejum é ter fome de Deus”, definiu John Piper. É um exercício espiritual determinado pelo Senhor. Pode ser total ou parcial, individual ou coletivo. Uma disciplina regular, quando separamos um dia ou dias da semana para jejuar, ou pode ser uma chamada específica do Espírito Santo, um impulso sobrenatural para o jejum.

A nação de Israel recebeu como estatuto do Senhor afligir a alma no dia da expiação, dia nacional de purificação (Lv 16.29-31). “Afligir a alma se refere à abstinência de comida, à humilhação e à lamentação pelos pecados, que eram o conteúdo básico do jejum.”²³

O jejum não pode ser confundido com dieta alimentar; ele não diz respeito apenas a uma disciplina física, mas envolve a alma e o espírito. É uma autonegação do

23. *Bíblia Shedd*, p. 165.

desejo imprescindível para a vida, o alimento responsável pela própria subsistência.

O jejum é uma abstinência voluntária com um propósito específico. Quando a nação judaica enfrentava a pena de morte, com dia marcado (selado pelo anel do rei), a rainha Ester — levantada para tal conjuntura — pediu a Mordecai que promulgasse um jejum de comida e água para todos os judeus. O Senhor atentou para a aflição do seu povo e houve grande livramento (Et 4.16).

A volta de Israel do cativeiro, a reconstrução de Jerusalém e a restauração da nação se deram debaixo do exercício do jejum (Ne 1.4; Ed 8.21). O profeta Daniel lutou em intercessão diante de Deus, a favor do seu povo, confessando os pecados da nação, e isto com jejum (Dn 9.3). Foi em abstinência que Daniel recebeu as grandes visões que revelaram a vitória final do reino messiânico para a nação de Israel (Dn 10).

O Senhor Jesus, antes de iniciar seu ministério, foi ao deserto e jejuou por quarenta dias e quarenta noites (Mt 4.1-4). A igreja de Antioquia estava em jejum quando ouviu a voz do Espírito ordenando separar Paulo e Barnabé para a obra missionária e, daí, deu-se a expansão do evangelho em toda a Ásia Menor. Para tomar decisão sobre a eleição de presbíteros, a igreja de Jerusalém dedicou-se à oração e ao jejum. O jejum aumenta a concentração na oração (At 13.2; At 14.23). Paulo testemunhou que o seu labor missionário era acompanhado pela prática do jejum (2Co 6.5; 11.27).

Para o enfrentamento com o adversário, o Senhor Jesus ordenou o jejum: “Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]” (Mt 17.20; Mc 9.29). Mesmo não constando a palavra *jejum* nos manuscritos mais antigos desse texto, a ênfase à prática do jejum está explícita por toda a Escritura, principalmente como reforço espiritual para enfrentar uma batalha específica. Frente a frente com os filisteus, Samuel congregou o povo de Israel em Mispa e jejuaram naquele dia — os filisteus foram derrotados. Quando os exércitos de Moabe e Amom vieram à peleja contra Josafá, este apregoeou jejum em todo o Judá para pedir socorro ao Senhor; e o reino de Josafá teve paz (2Cr 20).

O Senhor Jesus foi censurado pelos discípulos de João e pelos fariseus, porque seus discípulos não jejuavam; Jesus lhes afirmou: “Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar” (Mt 9.15). Estamos vivendo esses dias, após a sua ascensão. Devemos, pois, nos dedicar ao jejum particular. E fazer isto sem expressão exterior, como nos foi recomendado, aguardando apenas que o Pai que, vê em secreto, nos recompense (Mt 6.16-18). Também devemos praticar o jejum coletivo, como a nação escolhida e a igreja antiga costumavam fazer. Convoquemos a igreja, os seminários teológicos, as diretorias das agências, os grupos de oração, todos unidos na batalha espiritual com jejum e oração a favor da obra missionária, da santificação da igreja, da implantação do reino de Deus na terra.

Em alguns períodos da história houve conclamações de jejum nacional. Em 30 de janeiro de 1661, Charles I

promulgou um dia de jejum na Inglaterra, como sinal de arrependimento nacional. Em 5 de junho de 1967, foi declarado pelo rabino principal um dia de jejum a favor de Israel, na guerra entre judeus e árabes.²⁴ No Brasil, o Pr. Enéas Tognini conclamou a igreja evangélica para dedicar-se a jejuar pela pátria todo dia 15 de novembro, nas décadas de 1960 a 1980. Essa prática foi atendida por milhares de crentes e centenas de igrejas, ano após ano em nosso país.

O jejum promove a sensibilidade espiritual. “Diz o Senhor: Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto” (Jl 2.12). Falando sobre seus intercessores, Paul Y. Cho afirma: “Jejuando, nossos intercessores se tornam sensivelmente mais conscientes da importância do pedido. Assim, eles podem visualizar o problema pelo qual oram, bem como a resposta. O fato é que já aprendemos que Deus atende às petições acompanhadas de jejum.”²⁵

Os avivamentos e os movimentos missionários são marcados pelas vidas de grandes homens de Deus que se dedicam ao exercício do jejum.

A MINISTRAÇÃO DOS ANJOS COMO RECURSO DIVINO PARA A BATALHA ESPIRITUAL

Somos conhecedores dos poderes malignos e de sua atuação, mas queremos lembrar que o Senhor nos oferece um grande e valioso recurso para a batalha espiritual, que são os seus anjos, espíritos ministradores, enviados para prestar serviço a favor dos que hão de herdar a salvação

24. David R. SMITH, *Fasting, a neglected discipline*. CLC, 1969. p. 35.

25. Paul Yonggi CHO, *Op. cit.*, p. 130.

(Hb 1.14). Não cabe aqui fazer uma defesa teológica da angelologia, apenas indicar sua benéfica e poderosa atuação como um recurso divino do qual devemos lançar mão na luta espiritual.

Os anjos são reais. Em toda a Escritura encontramos esses seres em ação, tanto no céu como na terra — às vezes de forma visível, outras vezes invisível. Até hoje, há testemunho da presença e da atuação dos anjos na história do povo de Deus. “O império dos anjos é vasto como a criação divina. Se o leitor acredita na Bíblia, acreditará na intervenção deles. Eles atravessam o Velho e o Novo Testamentos, sendo mencionados direta ou indiretamente cerca de trezentas vezes.”²⁶ Os anjos são seres poderosos, dotados de grande inteligência e poder. Eles executam as ordens do céu. Deus comanda a sua vontade através desses seres que estão a seu dispor para obedecê-lo. “Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedecéis à palavra” (Sl 103.20).

Os anjos são inumeráveis. Quando o Senhor Jesus foi preso, um dos discípulos queria defendê-lo com uma espada, mas ele disse: “Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?” (Mt 26.53) — Jesus sabia que o Pai dispõe de seres angelicais para servi-lo. O apóstolo João teve a visão de milhões de milhões de anjos (Ap 5.11). Às vezes, eles aparecem sozinhos, outras vezes se manifestam em equipe. Eles formam um exército bem organizado, com funções definidas e com uma escala hierárquica: arcanjos, anjos, serafins, querubins, autoridades, potestades.

26. Billy GRAHAM, *Anjos: os agentes secretos de Deus*. Rio de Janeiro, Record, p. 23.

Quando o príncipe da Pérsia lutou com o anjo e este não pôde vencê-lo, Miguel veio para ajudá-lo (Dn 10.13). Judas define Miguel como um arcanjo (Jd 9).

Os anjos manifestam as obras de Deus, nunca atraindo a atenção para si mesmos. Essa é a percepção evangélica dos anjos: eles são ministros de Deus para manifestar o seu poder a nosso favor. A glória, o poder, as virtudes são expressões de Deus; por isso, não atribuímos aos anjos nenhuma adoração nem pomos neles a nossa confiança.

Os anjos se manifestam de várias formas, como: homem, fogo e vento, sempre numa categoria mais elevada que as entidades malignas. “Os cristãos não deverão nunca deixar de perceber o efeito da glória angélica. Glória esta que eclipsa incessantemente o mundo de poderes demoníacos, como o sol a luz da vela.”²⁷

COMO IDENTIFICAR A AÇÃO DOS ANJOS:

1) Contemplar, com os olhos da fé, que maior é o exército dos anjos a nosso favor que os espíritos opositores contra nós. Para o profeta Eliseu, não era difícil ver os milhares de anjos que estavam a seu redor. O seu ajudante, porém, estava apavorado porque só contemplava as tropas da Síria que cercavam a cidade. Então Eliseu orou para que os olhos dele fossem abertos, o Senhor os abriu, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu, que já estava seguro disso: “Mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2Rs 6.14-17).

27. Idem, p. 26.

2) Perceber que maior é a força e o poder dos anjos para nos libertar do que o poder que tenta nos prender. Quando Pedro estava na prisão, apareceu-lhe um anjo que quebrou as correntes e abriu os portões de ferro para ele passar entre as sentinelas, livrando-se da mão de Herodes. Ele declarou atônito: Deus enviou o seu anjo! (At 12.7-11). Precisamos crer que essa possibilidade de livramento também está a nosso favor, mesmo que não seja na mesma dimensão. A Palavra afirma: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra” (Sl 34.7).

3) Confiar em Deus que envia o seu mensageiro para nos assegurar vitórias. A caminho de Roma, com duzentas e setenta e seis pessoas no navio, depois de usar todos os meios para não perecer diante da tempestade que durou vários dias, dissipando-se toda a esperança de salvamento, Paulo recebeu a visita de um anjo que o encorajou e lhe assegurou: “Nenhuma vida se perderá!” Logo recobrou o ânimo e fortaleceu a todos os companheiros de viagem, e chegaram a salvo (At 27).

4) Atentar para a ação divina através dos anjos para renovar as forças físicas, mentais e emocionais. Daniel estava tremendo diante das visões que recebeu, mas o anjo do Senhor o tocou e ele foi fortalecido (Dn 10.18). Billy Graham testemunhou, em 1985: “Como evangelista, amiúde me sinto por demais esgotado para pregar do púlpito para homens e mulheres que enchem estádios para ouvir uma mensagem do Senhor. Entretanto, repentinamente minha exaustão desaparece e minha força é renovada. Torno-me repleto da força divina, não apenas em minha alma, mas fisicamente. Em muitas ocasiões, Deus se tornou parti-

cularmente real, enviando seus invisíveis visitantes angélicos para tocar meu corpo, a fim de permitir-me ser seu mensageiro."²⁸

5) Crer que os anjos atuam na promoção do evangelho entre os povos. Eles não são chamados para pregar, porque só a pessoa remida pode fazer isso. Eles anelam perscrutar, isto é, eles se inclinam para entender e contemplar a maravilhosa graça de Deus operando a salvação do ser humano (Ef 3.10; 1Pe 1.12). Eles agem indicando o caminho para alcançar o pecador, na hora em que o coração está pronto para ouvir a mensagem. Assim foi com Filipe, ao encontro do etíope. O anjo não podia fazer o etíope entender o texto que estava sendo lido, mas podia avisar ao evangelista para fazê-lo. Há anjos envolvidos onde o evangelho estiver sendo pregado.

6) Entender que os anjos antecipam a revelação das boas-novas àqueles que não têm oportunidade de ouvir. Assim aconteceu com Cornélio, um soldado romano que precisava ouvir de Jesus e não tinha quem lhe falasse; então, o anjo informou-lhe acerca de um pregador, e deu-lhe o endereço certo para que mandasse chamá-lo. Pedro veio, pregou-lhe o evangelho e toda a casa dele foi salva (At 10). Experiências como essa têm acontecido repetidamente em nossos dias entre os povos não-alcançados. Ouvimos testemunhos de pessoas que receberam a visita de um ser desconhecido, o qual trouxe um benefício de cura e informou-lhes acerca do missionário; a pessoa foi procurá-lo e a salvação entrou na família. O nosso Deus opera hoje! "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

28. Idem, p. 63.

7) Os anjos compartilham com alegria a salvação do perdido. A recepção de alguém na família de Deus traz alegria tanto na terra como no céu. “Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15.10). Os anjos se regozijam quando a igreja de Cristo cumpre a sua missão de trazer a ovelha perdida para os braços do bom Pastor.

8) Os anjos vêm para recolher os remidos. Na parábola do rico e o do mendigo, Jesus conta que Lázaro morreu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão (Lc 16.22). Em outra ocasião, Jesus disse que, na consumação dos séculos, os anjos sairão e separarão os maus dos bons — “Os ceifeiros são os anjos” (Mt 13.39,49).

Estive várias vezes em missão no Peru, na época em que os guerrilheiros dominavam principalmente a região sudeste. Hospedei-me, certa vez, na casa do missionário Rômulo Quicaña, que trabalhava arduamente pela igreja quéchua e, juntamente com sua família, empenhou-se na tradução da Bíblia para o seu povo. Soubemos, com tristeza, que ele tinha sido executado pelo grupo “Sendero Luminoso”. A Missão Portas Abertas publicou esse episódio. Ele foi mais um mártir do nosso século. Quando seu tio Miguel Quicaña nos visitou no Betel Brasileiro, em João Pessoa, contou-nos como Rômulo, juntamente com um grupo de irmãos, havia sido assassinado. Miguel foi o único homem que escapou; e, ao levantar-se do chão, porque se fizera de morto, perguntou para Deus: “Senhor, onde estavam os anjos?” E o Senhor lhe respondeu: “Os anjos vieram para buscá-lo.” Esta certeza de fé traz consolo ao nosso coração.

Na guerra espiritual nem sempre temos consciência de toda a situação que nos envolve. Mas, há total consciência de que temos um poderoso recurso do céu. Os exércitos de Deus! "Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem" (Sl 91.11). Gosto muito de recitar esse versículo quando percebo as pressões malignas. Cremos que o batalhão de Deus está sob o Seu comando para nos livrar e guardar.

Se eu deixar de gastar duas horas em oração a cada manhã, o diabo consegue a vitória no decorrer do dia.

Martinho Lutero

Satanás está mais ansioso em nos impedir de ficar de joelhos do que em nos fazer cair.

Ivor Pawell

A única preocupação do diabo é impedir o crente de orar. Ele não teme estudos, trabalho e religião sem oração. Ele ri de nossa labuta, zomba de nossa sabedoria, mas treme quando oramos.

Samuel Chadwick

Gosto de oração que jorra com força; ela alcança o céu antes que o diabo acerte um tiro nela.

Rowland Hill

Grande parte de nossas orações é tão somente pedir a Deus que abençoe as pessoas, contudo oração não é simples conversa; é guerra.

Alan Redpath

Há tremendo poder na oração, muito mais que o mundo imagina.

Alfred Tennyson

A oração é um escudo para a alma, um sacrifício a Deus e um açoite para Satanás.

John Bunyan

A HISTÓRIA DE MISSÕES E A ORAÇÃO

A prática da oração permeava e dirigia todas as atividades da igreja antiga — “perseveravam nas orações” (At 2.42). Atos dos Apóstolos, livro também às vezes chamado de Atos do Espírito Santo, é assim identificado pela ação poderosa e direta do Espírito que agia livremente em todas as atividades da igreja e no campo missionário. Não era essa ação um fruto da forte ênfase que a igreja dava à prática da oração?

A história comprova que, quando há oração, há liberdade para o Espírito agir. E a ação precípua do Espírito é convencer o ser humano dos seus pecados e levá-lo a reconhecer Jesus como Senhor. O que estamos querendo enfatizar é a real correlação existente no trinômio: oração — avivamento — obra missionária. Ou seja, quando a igreja

ora, o Espírito movimenta-se e o resultado é a obra missionária.

A Idade Média é chamada a idade das trevas, também em termos espirituais porque os cristãos institucionalizaram a igreja e tornaram a oração meras repetições das orações dos denominados santos, sem consciência do que se dizia, sem vida, sem expressão do sentimento pessoal, sem uma comunicação real com o ser divino. Durante aquela época, a igreja corrompeu-se e perdeu a sua função de ser “casa de oração para todos os povos.” Isso não quer dizer que não houve grandes homens e mulheres que neste período se consagraram à oração. Refiro-me à igreja da época, não a experiências pessoais. Pois sabemos que o nosso Deus sempre tem, como em Israel, os sete mil que não se dobraram a Baal. E, certamente em respostas às orações de homens como Wycliff, John Huss e Jerônimo Savonarola, Deus levantou um monge com coragem de expor a própria vida para provocar profundas transformações e restabelecer os princípios divinos para a igreja de Cristo.

Martinho Lutero era um homem de oração. Quando estudava no convento, declarou: “Orar bem é a melhor parte dos estudos.”¹ O grande reformador estava consciente de que a luta que travava contra o sistema eclesiástico da época e a árdua tarefa de trazer de volta os princípios divinos eram um enfrentamento direto com Satanás. Por isso, dizia que, se não passasse duas horas de manhã orando, recearia que Satanás ganhasse a vitória sobre ele durante o dia. Certo biógrafo seu escreveu: “O tempo que ele passa

1. Orlando BOYER, *Heróis da fé*, 3ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 1986, p. 24.

em oração produz o tempo para tudo o que faz.”² A Reforma Protestante, do século XVI, trouxe de volta a verdadeira fé que expressa a verdadeira vida cristã.

A preocupação pela preservação da doutrina levou os reformadores a se dedicarem à defesa da fé, à refutação das heresias e à produção de literatura para o ensino da teologia protestante. Esta forte ênfase ocupou a liderança de tal forma que refletiu num inexpressivo avanço missionário transcultural.

Este quadro só começou a mudar com o Movimento Morávio. Alguns irmãos sentiram necessidade de separar algumas horas diárias para o propósito da oração, e não tardou vir sobre eles um derramar do Espírito Santo. Decidiram que o fogo sagrado nunca poderia se apagar do altar (Lv 6.12-13). Os intercessores tomaram isso como uma ordem, e até as crianças sentiam impulso para a oração, que uniu a comunidade e lhes despertou o desejo de levar a salvação de Cristo aos pagãos.

Em 13 de agosto de 1727, teve início uma vigília de oração que continuou noite e dia, sete dias da semana, sem qualquer interrupção, por mais de cem anos. Foram tempos de avivamento e de missões, como também de preparação para o grande despertamento missionário que se seguiu. *“Não havia heróis missionários, mas uma igreja voltada para a sua função no mundo. A Igreja Morávia procurou ensinar e treinar cada um dos seus membros a considerar como seu primeiro dever o de doar a própria vida para tornar Cristo conhecido. Nos primeiros vinte anos*

2. Idem, p. 38.

de existência, a Igreja Morávia enviou mais missionários do que o protestantismo europeu o fizera em 200 anos."³ O Conde Nicolaus Ludwig von Zinzendorf, seu líder, foi um dos maiores estadistas missionários de todos os tempos; atuou e intercedeu intensamente pela obra missionária no século XVIII.

Enquanto o Espírito soprava entre os morávios (na Alemanha), alunos da Faculdade de Yale, na cidade de New Haven (nos Estados Unidos), receberam um grande avivamento. David Brainerd, entre outros estudantes, se entregou para levar o evangelho aos índios americanos. O Senhor encheu-lhe o coração de amor por este povo. Ele testemunhou: "Deus me deu o espírito de lutar em oração pelo reino de Cristo no mundo [...]. Ele me concedeu agonizar em oração até ficar com a roupa encharcada de suor."⁴ Ele sentia poder na intercessão pelos perdidos e pelo progresso do reino do querido Senhor.

Brainerd enfrentou muitos perigos de vida entre os silvícolas, mas aprendeu a buscar refúgio na torre forte do nome do Senhor. Era um jovem com apenas 25 anos, sozinho, mas lutando intensamente para não confiar em si mesmo quanto à extensão do reino de Deus entre os índios. Ele testemunhou: "Passei a tarde orando incessantemente, pedindo o auxílio divino para que eu não confiasse em mim mesmo. O que experimentei, enquanto orava, foi maravilhoso. Parecia-me que não havia nada de importância em mim, a não ser santidade de coração e de vida, e o anelo pela conversão dos pagãos."⁵ Com intensa dedica-

3. Ruth A. TUCKER, *Até aos Confins da Terra*. São Paulo, Vida Nova, 1986, p. 73.

4. BOYER, *Op. cit.*, p. 37.

5. *Idem*, p. 90.

ção ao trabalho e uma vida abnegada de oração e de jejum, estabeleceu uma igreja entre os índios de Nova Jersey e os convertidos chegaram a mais de 150 em um ano. Em 1747, David Brainerd morreu de tuberculose, aos 29 anos, cumprindo a sua oração de oferecer-se para passar por sofrimento, desde que fosse pelo avanço do reino de Cristo entre os pagãos.

A oração e o avanço missionário dos morávios também preparou o caminho para William Carey e a nova era das missões modernas. Numa cidade do interior da Inglaterra, o Espírito Santo estava trabalhando na vida deste jovem pobre e simples. Tudo começou com um chamado à oração. Carey era recém batizado, e aconteceu em sua igreja uma conferência da Associação Batista, em 1784. John Sutcliff convocou os pastores para realizar toda segunda-feira do mês uma reunião de oração como objetivos bem definidos: "O principal pedido da reunião deve ser que o Espírito Santo seja derramado sobre os pastores e igrejas, que os pecadores sejam convertidos, que os santos sejam edificados, que o interesse pela religião seja reavivado, e o nome de Deus seja glorificado. Lembrem-se, ao mesmo tempo, de que esperamos que vocês não se limitem em seus pedidos às suas próprias comunidades, ou aos seus próprios relacionamentos mais imediatos; que o interesse amplo do Redentor seja lembrado com carinho, e que a expansão do evangelho às regiões habitáveis mais distantes do globo seja o objetivo dos seus pedidos mais fervorosos." A receptividade foi admirável. Todas as igrejas da Associação começaram a orar com seriedade nunca vista.

Carey participava das reuniões e fez do seu ambiente de trabalho um lugar de intercessão. Enquanto consertava sapatos, tinha diante de si um mapa mundi, por meio do qual o Senhor das nações foi colocando a compaixão pelos povos pagãos em seu coração, e assim ele foi despertado para evangelizar os perdidos. Sete anos após a convocação para oração, ele levantou-se e pregou o sermão que desafiou a liderança para preocupar-se com a evangelização dos pagãos. Carey esforçou-se orando, escrevendo e falando sobre o dever de levar Cristo as outras nações. “Ele não deixou de mencionar o papel da oração em preparar seu coração e o dos outros para a grande tarefa que estavam abraçando.”⁶

Em 13 de junho de 1793, partiu para a Índia. Durante seus 41 anos de ministério naquele país multicultural e multilíngue, traduziu as Escrituras para mais de trinta línguas. Escreveu várias gramáticas e dicionários, fundou uma escola de preparação de obreiros que fez avançar a evangelização entre os povos não-alcançados daquela época. Fundou, em Serampore, o centro de atividade missionária batista, onde recebia outros missionários, tornando-se um exemplo harmonioso de cooperação. Serviu ao país fundando e ensinando em várias escolas; também fundou a Sociedade de Agricultura e Horticultura e publicou livros sobre a flora indiana. Só foi possível vencer todos os obstáculos e fazer uma obra tão extensa e produtiva porque vivia possuído pela chama do amor divino e alimentado pela oração. Assim, Carey deixou sua marca na Índia e nas missões mundiais. Apropriadamente, é considerado o “pai das missões modernas”.

6. Timothy GEORGE, *Fiel testemunha — vida e obra de William Carey*. São Paulo, Vida Nova. 1998, p. 82-84.

É neste período que nascem as sociedades missionárias independentes ou denominacionais, com leigos e eruditos, homens e mulheres que se dedicaram integralmente à expansão do evangelho. “Nunca o cristianismo ou qualquer outra religião tivera tantos indivíduos em tempo integral na propagação da fé. Nunca tantas centenas de milhares contribuíram voluntariamente de seus meios a fim de assistir à difusão do cristianismo ou de qualquer outra religião.”⁷

Surge, então, “o grande século missionário, período que compreende os anos de 1792 a 1914, pertencente às épocas mais brilhantes da história da igreja e especialmente da história de missões. Um movimento missionário sem igual, desde os tempos dos apóstolos, caracterizou estes 122 anos, onde a determinação, a coragem, a fé e o sucesso acompanharam a maioria dos pioneiros e seus sucessores.”⁸

Desta época, destacamos grandes personagens, homens de oração que fizeram o reino eterno se expandir aos lugares mais difíceis e escondidos da terra:

Henrique Martyn conheceu o testemunho do trabalho de William Carey, na Índia, e sentiu-se dirigido por Deus para trabalhar no mesmo país. Os obreiros que ali estavam decidiram clamar ao Senhor da seara que enviasse trabalhadores, pois a necessidade era muito grande e poucos os obreiros. Em abril de 1806, Martyn desembarcou na Índia e foi recebido alegremente como resposta às orações. Entregou-se ao serviço; entretanto, separava dias

7. Ruth A. TUCKER, *Op. cit.*, p. 116.

8. Bertil.EKSTRÖM, *História de missões*. Rio de Janeiro, CEMIBI, 1993, p. 47.

inteiros para a intercessão, pois, para ele, “a oração não era uma formalidade, mas o meio certo de quebrantar os endurecidos e vencer os adversários.”⁹

John Hyde é conhecido como “o homem que orava”. Ao concluir seu curso, um colega desejava persuadi-lo na decisão de entregar-se para a obra missionária, mas ele disse: “Não era de argumentos que ele carecia, mas devia ir ao quarto, prostrar-se de joelhos e permanecer perante Deus até resolver a questão em definitivo. Na manhã seguinte, disse ao colega: Estou resolvido.”

A bordo em caminho para a Índia, recebeu um telegrama: “Estás cheio do Espírito Santo?” Ele era conhecido como um grande pregador e ficou irritado com a pergunta, que julgou ousada. “Naturalmente eu estou, pois eu sou um missionário!” Mas, voltou ao camarote e de alguma forma Deus lhe falou; caiu de joelhos e se entregou inteiramente ao Senhor. “Entregou tudo, e clamou com fé pelo poder do Espírito Santo em sua vida. John Hyde foi para a Índia, e um grande reavivamento se realizou.”¹⁰

John Hyde buscou forças em Deus para vencer as fraquezas da própria humanidade. Certa vez, durante um culto, ele se levantou e disse: “Não dormi a noite inteira, não comi durante o dia. Tive uma grande luta com Deus. Sentia-o chamando-me para vir aqui e testificar-lhes de algumas coisas que ele fez em minha vida.” Contou-lhes simples e humildemente como lutara contra certos pecados e como Deus lhe dera a vitória. Após falar, todos os

9. BOYER, *Op. cit.*, p. 113.

10. Billy GRAHAM, *A plenitude do Espírito e como obtê-la*. Editora Louvores do Coração, 1968, p. 23.

presentes caíram em pranto e em confissão, e muitas vidas foram profundamente transformadas.

Inúmeras vezes, na sala de oração, Hyde expressava o seu clamor e choro pelo mundo perdido. Seus colegas testemunharam que Deus derramou um espírito tão forte de intercessão e súplica pelas almas perdidas que contagiou os crentes da Índia, e muitos agonizavam juntamente com ele. Hyde passava noites inteiras em oração, a ponto de ficar com o corpo debilitado. “Um peso consumia-lhe a alma: a agonia do Senhor Jesus no Getsêmani pela redenção do mundo. Sentia a missão de ‘completar o que resta das aflições de Cristo’ (Cl 1.27). Ele se gastava em oração e clamava: ‘Pai, dá-me almas ou morrerei!’ Em 1910, pediu quatro almas por dia, e, muitas vezes, ganhava dezenas. Ele costumava dizer: ‘Se nos conservamos juntos a Jesus, ele é quem atrai as almas, por nosso intermédio. Mas é necessário que ele seja levantado em nossas vidas; isto é, devemos ser crucificados com ele.’ Sob o poder da sua intercessão, multidões caíram de joelhos diante do Pai celestial. John Hyde anunciou o evangelho aos indianos e ganhou cem mil almas para Cristo. Ele fez da oração a base de todo empreendimento para o reino de Deus.”¹¹

Os grandes reavivamentos nos séculos XVIII e XIX, em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, foram responsáveis pelo despertar dos cristãos para a evangelização mundial.

A Inglaterra vivia dias de frieza espiritual, o cristianismo era ridicularizado, a conduta moral era obscena,

11. Francisco A. McGaw, *O homem que orava*, 3ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 1983.

nos distritos rurais a ignorância era extrema, a maioria do clero era mundano. Do ano 1700 até a época da Revolução Francesa, a Inglaterra parecia estéril de tudo o que é realmente bom.¹² Porém, Deus usou dois grandes homens para mudar esta história: George Whitefield e John Wesley; com profunda piedade e incansável pregação puramente evangélica, eles arrebataram da perdição milhares de pessoas de todas as classes e convicções religiosas, e trouxeram para a Inglaterra tremendas transformações morais, sociais e espirituais. O país viveu um grande avivamento!

Da Inglaterra, o fogo do Espírito Santo foi-se espalhando para Escócia, País de Gales e outras partes da Europa, chegando aos Estados Unidos. George Whitefield e John Wesley se tornaram grandes ganhadores de almas. “Em três de outubro de 1742, Whitefield pregava na Escócia e 10.000 pessoas foram quebrantadas com o poder de Deus com choro e pranto.” Aonde ia, levava o fogo do avivamento e as multidões eram tocadas com o poder de Deus. Nos últimos dias de sua vida, Whitefield escreveu para Wesley dizendo: “O que Deus fez por nós, em nós e por meio de nós... Ó Deus! Tudo isso transcende certamente o nosso entendimento.”¹³

Durante a vida, Wesley seguiu o exemplo de sua mãe, orando e meditando na Palavra duas horas por dia. Quando foi estudar o colegial, longe da família, continuou reservando duas horas para estar sozinho com Deus. Logo convidou alguns colegas para orar e estudar a Escritura e jejuar duas vezes por semana. Certo dia, enquanto orava,

12. J. C. RYLE, *Líderes evangélicos do século XVIII*. Editora Clássicos Evangélicos, 1988, p. 9.

13. Wesley L. DUEWEL, *O fogo do reavivamento*. São Paulo, Candeia, 1995, p. 61.

recebeu uma forte visita  o do Esp  rito Santo e essa experi  ncia dilatou seu minist  rio, que se tornou grandemente frut  fero. Por 53 anos trabalhou com um cora  o em chamas com o amor divino. Wesley considerava a ora  o a coisa mais importante de toda a sua vida. As vig  lias e os jejuns eram pr  ticas constantes em seu minist  rio. "O reavivamento wesleyano foi um reavivamento da prega  o [...]. Os l  deres do metodismo eram homens santos de Deus, batizados pelo Esp  rito, que proclamavam a verdade b  blica [...]. Com o metodismo, o cristianismo recuperou o seu lugar de direito na vida nacional, deu grande   mpeto ao trabalho com crian  as e instilou uma nova vis  o mission  ria."¹⁴

Do reavivamento nos Estados Unidos, dois grandes homens s  o lembrados, Charles G. Finney (1792-1875) e Dwight L. Moody (1837-1899). Finney n  o era apenas um homem de ora  o, mas insistia em que as pessoas orassem, e sua cidade inteira foi contagiada pela ora  o. Por toda parte se ouviam vozes de ora  o, porque, quando se encontravam os crist  os, tinham um objetivo especial: orar. O resultado foi uma igreja cheia do Esp  rito Santo e se calcula mais de 200 mil convertidos.

Em Boston, no ano 1840, na Igreja de Park Street, iniciou-se uma reuni  o de ora  o di  ria que durou dez anos. Em 1857, Jeremias C. Lamphier come  ou uma reuni  o de ora  o, ao meio-dia, para dar oportunidade aos homens de neg  cio participarem; em quatro meses, cem mil pessoas foram salvas nessas reuni  es. Em todo o pa  s

14. *Idem*, p. 71.

houve um despertar para a oração evangelista, isto é, intercessões direcionadas para a salvação dos amigos, dos parentes e dos vizinhos. Eram reuniões de oração dirigidas por mulheres, por leigos e por pastores. “Em todo o país, pelo menos em dez mil cidades e municípios realizavam-se reuniões de oração ao meio-dia, e pelo menos um milhão de pessoas foram convertidas no despertar de 1857-1858.”¹⁵ Um movimento de muita oração produz um movimento de grande colheita.

Charles Finney foi para Londres e, durante nove meses, lá esteve pregando; milhares foram convertidos e um reavivamento iniciou-se na Inglaterra. Influenciado por Finney, Humphrey Jones começou no País de Gales uma reunião de oração diária, às 5 horas da manhã, e o Espírito de Deus trouxe um poderoso avivamento entre aquele povo. David Morgan foi desafiado por Jones e recebeu uma profunda visitação de Deus quando orava, às quatro horas da madrugada; e, aonde quer que Morgan fosse, o Espírito Santo era derramado e inúmeras pessoas se convertiam.¹⁶ O País de Gales experimentou em sua história grandes bênçãos de avivamento, no século XVIII: O Espírito Santo estava ceifando a colheita dos anos de pregação e dos anos recentes de oração.

Para começar grandes coisas, o nosso Deus sempre inicia com um chamado à oração. Assim ele fez com apenas quatro jovens estudantes da Faculdade Williams, que se despertaram para orar no monte Hermom, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Eles influenciaram outros e ali se dedicaram ao serviço missionário. Em 1886,

15. Idem, p. 109.

16. Idem, p. 148.

nasceu o Movimento Estudantil Voluntário, o qual prosperou por cerca de 50 anos; enviou 20.500 estudantes para o campo missionário. Em 1891, houve a primeira convocação missionária estudantil internacional, à qual compareceram 352 instituições, entre elas 40 faculdades e 32 seminários que participavam do sustento desses voluntários que seguiram para o campo. Os jovens estudantes, na sua maioria de classe nobre, voluntariamente renunciaram a conforto e riquezas e desistiram de carreiras profissionais, para se entregarem de todo o coração à evangelização dos povos. Destacamos, entre eles: J. Hudson Taylor, fundador da Missão para o Interior da China, e Charles Studd, fundador de A Missão de Evangelização Mundial (WEC). Estas missões continuam ativas, mantendo centenas de missionários ao redor do mundo.

O século XX foi marcado por um grande mover do Espírito Santo nos países do terceiro mundo. É o caso da Coreia do Sul, país budista: há 110 anos, não tinha sequer um cristão e hoje, somente em Seul, a capital, tem sete dentre as dez maiores igrejas do mundo. A Igreja Central do Evangelho Pleno, em Seul, é fruto do mover do Espírito de Deus pela oração. Paul Y. Cho narra: "Vinte anos antes de iniciar a igreja, Deus levantou uma senhora para interceder sobre a região onde hoje está a igreja. O Espírito Santo lhe dera uma visão de que ali se estabeleceria uma agência do reino eterno. Deus usou aquela senhora fiel, numa oração de intercessão, para levar o Espírito Santo a pairar sobre essa área, muitos anos antes que a visão viesse a se concretizar."¹⁷ O sucesso extraordinário do crescimento

17. Paul Yonggi CHO, *Oração, a chave do avivamento*. Belo Horizonte, Betânia, 1996, p. 87.

da igreja da Coréia do Sul está na vida de oração de seus líderes e do povo coreano, que aprendeu a orar durante horas e até dias seguidos. Diz Paul Y. Cho: “Minha vida não seria a mesma, se não passasse horas de oração diariamente, começando cedo pela manhã. Não há meios de saber os problemas que eu teria de enfrentar se não orasse diariamente.”

Na metade do século XX, Nigéria, Guatemala, Brasil e outras nações receberam um despertamento espiritual. O Brasil, da década de 1970 para a década de 1980 cresceu mais de 150% em sua população evangélica. Surgiram movimentos de oração, como a Marcha para Jesus, iniciada no Reino Unido, a qual envolve 30 milhões de cristãos, anualmente, ao redor do mundo; a Rede de Intercessão Unida, as Mulheres de Ação Global, que unem diversos movimentos de oração em mais de 100 países; o Desperta Débora, um movimento para as mães se unirem intercedendo pelos filhos e consagrando-os para a obra de Deus; além dos movimentos de Batalha Espiritual, Jornadas de Oração, entre outros.

Em 1995, participei do Congresso Internacional do Movimento AD2000, na Coréia do Sul, e fiquei hospedada na montanha de oração da Igreja Metodista. Conheci outras montanhas de oração de outras igrejas. São locais preparados só para as pessoas que querem se dedicar à oração e ao jejum. Essas iniciativas têm obtido resultados extraordinários ao gerar a consciência da necessidade e da urgência da oração, envolvendo um profundo compromisso com a intercessão pela salvação do mundo.

Ao construir o Vale da Bênção, em Araçariguama/SP, o Pr. Jonathan Ferreira dos Santos iniciou a obra pelo “Centro de Oração”, onde quase sempre há alguém orando.

O Espírito se movimentou recrutando um grande exército de intercessores como nunca visto na história cristã. “O impacto da oração no mundo é imensurável, e o avanço do evangelho pode ser atribuído a um massivo movimento de oração que envolve milhares ou mesmo milhões de cristãos.”¹⁸

Nunca, antes, houve tantos cristãos mobilizados para a oração específica pelo mundo muçulmano, pelos povos não-alcançados da Janela 10/40, pelos povos indígenas, pelo reavivamento da igreja européia e por um derramar do Espírito no mundo antes do tempo do fim. De muitas formas, Deus tem respondido as orações, mas aguardamos com grande expectativa que ele ainda fará coisas extraordinárias como resultado do incenso que continua queimando.

18. Patrick JOHNSTONE, *The church is bigger than you think*. Christian Focus Publications/ WEC, 1998, p. 129.

O progresso da história da igreja é a história da oração.

Eleanor L. Doan

Por toda parte onde a religião é viva no mundo ela é oração.

Adolpho Deissmann

Em sua oração, todo cristão é um embaixador para o mundo inteiro, especialmente para os grupos humanas nos quais está inserido.

Michel Quoist

Durante mais de quarenta anos, o sol nunca se levantou na China sem me encontrar de joelhos, em oração.

J. Hudson Taylor

A oração move o braço que movimenta o mundo.

G. D. Watson

Nenhuma nação conta com cidadãos tão importantes como aqueles que ensinarem os seus filhos a orar.

Josh Billings

PASSOS PRÁTICOS PARA O MINISTÉRIO DE INTERCESSÃO

Nosso objetivo neste capítulo é oferecer algumas orientações àqueles que desejam formar ou ativar o ministério de oração em sua igreja.

PRIMEIRO

Se Deus estiver levantando você para iniciar este ministério de oração em sua igreja, busque autorização e apoio da sua liderança. É importante lembrar o que o Pr. Edison Queiroz diz: "O pastor é a pessoa chave para missões mundiais na igreja local." A partir do momento em que o programa de oração fizer parte do planejamento

mensal e anual da igreja, terá boa aceitação e se desenvolverá melhor.

SEGUNDO

Mobilize pessoas para orar e forme um grupo tanto para divulgar como para atuar junto com você nas iniciativas do ministério de oração. O desafio está em mobilizar sua igreja, sua denominação, sua cidade, seu estado e seu país, a fim de envolver o corpo de Cristo no ministério de intercessão pela obra missionária.

TERCEIRO

Organize o local específico da oração:

A sala de oração. Esta deve ser de fácil acesso e, se possível, manter-se aberta para quem deseja orar. Se não houver uma sala específica, procure adaptar um espaço que seja adequado para este fim.

Ao preparar a sala, atente para alguns detalhes: a) Substitua as cadeiras por tapetes e almofadas. b) Exponha e procure manter sempre atualizado o maior número de informações de campos missionários. c) Inclua um mapa mundi e mapas regionais, bandeiras e adornos que lembrem diversos países e culturas do mundo. d) Prepare um mural com a exposição de fotos e de cartas de missionários. e) Catalogue boletins de agências missionárias e cartões de oração. f) Disponha catálogos, livros e artigos que incentivem a pesquisa e a oração missionária, tais como:

Intercessão mundial, de Patrick Johnstone (AMEM).

Você pode mudar o mundo, de Jill Johnstone (UNILIT; versão juvenil do anterior).

Adote um povo (descrições concisas de povos etnolingüísticos carentes do evangelho).

Guia de estudo para oração evangelística, de Evelyn Christenson.

Outro local pode ser o *centro de oração* e a *montanha de oração*. Estes são lugares fora da cidade, construídos com uma estrutura de hospedagem para receber pessoas que desejam dedicar alguns dias ou semanas em oração.

QUARTO

Mantenha uma relação de assuntos específicos que carecem de intercessão constante, como:

Igreja local: liderança, os vários departamentos, projetos etc.:

- Edificação espiritual dos membros.
- Despertamento missionário envolvendo todos os membros.
- Consciência e visão missionárias dos pastores e dos líderes.
- Pessoas chamadas e vocacionadas para serem enviadas aos campos carentes.
- Fidelidade da igreja no sustento financeiro dos missionários.
- Prioridades: almas são mais importantes do que construções.

Avivamento da igreja.

Agências missionárias e secretarias de missões das várias denominações.

Escolas e centros de treinamento missionário.

Pedidos específicos dos missionários e dos campos onde eles atuam:

- Saúde física, emocional e espiritual, tanto do missionário quanto da sua família.
- Sustento financeiro necessário para as suas necessidades.
- Adaptação transcultural.
- Sabedoria para o trabalho lingüístico, cultural e especialmente para a comunicação do evangelho, evitando confrontos desnecessários à cultura que os recebe.
- Conservação íntegra da vocação perante as provações.
- Programas e projetos.
- Relacionamento com a equipe.
- Integração com a agência e a igreja enviada.
- Frutos no ministério.

Nações e povos não-alcançados.

Pedidos pessoais dos voluntários de oração e demais irmãos e familiares.

QUINTO

Organize um cronograma de oração:

Estabeleça um dia específico da semana para os grupos de oração se reunirem.

Promova um momento de oração missionária nos cultos semanais e nas classes da escola bíblica dominical. Incentive a igreja a adotar um missionário e um povo específico e a manter contato com eles, na medida do possível.

Aproveite as datas históricas, as datas nacionais e mundiais programadas no calendário da igreja evangélica. Podem ser aproveitadas, entre outras datas: Dia Internacional da Mulher (8 de março); Dia do Índio (19 de abril); Dia da Independência do Brasil (7 de setembro); Dia da Criança (12 de outubro); Dia Mundial de Oração pela Igreja Sofredora (10 de junho); Dia de Oração pela Criança Africana (16 de junho); Dia Mundial de oração pelas crianças e adolescentes em risco (2 de junho); Dia Mundial de Oração pelos Povos Não-alcançados (15 de outubro); Dia Nacional de Oração pelo Brasil (15 de novembro).

SEXTO

Organize diferentes modelos de oração.

Oração em trios. Este é um conceito desenvolvido na Inglaterra, na década de 1980, por Bryan Mills, para a cruzada “Mission England” do Dr. Billy Graham. Mills trabalhava na época como secretário de oração da Aliança Evangélica Mundial. Originalmente destinada a gerar oração pelos indivíduos perdidos que seriam convidados para

a cruzada, a idéia difundiu-se através da Inglaterra e do mundo inteiro.

Este modelo de oração sugere o seguinte: três irmãos (ou três casais) encontram-se uma vez por semana, na igreja ou fora dela, e cada um escolhe três pessoas não crentes e três nações ou povos não-alcançados para levá-los a Deus em oração, citando seus nomes e necessidades pessoais. Também devem orar uns pelos outros para que o grupo persevere. O intercessor deve buscar oportunidade para a evangelização dessas três pessoas por quem está intercedendo, e, quando elas se converterem, deve ajudar a integrá-las na igreja. Aquele que intercede também evangeliza, e o que evangeliza, intercede. Dessa forma, a evangelização do mundo será realizada por todos e em menos tempo.

Cadeia de oração S.O.S. para pedidos de emergência. Tenha uma lista de pessoas com quem você pode contar a qualquer hora. Surgindo uma necessidade, disque para a primeira pessoa, ela ligará para outra, e assim, sucessivamente, em poucos minutos, você pode contar com dezenas de pessoas em oração.

Evelyn Christenson, falando a revista *Raio de Luz* sobre estratégias que a mulher pode usar para implementar uma vida de oração no lar, conta que, quando começou a corrente de oração por telefone, colocou um mural ao lado do telefone na cozinha para anotar os pedidos que recebia. “Eu os anotava e depois acionava a corrente de oração para as pessoas começarem a orar. E depois elas ligavam para contar as respostas. Eu anotava as respostas e

ligava de novo para que a resposta fosse passada a todas.”¹ Essa estratégia de oração, além de trazer muitas bênçãos para a igreja, deu ao seu lar um clima glorioso da presença de Deus e um forte exemplo para os seus filhos do poder da oração.

Relógio de oração. Esse modelo possibilita uma corrente ininterrupta de oração por 24hs, 48hs, 72hs..., conforme o tempo que Deus orientar. Divida as 24 horas do dia entre pessoas ou grupos, indicando o tempo e os pedidos específicos. Segue um exemplo:

Tempo de oração	Voluntários para oração	Pedidos de oração
1:00h às 2:00hs		
2:00h às 3:00hs		
3:00h às 4:00hs		
4:00h às 5:00hs		
5:00h às 6:00hs		
...		
23:00h às 24:00hs		

Dependendo da disponibilidade de cada um e da quantidade de voluntários, o espaço de tempo entre um voluntário e outro pode ser reavaliado.

É importante que, antes de iniciar o relógio de oração, seja feita uma reunião com todos os participantes para orientar e para distribuir entre eles todos os pedidos de oração propostos.

O sucesso do relógio de oração dependerá do empenho pessoal e da disposição de cada integrante de estar lembrando ao seu sucessor que chegou o seu momento agendado para orar.

1. Revista *Raio de Luz*, ano 27, ed. 104, março de 1997, p. 8.

Células de oração na igreja ou no lar. São grupos que se reúnem com uma proposta específica de oração. O crescimento da maior igreja do mundo (Igreja Central do Evangelho Pleno, em Seul, na Coréia do Sul) se deu a partir da formação de células de oração nos lares.

Concerto de oração. Campanhas ou reuniões de oração, tanto na igreja local, como em grandes concentrações. Segue um modelo:

Confissão: reflexão e quebrantamento para confissão dos pecados. Oração silenciosa e leitura de textos sobre confissão (exemplo: Salmo 51).

Adoração: com cânticos, com a leitura dos salmos e com oração.

Consagração: oração de entrega (oferecer a vida no altar do Senhor), seguida da leitura de textos para dedicação (momento de oração individual).

Intercessão pela igreja, sua liderança local, seus programas eclesiais (indicar pessoas para orar em voz alta).

Intercessão missionária: orar por nações, povos não alcançados, agências enviadoras, conselho de missões e missionários (diversificar os tipos de oração: em grupos, em duplas ou oração conjunta).

Oração por avivamento: clamar pelo mover do Espírito Santo no Brasil e no mundo.

Oração de combate: resistir à oposição de Satanás à obra de Deus.

Louvor: cânticos, oração e leitura de salmos em gratidão pelo que o Senhor tem feito e fará em resposta às orações.

SÉTIMO

Leve a igreja a participar de eventos, como:

Marcha de oração. Arregimente o povo de Deus para sair às ruas de sua cidade e, numa passeata, acompanhada por carro de som, proclamar as boas-novas de salvação através de cânticos, pregações curtas e intercessão pela cidade. Esse evento já acontece em pelo menos 177 países. No Brasil, a “Marcha para Jesus” tem levado centenas de milhares às ruas.

Retiro de oração. Aproveite especialmente os feriados para, em lugares previamente reservados, desenvolver uma programação inteiramente voltada para a oração, incluindo momentos de meditação na Palavra de Deus, louvor e testemunhos de orações já respondidas.

Vigília missionária. Selecione o maior número de informações e necessidades específicas para a intercessão.

Jornada de oração. Forme caravanas para orar em lugares específicos.

OITAVO

Organize programas de oração por faixa etária ou por sexo:

- Crianças
- Adolescentes

- Jovens
- Adultos
- Mulheres
- Homens

NONO

Programe seminários de oração (*workshops, oficinas*) para treinar os intercessores e os líderes dos grupos de oração. O conteúdo deve incluir:

Ensino bíblico doutrinário sobre a oração.

Ensino de estratégias, estabelecimento de alvos e projetos.

POR UM COMPROMISSO INDIVIDUAL DE ORAÇÃO

Incentive a intercessão missionária particular. Cada cristão deve manter o seu tempo pessoal de oração diária, pois a nossa responsabilidade tanto é pessoal quanto coletiva. Organize o seu tempo pessoal de oração:

1) Fazendo uma agenda de oração com a lista de pessoas e de povos, incluindo pedidos específicos pelos quais se compromete a orar.

2) Usando os incidentes do dia como lista de oração não escrita. Ao assistir a uma reportagem, ao ler um noticiário, ao presenciar algum fato nas ruas da cidade, podemos usar a oração de frases curtas para invocar a bênção divina para esses casos.

3) Munindo-se de informações para a intercessão. A oração deve ser específica; para isso, devemos atentar para o que vamos pedir. Lembremo-nos de Neemias: ele estava no palácio, servindo ao rei da Pérsia, mas, quando ouviu do seu irmão Hanani como estava a situação de Jerusalém — muros derrubados, portas queimadas e o povo que lá restou em grande miséria — lamentou, chorou, jejuou, orou e falou com o rei. Daí iniciou-se o processo de restauração, como conhecemos da história relatada por ele no seu livro. Precisamos receber informações da situação dos povos para orar especificamente e para perceber os resultados.

4) Organizando em seu lar um cantinho de oração onde você possa colocar um mural com fotos e cartas de missionários, mapas para conduzir sua intercessão pessoal etc. Assinale no mapa as nações que você está adentrando de joelhos. Faça do seu tempo de oração uma tarefa missionária. Mantive em minha escrivaninha um mapa, no qual eu coloria nação por nação a cada dia que orava. Evidentemente, devemos orar por todas as nações e por muitos missionários em um programa diário e sistemático. Porém, não devemos usar apenas essa estratégia, porque dessa forma não podemos acompanhar o desenrolar dos fatos nem ver as respostas das nossas orações. Devemos também adotar um missionário e um povo específico para orar diariamente. Você verá na eternidade os efeitos da oração, que fez a mão divina movimentar-se ao redor do mundo.

Quando trabalhamos, trabalhamos; quando oramos,
Deus trabalha.

Oswaldo Smith

A oração não precisa de prova; necessita de prática.

Paul E. Holdcraft

A oração é um privilégio maravilhoso. Por esse meio
podemos aprender a desafiar os homens através de Deus.

Hudson Taylor

Feliz é o homem que aprendeu o segredo de se
apresentar a Deus diariamente em oração. Quinze minu-
tos a sós com Deus, a cada manhã, antes de começar o
dia, podem mudar as circunstâncias e remover montanhas.

Billy Graham

Você pode fazer mais do que orar depois de ter
orado, mas não pode fazer mais do que orar até que tenha
orado.

A. I. Gordon

O segredo do êxito no reino de Cristo é a capaci-
dade de orar.

E. M. Bounds

POSFÁCIO:

A MISSÃO DE INTERCEDER

A igreja brasileira ainda está nas fases iniciais do seu envolvimento com a obra missionária transcultural: engatinhou quando começou a enviar missionários às tribos indígenas, deu seus primeiros passos quando passou a transbordar para os países vizinhos, entrou no entusiasmo adolescente quando se dispôs a enviar missionários para os países de língua portuguesa na África e na Ásia.

Agora chegou a fase da juventude: ainda pouca experiência, mas já mais equilíbrio. Cada vez mais missionários vão para países de difícil acesso. Cada vez mais se estuda as causas de retorno de tantos missionários da fase do entusiasmo. Investe-se mais no preparo dos missionários e no seu cuidado pastoral.

O que é preciso aprender agora é que o trabalho missionário não é só de quem vai para o campo, mas também de quem envia. No livro *A missão de enviar*, lançado

recentemente pela editora Descoberta, Neal Pirolo mostra, com números, como numa guerra secular há cada vez mais pessoas na retaguarda para cada soldado na linha de frente. Neste livro *A missão de interceder*, escrito com a autoridade de quem pratica, Durvalina B. Bezerra mostra qual é a principal tarefa na obra missionária: orar.

Fui missionário por dois anos em Angola, como professor de teologia no Instituto e Seminário Teológico Evangélico de Lubango. Antes de partir para o campo, percorri as igrejas que se uniram no envio da minha família, desafiando os crentes: Quem sente de Deus o chamado para orar por nós? A todos os que se manifestaram pessoalmente dei uma foto da família para ser colocada em lugar visível da casa ou dentro da Bíblia, e pus seu nome na minha lista. Eles oravam por mim, eu orava por eles.

Acompanharam-me as orações de mais de 500 pessoas! Quando me assaltava o desânimo ou o cansaço, eu puxava aquela lista de computador, em que eu conhecia quase todos, e sabia: eles estão orando por mim!

Angola, país africano de língua oficial portuguesa porque foi colonizado por Portugal, como o Brasil, está em guerra desde 1961. A independência foi alcançada em 1975. Os vários grupos de guerrilha, no entanto, não chegaram a um acordo depois da saída dos portugueses, e a guerra continuou, até hoje.

Da base aérea em nossa cidade, que é capital de província, diariamente decolava uma dúzia de jatos Mig21 soviéticos para lançar bombas sobre aldeias ocupadas pelas forças que combatiam o governo. Ouvíamos o estrondo das suas turbinas ao partirem e ao retornarem.

Comecei a me perguntar: Para que serve a força aérea em uma guerra? Aviões não conquistam território; quem conquista é a infantaria, que vai por terra e ocupa espaços. A força aérea serve para enfraquecer o inimigo. Este pode até ser superior em número à infantaria que o ataca, mas se seus arsenais forem destruídos pelas bombas e suas tropas forem espalhadas, a força terrestre pode avançar. A força aérea também protege a infantaria de ataques pelos flancos, impedindo que seja apanhada de surpresa em pontos fracos.

Vi nisso uma ilustração para o papel da oração na obra missionária. O missionário na linha de frente pode ser comparado à infantaria. Ele está invadindo território inimigo, para libertar pessoas da opressão do regime de Satanás. Seu trabalho já não é fácil: ele a princípio não é bem-vindo, porque não foi convidado; foi enviado. Precisa conquistar as pessoas pelo amor. Aí ele entra em conflito com as forças que dominam aquela gente. Esse combate ele não pode enfrentar sozinho.

Para vencer essa luta é preciso um exército. E como a luta é espiritual, o exército tem de ser de pessoas que oram. Aí entra a força aérea de Deus. Como acontece com os aviões, para a oração não há fronteiras de países impedindo sua passagem. Ela vai por cima dos obstáculos e, de cima, ataca, enfraquece e destrói as forças do adversário. Assim, ela abre o cerco de escuridão que aprisiona os perdidos, e os torna dispostos para ouvir a mensagem de salvação.

A oração também cerca o missionário de proteção, para impedir que seja atacado. O apóstolo Paulo faz refe-

rência a isso em 2Coríntios 1.8-11: “Não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos.”

O apóstolo Paulo, como missionário, passava por dificuldades, que podem ter sido físicas ou emocionais. Isso o fez confiar cada vez mais em Deus. A ajuda que veio de Deus fez com que muitas pessoas fossem conquistadas para a salvação e passassem a dar glória a Deus. No entanto, isso se deu pelo trabalho conjunto de missionário e igreja em oração (“ajudar” tem o sentido de “co-laborar”, “trabalhar junto, em pé de igualdade”).

Ao despedir-me dos amigos angolanos, recebi uma recordação que prezo como a maior de todas. Em meia folha de caderno estava escrito: “Diploma de pastor amigo — porque você veio em tempo de guerra.” Guerra civil, com muitos perigos de emboscadas e tiroteios, na cidade e em viagem, na qual Deus nos protegeu pela ação das suas tropas, que guerrearam em oração.

Prezado leitor, que este livro possa ter sido um chamado poderoso para você se alistar na força aérea de Deus!

Hans Udo Fuchs

Editor

BIBLIOGRAFIA:

AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo, Livraria Apostolado da Imprensa, 1977.

AMTB, *Padrão de qualidade*, ponto 2 da Introdução. São Paulo, 1996.

Caio Fábio d'ARAÚJO Filho, *Batalha espiritual*. Rio de Janeiro, VINDE, 1996.

———, *Oração para viver e morrer*. VINDE, 1993.

Marcello AZEVEDO, *Oração na vida: desafio e dom*. São Paulo, Loyola, 1988.

Ricardo BARBOSA, *O caminho do coração*. Curitiba, Encontro, 1998

George BARNÁ, *O poder da visão*, 3ª ed. São Paulo, Abba Press, 1999.

M. BOUNDS, *Os tesouros da oração*. São Paulo, Vida.

———, *The possibilities of prayer*. Grand Rapids, Baker.

Orlando BOYER, *Heróis da fé*, 3ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 1986.

Myers BRYANT, *O desafio urgente de missões mundiais*. Belo Horizonte, Missão Editora, 1995.

Russell CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia e filosofia*, v. 2. São Paulo, Candeia, 1997.

———, *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, vol. 4 e 5. São Paulo, Candeia, 1980.

Paul Y. CHO, *Oração, a chave do avivamento*. Belo Horizonte, Betânia, 1996.

Evelyn CHRISTENSON, *Guia de estudo para oração evangelística*. Movimento A.D. 2000, 1992.

———, *Uma jornada de oração*. São Paulo, Mundo Cristão, 1996.

- CONGRESSO DE LAUSANNE, *A missão da igreja no mundo de hoje*. São Paulo, ABU e Visão Mundial, 1982.
- Lettie COWMAN, *Mananciais no deserto*, 10ª ed. Belo Horizonte, Betânia, 1986.
- Wesley DUEWEL, *O fogo do reavivamento*. São Paulo, Candeia, 1995.
- , *Toque o mundo através da oração*. São Paulo, Candeia, 1991.
- , *Em chamas para Deus*. São Paulo, Candeia, 1996.
- Dick EASTMAN, *Love on its knees*. Chosen books, 1989.
- Bertil EKSTRÖM, *História de missões. Um guia de estudo da história missionária*. Belo Horizontes, Betânia, 1993.
- Bertil EKSTRÖM e Paulo Mendes, *Missões & Cia*. Londrina, Descuberta, 2000.
- Francis FOULKES, *Eféios, introdução e comentário*. São Paulo, Mundo Cristão, 1979.
- Chery FULLER, *Quando as mães oram*. Rio de Janeiro, CPAD, 1999.
- Billy GRAHAM, *Anjos, os agentes secretos de Deus*. Rio de Janeiro, Record, 1975.
- , *A plenitude do Espírito e como obtê-la*. São Paulo, Louvores do Coração, 1968.
- Norman P. GRUBB, *Rees Howells — intercessor*. Belo Horizonte, Betânia, 1974.
- David HARLEY, *Missões: preparando aquele que vai*. São Paulo, Mundo Cristão, 1997.
- James HOUSTON, *Orar com Deus*. São Paulo, Abba Press, 1995.
- Neuza ITIOKA, "A missão da igreja e o confronto com a opressão espiritual e as práticas demoníacas", em *A missão da igreja*. Belo Horizonte, Missão Editora, 1994.
- Patrick JOHNSTONE, *The church is bigger than you think*. Londres, CFP e WEC, 1998.

- , *Intercessão mundial*. Belo Horizonte. AMEM, 1994.
- Ronaldo LIDÓRIO, *Entre todos os Povos*. Fronteiras, 1996.
- , *Kerigma, o desafio geográfico*. São Paulo, Agência Presbiteriana de Missões Transculturais.
- , *Missões, o desafio continua II*. Fronteiras, 1994.
- Ted LIMPIC (ed.), *Adote um povo*. São Paulo, COMIBAM/AD2000/AMTB/SEPAL.
- , “Os missionários brasileiros: quanto tempo eles estão ficando?”, em William D. TAYLOR (ed.), *Valioso demais para que se perca*. Londrina, Descoberta, 1998.
- Martin LLOYD-JONES, *O combate cristão*. São Paulo, PES, 1991.
- , *Pregação e pregadores*. São Paulo, Fiel, 1998.
- , *Os puritanos, suas origens e seus sucessores*. São Paulo, PES, 1993.
- , *O soldado cristão*. São Paulo, PES, 1996.
- Lorry LUTZ, *Mulheres que se arriscam por amor a Deus*. Rio de Janeiro, VINDE, 1998.
- Francisco McGAW, *O homem que orava*. Rio de Janeiro, CPAD, 1997.
- Jim MONTGOMERY, *Amanhecer — princípios e práticas de um crescente movimento para evangelização mundial*. Dawn Ministries, 1993.
- John R. MOTT, “A responsabilidade dos jovens pela evangelização do mundo”, em *Missões transculturais — uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987.
- Ricardo MUNIZ, “A igreja sofredora”, em *Modelos missionários para o século XXI*. 1998.
- Augustus NICODEMUS, *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo, Cultura Cristã.
- Gilberto Norman PICKERING, *Guerra espiritual*. Rio de Janeiro, CPAD, 1987.

Raio de Luz, ano 20, ed. 115, dezembro de 1999.

Francis A. SCHAEFFER, *Verdadeira espiritualidade*. São Paulo, Fiel, 1980.

Cathy SCHALLER, *Dawn intercession handbook*. 1992.

———, "Learning to stand in the council of the Lord", em *Aos Que Ainda Não Ouviram*. Palestras do Congresso Brasileiro de Missões Caxambu. São Paulo, Sepal, 1993.

David SEAMANDS, *A cura das memórias* 7ª ed. São Paulo, Mundo Cristão, 1999.

———, *O poder curador da graça*. São Paulo, VIDA, 1990.

Russell P. SHEDD, *Bíblia Shedd*. São Paulo, Vida Nova, 1998.

David SMITH, *Fasting, a neglected discipline*. CLC, 1976.

Erlo STEGEN, *Reavivamento na África do Sul*. Clássicos Evangélicos, 1989.

John STOTT, *Ouçá o Espírito, ouça o mundo*. São Paulo, ABU. 1997.

Jaime STRACHAN, *Catarina Booth (a marechala)*. Belo Horizonte, Betânia, 1970.

J. Hudson TAYLOR, "A chamada para o serviço", em *Missões transculturais — uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987.

William D. TAYLOR (ed.), *Valioso demais para que se perca*. Londrina, Descoberta, 1998.

Sammy TIPPIT, *Preparado para a batalha*. Rio de Janeiro, JUERP, 1995.

Enéas TOGNINI, *Batismo no Espírito Santo*. São Paulo, Louvores do Coração, 1960.

Ultimato, ano 33, nº 266, outubro de 2000.

Kenneth WUEST, *Romans in the Greek New Testament*. Grand Rapids, Zondervan, 1956.

Richard WURMBRAND, *Cristo em cadeias comunistas*. Belo Horizonte, Betânia, 1971.

ENDEREÇOS

Queremos deixar alguns endereços para aqueles que se desejam trabalhar com adoção de povos ou receber mais informações sobre o movimento missionário brasileiro.

■ AMTB (Associação de Missões Transculturais Brasileiras)

Caixa Postal 6101

Brasília/DF 70749-970

Tel.: (61) 468-7220

E-mail: amtb@attglobal.net

■ COMIBAM Internacional

Apartado 27 – I 019 – 07

Cuidad de Guatemala

Guatemala

Tel.: (502) 254-2949/50

E-mail: lilian@comibam.org.gt

Você pode adquirir vasto material de pesquisa em transparências, cartões de oração, perfil dos povos indígenas brasileiros e descrições de povos etnolingüísticos carentes do evangelho e catálogo de agências missionárias, na:

■ SEPAL (Serviço de Evangelização Para a América Latina)

Caixa Postal 2029

São Paulo/SP 01060-970

Tel.: (11) 5523-2544

E-mail: sepal@xc.org www.infobrasil.org

Informações e material sobre o preparo de missionários:

■ APMB (Associação de Professores de Missões do Brasil)

Caixa Postal 3941

São Paulo/SP 01065-970

Tel.: (11) 3105-5845

E-mail: betel@osite.com.br

Para ajudar na formação e na manutenção dos conselhos ou secretarias de missões da igreja local:

■ ACMI (Associação de Conselhos Missionários de Igrejas)

Caixa Postal 2029

São Paulo/SP 01060-970

Tel.: (11) 5523-2544

E-mail: acmi@acmi.org.br www.infobrasil.org/acmi

Mulheres de Ação Global, movimento internacional que trabalha mobilizando mulheres em todo o mundo. Una-se a nós!

■ Mulheres de Ação Global

CA11, lote 5, Lago Sul

Brasília/DF 70351-714
Tel.: (61) 242-3774
E-mail: amide@zaz.com.br

Escritório da coordenação no estado de São Paulo:

■ Caixa Postal 3941
São Paulo/SP 01065-970
Tel.: (11) 3105-5845
E-mail: betel@osite.com.br

■ Escritório internacional:
2860 S. Circle Drive, Suite 2112
Colorado Springs, CO 80906
Estados Unidos

■ Projeto Brasil 2010
Caixa postal 2029
São Paulo/SP 01060-970
Tel.: (11) 5523-2544
E-mail: info@brasil2010.org www.brasil2010.org

Para adquirir informação sobre a igreja perseguida:

■ Missão Portas Abertas
Caixa Postal 45.371
São Paulo/SP 04010-970
Tel.: (11) 5181-3330

LIVROS SOBRE A OBRA MISSIONÁRIA,

Publicados pela Descoberta Editora, ou publicados pela Missão Horizontes e distribuídos pela Descoberta Editora:

- *Ações pastorais da igreja com a cidade.* Jorge Henrique Barro.
- *Administração das finanças na obra missionária.* Édison Queiroz.
- *Atos que contam.* Paul Pierson
- *A chave para o problema missionário.* Andrew Murray.
- *Chuva na montanha* (biografia de James O. Frasier). Ellien Crossman.
- *Crianças em crise.* Glenn Myers.
- *Esperança para os muçulmanos.* Don McCurry.
- *Força empresarial em missão integral.* Heinz Suter e Marco Gmür.
- *Impacto evangelístico integral.* Césio J. de Moura (ed.).
- *Lírios entre espinhos: cristãos chineses contam sua história.* Danyun.
- *Os mais pobres entre os pobres.* Glenn Myers.

- *O melhor para missões.* Édison Queiroz.
- *A missão de enviar.* Neal Piroló.
- *Missionários: preparando-os para perseverar.* Margaretha N. Adiwardana.
- *Missões & Cia.* Bertil Ekström e Paulo Mendes.
- *Saúde integral a partir da igreja local.* E. Anthony Allen.
- *Servindo com os pobres na América Latina.* C. René Padilla.
- *Transformando vocacionados em modelos de exportação.* Pedro Luis de Paula Filho.
- *Valioso demais para que se perca.* William D. Taylor (ed).